

Materiais Islâmicos do Sítio da Rua do Sembrano, Beja

Helena Patrícia Saúde Casmarrinha

Dissertação de Mestrado em Arqueologia Medieval

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Helena Patrícia Saúde Casmarrinha,
Materiais Islâmicos do Sítio da Rua do
Sembrano, Beja, 2013

Janeiro de 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Varela Gomes

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho foi necessário, não só o meu trabalho individual como todo o apoio necessário prestado por terceiros. Desta forma começo por prestar os meus agradecimentos em primeiro lugar à minha Orientadora de Tese, a Professora Doutora Rosa Varela Gomes, pelo tempo disponibilizado, a sua dedicação, o seu apoio e por me ter guiado ao longo deste estudo, indicando-me, quando necessário, a direcção mais correcta para concluí-lo.

Agradeço à Câmara Municipal de Beja o facto de disponibilizar o conjunto cerâmico objecto desta análise bem como a atenção, apoio e disponibilidade total para responder a qualquer questão, por parte da Dra. Susana Correia (Arqueóloga responsável pelos trabalhos entre 1987 e 1993), do Dr. Rui Aldegalega (Câmara Municipal de Beja, Museu Jorge Vieira), e da Dra. Isabel Ricardo (Arqueóloga da Câmara Municipal de Beja).

A toda a equipa do Museu Jorge Vieira, que me acolheu ao longo de vários dias de estudo e registo do espólio, agradeço a paciência e o carinho demonstrado, sobretudo a Tânia Matias, que me dispensou alguns desenhos já por si elaborados, de algumas das peças estudadas, os quais se encontram devidamente identificados com o seu nome.

É necessário agradecer ao Dr. Santiago Macias, por nos ter dispensado um pouco do seu tempo, transmitindo os seus conhecimentos, quando o tema para este trabalho se encontrava ainda por definir, colocando-se à disposição para qualquer dificuldade sentida na sua realização.

É fundamental agradecer à minha família sem a qual não teria sido fácil a conclusão de uma Licenciatura e muito menos de um Mestrado. Agradeço-lhes o seu carinho e apoio e, sobretudo a sua paciência nos momentos negativos.

Por fim, mas não menos importante, ao Artur, todo o seu apoio, carinho e paciência nos momentos menos bons, o qual nunca me permitiu desistir.

MATERIAIS ISLÂMICOS DO SÍTIO DA RUA DO SEMBRANO, BEJA

Helena Patrícia Saúde Casmarrinha

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Beja, Rua do Sembrano, Cerâmica Islâmica, Cultura Material

Esta dissertação efectua o estudo da colecção de materiais islâmicos recolhidos ao longo das escavações realizadas no sítio da Rua do Sembrano em Beja, entre 1987 e 1995.

Sobre aquela cidade, até este momento, temos conhecimento do que nos relatam as fontes escritas islâmicas, não existindo vestígios arqueológicos suficientes para compreender o quotidiano na antiga *Baja* a qual assistiu a tantas batalhas neste período (entre diversas tribos árabes, entre árabes e berberes, entre os antigos senhores locais e os que ali se começavam a fixar), detendo um papel de extrema relevância durante os momentos iniciais da Presença Islâmica, até ao seu declínio nos séculos X-XI. Pretendemos com o presente estudo contribuir, de algum modo, para melhor conhecer aqueles tempos.

ABSTRACT

KEYWORDS: Beja, Rua do Sembrano, Islamic Pottery, and Material Culture.

This dissertation presents a study of the collection of Islamic materials collected over the excavations at the site of Rua do Sembrano in Beja, between the years of 1987 and 1995.

The main goal is to get some answers regarding the Islamic occupation in that city.

At this moment, we only know what the ancient Islamic written sources tell us, but they do not explain how everyday was lived in "*Baja*". That city watched so many battles in this period (between the several Arab tribes, between Arabs and Berbers), holding a role of paramount importance during the early stages of the Islamic presence until its decline in the X-XI centuries.

ÍNDICE

Capítulo 1.

- 1.1. Introdução..... 1-2
- 1.2. Metodologia.....3-10

Capítulo 2. Território e Cultura

- 2.1. Distrito e Concelho..... 11
- 2.2. Caracterização do Concelho
 - 2.2.1. Geomorfologia..... 11-12
 - 2.2.2. Geologia..... 12
 - 2.2.3. Solos..... 13
 - 2.2.4. Clima.....13-14
 - 2.2.5. Coberto Vegetal14-19
 - 2.2.6. Fauna.....19-22
 - 2.2.7. Hidrografia.....22-23

Capítulo 3. Período Islâmico

- 3.1. O Território do *al-Andalus*.....24-25
- 3.2. História Islâmica de Beja25-29
- 3.3. A *Kura* de Beja
 - 3.3.1. Limites da *Kura*30-31
 - 3.3.2. Administração Política31-33
 - 3.3.3. O espaço rural de Beja.....33-34
 - 3.3.4. A Exploração Mineira34-35
 - 3.3.5. Rede Viária36-38
 - 3.3.6. Comunicações Marítimas38-39
- 3.4. Herança Islâmica no Sul de Portugal39-42
- 3.5. Arqueologia Medieval Islâmica em Beja..... 42-45

3.5.1. A Rua do Sembrano	45-50
Capítulo 4. Catálogo	
4.1. Loiça de mesa.....	51-68
4.2. Vasilhame de armazenamento e transporte.....	68-69
4.3. Contentor de fogo.....	70
Capítulo 5. Análise do Material.....	71-105
Capítulo 6. Paralelos.....	106-112
Conclusão.....	113-116
Bibliografia.....	117-124
Anexos	125

Capítulo 1

1.1.Introdução

O presente estudo tem como objecto o conjunto cerâmico islâmico recuperado ao longo das intervenções arqueológicas realizadas entre 1987 e 1995, no sítio da Rua do Sembrano, em Beja. Este pretende ser um contributo para um maior conhecimento arqueológico sobre o que terá sido a presença árabe naquela cidade entre os séculos VIII e XII, uma vez que são ainda poucas as informações disponíveis a este nível. Sabe-se que *Baja* terá mantido, pelo menos até ao século X, a importância que já havia adquirido aquando da ocupação romana. As fontes escritas da época fazem referência a essa importância, mas referem também um período de grande instabilidade nos primeiros momentos de formação daquela Kura (séculos VIII e IX).

No que se refere cidade islâmica, não são feitas descrições, como acontece para outras onde a presença árabe também se registou, na actual Península Ibérica (Macias, 2006, p.27). Desta forma, não é possível determinar a localização exacta da muralha, assim como da alcáçova ou da mesquita. Relativamente à primeira, a sua destruição durante os combates entre árabes e cristãos aquando da Reconquista da cidade e a construção de um novo amuralhamento logo após a vitória cristã, poderá justificar a dificuldade em detectar arqueologicamente qualquer troço de muralhada islâmica. Apesar disso, alguns estudiosos começam já a levantar algumas hipóteses quanto à sua localização, como é o caso de Santiago Macias, que traça na sua Tese “*Mértola, le dernier port de la Méditerranée*” uma possível linha de muralha para aquela época^(Fig.2) (Macias, 2006, pp.107-113). No que diz respeito à alcáçova, sabe-se da sua existência apenas pelas fontes escritas árabes, mas mais uma vez, arqueologicamente não foi ainda possível identificá-la. Relativamente à mesquita da cidade de *Baja*, existem referências em fontes escritas cristãs, à presença de um elevado número de pequenas mesquitas por toda a cidade (Marques, 1993, p.225). Talvez essa descrição seja um pouco exagerada mas pelo menos duas mesquitas deveriam existir naquele espaço, sendo que a maior, poderia localizar-se na zona da actual Igreja de Santa Maria, a maior da cidade, situada no seu Centro Histórico. A dificuldade em localizar este edifício poderá estar relacionada com a destruição e/ou adaptação por parte de cristãos, de antigas mesquitas em Igrejas.

Este reaproveitamento de espaços e de materiais de construção não se registou apenas após a Reconquista, também entre os séculos VIII-XII, esse facto ocorreu, levando a uma não construção de novos edifícios durante aquele período, o que também justifica a falta de referências arqueológicas ao período de presença árabe naquela cidade (Macias, 2006, p.113; Marques, 1993, p.225).

A falta de trabalhos sistemáticos na zona do Centro Histórico até há relativamente pouco tempo (o sítio da Rua do Sembrano e o Conservatório Regional de Música do Baixo Alentejo, são os primeiros exemplos destes trabalhos), terão também contribuído para a escassa informação arqueológica acerca da Presença Islâmica (Macias, 2006, p.21).

Por todos estes motivos e por me ter sido disponibilizado pela Câmara Municipal de Beja, o conjunto cerâmico do Sítio da Rua do Sembrano (Centro Histórico), dediquei o meu estudo a estes materiais. Tanto aquela instituição, como pessoal a ela relacionado (Dr. Rui Aldegalega e a Dra. Isabel Ricardo), bem como a Dra. Susana Correia e toda a equipa de Museu Jorge Vieira, sobretudo Tânia Matias, se mostraram desde sempre disponíveis para qualquer esclarecimento sobre o conjunto em análise, sendo este também um factor para uma maior vontade em realizar este estudo e contribuir para o melhor conhecimento da cidade de *Baja* e até fomentar o desejo em que outros trabalhos sobre o tema comecem a surgir. Desta forma, determinou-se como objectivos do estudo estabelecer uma cronologia para o conjunto cerâmico em questão, compreender a possibilidade ou não de existirem naquele, peças de importação ou se seriam apenas produções locais e compreender de que forma aquele espaço se encontrava ocupado, se ainda mantinha na época uma função apenas habitacional, como anteriormente havia sucedido e neste caso se aquela ainda seria uma zona residencial para famílias de elevado poder económico, como se sabe ter sido em período Romano, ou se pelo contrário, já durante a presença árabe na cidade, teria adquirido, para além da função habitacional a de espaço laboral, com a presença de pequenas olarias, facto que se encontra comprovado após a Reconquista.

No seguinte Capítulo serão apresentadas as metodologias utilizadas na realização deste trabalho, desde a consulta bibliográfica até ao estudo de todo o conjunto, catalogação e registo gráfico de algumas destas peças.

1.2. Metodologia

Iniciámos o nosso trabalho com uma análise do espólio a estudar. Tendo em vista a sua compreensão e integração na história da cidade e do actual concelho efectuámos pesquisa bibliográfica sobre o Distrito e o Concelho de Beja, de forma a poder caracterizá-lo a diferentes níveis (geomorfologia, clima, fauna, flora, hidrografia, solos). Relativamente à fauna e flora, foi realizada uma pesquisa um pouco mais aprofundada de forma a compreender como seria aquela região a estes níveis aquando da presença islâmica. Esta pesquisa bibliográfica incidiu em descrições de autores árabes sobre o *Garb al-Andalus*, actualmente traduzidas (Molina, 1983; Salgado, 1986; Delgado Aguilera, 1901) e em trabalhos baseados nos relatos daquelas fontes (Coelho, 2008). Foram consultados documentos Medievais e Modernos, como os forais Afonsino e Manuelino de Beja (séculos XIII e XVI), a “*Descrição do Reino de Portugal*” (Leão, 1610), a “*Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*” (Costa, 1708), mais especificamente sobre a região de Beja e por fim, “*A Crónica Geral de Espanha de 1344*” (Cintra, 1952).

A consulta dos relatórios já concluídos no que respeita às intervenções arqueológicas na Rua do Sembrano foi um ponto relevante uma vez que nos permitiu compreender melhor o sítio em estudo. Através daqueles foi possível perceber de que forma os trabalhos foram realizados, como se encontrava o espólio estudado aquando da sua recolha no terreno, ou seja, a sua área de dispersão.

Foi elaborada a inventariação do espólio numa tabela Microsoft Excel, e a sua Catalogação e estudo, tendo em conta aspectos como a forma (bordo, bojo, fundo, gargalo, asa, pega, reservatório), a tipologia (taça, tijela, jarro, jarra, jarrinha, alguidar, panela, cântaro, pote, talha, candil, candeia e trempe) e a função (loija de mesa, loija de cozinha, de armazenamento e transporte, contentores de fogo e objectos de uso doméstico e artesanal) dos fragmentos/peça. Este foi um critério de divisão do espólio catalogado em subcapítulos. Para a realização deste Catálogo foram apenas seleccionados 49 dos 217 fragmentos totais do conjunto, devido sobretudo à reduzida dimensão da grande maioria daqueles. Deste forma, foram escolhidas peças que se encontram quase completas, fragmentos que revelam características que os diferenciam e ainda aqueles de maiores dimensões que a nível decorativo e tipológico representam os restantes.

A pasta (a cor, a composição a nível de elementos não plásticos (enp's) e a granulometria) foi tida em consideração tendo sido assim possível compreender a cozedura aplicada a cada peça. Algumas medidas necessárias, para o desenho e para uma melhor percepção no que se refere às tipologias, como diâmetros de bordos e de fundos, larguras e comprimentos máximos dos fragmentos e espessura de paredes, foram também registadas. Relativamente à coloração das pastas, foi consultada para referência, a Munsell Soil Color Charts (1975), sendo necessário entender os níveis cromáticos apenas como aproximados e não como iguais.

Quanto às diferentes funções, iniciámos o nosso Catálogo pelo conjunto de loiça de mesa, com as seguintes peças:

- Taça: recipiente aberto, de corpo hemisférico, sub-hemisférico ou troncocónico, podendo possuir ou não, carena. Os fundos são planos ou anelares. Utilizada para consumo de alimentos ou apenas para servir à mesa (Gomes, 2002, p.35).

Corresponde à forma *joifana* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, p.131);

- Tijela: semelhante à anterior, apresentando paredes mais baixas, fundos normalmente planos (podem surgir por vezes os pés anelares) e diâmetro de bordo superior ao das taças. Utilizadas para servir alimentos à mesa. Corresponde às formas *terrina/escudela/ataifor/zafa/joifana/safa* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, p.132).
- Jarro: recipiente fechado, de corpo globular ou ovóide, com fundo plano, anelar ou convexo, possuindo uma asa, pode ou não possuir um bico. Possui um gargalo largo e alto. Apresenta dimensões médias. Utilizado no serviço de líquidos à mesa (Gomes, 2002, p.36). Corresponde às formas *jarro/cada* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.130 - 131).
- Jarra: recipiente fechado, de corpo globular ou ovóide, com fundo plano ou anelar e colo e boca relativamente largos. Podem possuir ou não asas opostas (Gomes, 2002, p.36). Corresponde às formas *jarrinha/gerreta* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.130 - 131).

- Jarrinha: em tudo semelhante à anterior apresentando apenas menores dimensões;
- Garrafa: recipiente fechado, com corpo globular ou ovóide, com fundo plano ou anelar e gargalo estreito, tal como a boca. Pode apresentar asa (Gomes, 2002, p.37). Corresponde à forma *limeta* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.130).
- Bilha: Em tudo semelhante à anterior, apresenta um gargalo mais alto e uma ou mais asas. Corresponde às formas *cantarinha/redoma* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.130 - 131).

No Catálogo apresentado surgem em seguida vasilhames de armazenamento e transporte, como:

- Pote: recipiente baixo, de corpo globular, com base plana. Apresenta normalmente um colo largo suficiente para a colocação de colher ou mão. Seria tapado com pano atado com um cordel (Gomes, 2002, p.40; Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.126 – 127). Corresponde às formas *orza/ancolla* de Rosselló-Bordóy (1991) (Gomes, 2002, p.40).

Por fim foram catalogadas peças pertencentes ao conjunto de contentores de fogo, sendo elas:

- Candil: recipiente fechado, com corpo de forma cilíndrica ou sub-esférica, de fundo plano, bico de secção em forma de “U” e uma asa. Sofreu ao longo dos séculos algumas alterações existindo diferentes variantes dos mesmos. Seria utilizado para iluminação dos espaços. Corresponde às formas *candil/llantia/llumeta* de Rosselló-Bordóy (1991) (Gomes, 2002, p.41; Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, p.129).
- Candeia: recipiente com corpo de forma cilíndrica, hemisférica ou troncocónico, de pé alto assente em base circular. Possui uma asa ligando o corpo à base, podendo ainda apresentar um ou dois bicos no lado oposto àquela. Estas eram utilizadas para iluminação dos espaços tendo surgido apenas no século XII

(Gomes, 2002, p.41). Corresponde às formas *candil/llantia/llumeta* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, p.129).

Quanto ao Inventário apresentado no final deste trabalho, em Anexo, é feita referência a outras peças pertencentes aos conjuntos de loiça de cozinha, vasilhames de armazenamento e transporte, contentores de fogo e objectos de uso artesanal que não se encontram no Catálogo (Capítulo 4), devido aos motivos já referidos ou ainda por apresentarem dúvidas quanto à sua tipologia. Encontram-se assim ainda inventariadas as seguintes tipologias:

➤ Nas loiças de cozinha:

- Alguidar: recipiente aberto, de grandes dimensões, de corpo cilíndrico ou subcilíndrico, com paredes mais ou menos oblíquas e fundo plano. Utilizado para a preparação de alimentos e possivelmente para a higiene (loiça e pessoal). Corresponde às formas *lebrillo/alcadafe/ribell/llibrell/gibrell* de Rosselló-Bordóy (1991) (Gomes, 2002, p.38).
- Panela: recipiente fechado, de corpo globular ou ovóide mais ou menos achatado, com fundo plano, ligeiramente convexo ou em bolacha. Possui uma asa, mais comumente duas. Costuma apresentar marcas de fogo. Estas peças possuiriam ainda uma tampa ou testo. Corresponde às formas *marmita/olla* de Rosselló-Bordóy (1991) (Gomes, 2002, pp.38 – 39).

➤ Nos vasilhames de armazenamento e transporte:

- Cântaro: recipiente fechado, de corpo ovóide ou globular alongado, com fundo plano. Possui gargalo alto e estreito assim como a boca e, duas asas largas opostas. Apresenta dimensões que variam entre o médio e o grande. A sua função seria armazenar ou transportar líquidos, essencialmente água (Gomes, 2002, p.40). Corresponde às formas *jarra/gerra* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.127 - 128).
- Talha: recipiente fechado, de corpo ovóide, paredes espessas, com ou sem asas e fundo plano. Apresenta normalmente grandes dimensões,

permanecendo imóvel apenas para armazenamento de líquidos ou produtos sólidos. As que surgem por vezes decoradas tinham como principal função manter a água fresca, estando localizadas no pátio das casas (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, p.127), sendo colocadas sobre bases cilíndricas. Normalmente tinham uma tampa de forma troncocónica e pega central subcilíndrica (Gomes, 2002, p.40). Corresponde às formas *tinaja/alfabia* de Rosselló-Bordóy (1991) (Gomes, 2002, p.40).

➤ E por fim, no conjunto de objectos de uso artesanal:

- Trempe: composto por três corpos aproximadamente cilíndricos, unidos em uma das pontas. Possui na outra um acrescento cónico. Era utilizado em olaria para separar as peças no interior dos fornos durante as suas cozeduras. Corresponde à forma *atifle* de Rosselló-Bordóy (1991) (Torres, Gómez Martínez, Ferreira, 1997, pp.132 - 133).

Relativamente às pastas foram identificados cinco tipos diferentes tendo em conta os elementos não plásticos (enp's), ou seja os desengordurantes utilizados para dar uma maior consistência à argila (pasta), de forma a evitar fracturas das peças no fogo. Encontram-se assim neste conjunto pastas bastante compactas e homogéneas, possuindo enp's de grão finíssimo a fino, normalmente com dimensões até cerca de 0,5 mm. As pastas compostas, apenas por um ou dois enp's de grão fino a médio, entre os 0,5 mm e os 1 mm, foram consideradas compactas e homogéneas. Pastas compactas e heterogéneas são as que possuem mais do que dois enp's de grão fino a médio (0,5 mm a 1 mm) com variantes na sua distribuição. As pastas onde se podem observar apenas um ou dois enp's de grão grosseiro, acima de 1 mm, foram consideradas semi-compactas e homogéneas sendo as pastas semi-compactas e heterogéneas em tudo semelhantes, apresentado apenas mais do que dois enp's (Gomes, 2002, pp.44 – 45).

No que se refere a tratamentos e decorações, encontram-se neste conjunto peças possuidores de vidrados, ou seja, nas quais foram aplicados óxidos alcalinos de chumbo depois vitrificados pelo fogo. Quando aplicados na superfície exterior da peça destinam-se normalmente à sua decoração, se aplicados no interior, têm como função a sua impermeabilização. Ao juntar-se a este outros óxidos é possível obter colorações (óxido

de ferro: castanho escuro, negro e roxo; óxido de cobalto: azuis e negro; óxido de antimónio: amarelos) como se observa em peças deste conjunto (Gomes, 2002, p.45). A decoração pintada é conseguida através da dissolução de óxidos em água de forma a obter as cores, branca, azul, roxa, negra, castanha, verde, amarela, cor-de-laranja ou vermelha, com diferentes tonalidades (Gomes, 2002, p.47), tendo sido identificada neste conjunto de materiais. Decoração em corda seca total, presente em algumas das peças estudadas, é conseguida através da pintura de peças que foram já cozidas (chacotadas), com esmaltes de diferentes colorações, por óxido de manganês ou por matéria gordurosa, em alguns casos utilizando incisões anteriormente feitas. Para fixar o óxido e os esmaltes é necessária uma segunda cozedura. A técnica da corda seca parcial é similar a esta, diferenciando no facto de as peças apresentarem uma grande área sem qualquer decoração (Gomes, 2002, pp.47-48). A técnica de pingos de vidro encontra-se presente em candis do espólio em análise, sendo feita essencialmente em superfícies claras e formando, em parte dos casos, linhas, em outras situações preenchendo apenas uma parte da peça (Gomes, 2002, p.47). A decoração incisa é obtida com uma espátula fina ou através de uma ponta aguçada, podendo formar linhas rectas, ondulações ou até mesmo perfurações. Aquela pode surgir isolada ou em conjunto com linhas paralelas, horizontais ou ondulantes, de forma a demarcar os bordos, os arranques de gargalos, a ligação entre colos e corpos, sendo aplicada antes da cozedura das peças (Gomes, 2002, p.46). A última técnica decorativa que se pode observar no conjunto em estudo é a estampilhagem. Esta consiste na impressão de matrizes, as quais foram anteriormente gravadas, com diversos motivos, ficando alguns em relevo. As matrizes podem ser planas de madeira, metal, cerâmica ou ainda cilíndricas, apresentando diferentes dimensões, formas e motivos decorativos em peças de maior porte como é o caso das talhas deste conjunto, em que os motivos aplicados são epigráficos, pseudo-epigráficos, geométricos e fitomórficos. A pasta deve encontrar-se ainda mole aquando da sua aplicação (Gomes, 2002, p.46).

Cada uma das descrições apresentadas em Catálogo encontra-se acompanhada de registo gráfico (desenho e fotografia), inseridos no fim deste trabalho em “Anexos”. Alguns desses desenhos e fotografias encontravam-se já concluídos por Tânia Matias (Museu Jorge Vieira, Beja) a qual teve a gentileza de os ceder para este trabalho, sendo eles os das peças Semb.84.496^{Fig.37}, Semb.171.261^{Fig.29}, Semb.120.0183^{Fig.30}, Semb.84.376^{Fig.58}, Semb.74.0007^{Fig.60}, Semb.298.051^{Fig.66} e Semb.341.398^{Fig.67}, os

restantes foram por nós realizados. É necessário referir ainda que a planta do sítio da Rua do Sembrano apresentada como figura 16 em anexo neste trabalho, é da autoria de Leonel Borrela (Museu Regional de Beja). Os fragmentos encontram-se marcados da seguinte forma: ex. Semb. – Sembrano, referindo-se ao arqueossítio, 592 – representando a quadrícula e o nível de onde foram recuperados, 003 – especificando o número sequencial de fragmentos encontrados naquele contexto. Os fragmentos marcados com um 1 inicial, por exemplo Semb.1.1018, terão sido recuperados de entulhos ou à superfície.

No Capítulo 5 deste estudo, encontram-se os resultados da análise de Gráficos e Tabelas dinâmicas elaboradas em Microsoft Excel, onde foram tidos como relevantes aspectos como as tipologias mais frequentes em todo o conjunto, as funções mais comuns (loija de mesa, loija de cozinha, vasilhames de armazenamento e transporte, contentores de lume), os tipos de pastas mais frequentes, assim como a sua coloração e os elementos não plásticos que possuem. Foi também tido em conta as características decorativas e de tratamento de superfície de cada peça e a consulta de outros estudos cerâmicos. Um outro ponto em que incidiu esta análise de dados está relacionado com os locais de proveniência de materiais islâmicos da Rua do Sembrano, para compreender de que forma aqueles se encontravam distribuídos pelo sítio. Foi possível concluir que 22 dos fragmentos deste conjunto pertencem a peças recuperadas após os trabalhos arqueológicos dirigidos por Susana Correia e José Carlos Oliveira, não tendo sido possível determinar a sua proveniência com as informações disponíveis.

Foi realizada uma consulta bibliográfica direccionada para outros contextos onde foram identificadas peças islâmicas, possibilitando, uma comparação do espólio com conjuntos recuperados em outros sítios, tendo em conta as tipologias, as decorações e os tratamentos aplicados. O Capítulo 6 (Paralelos) foi assim organizado segundo as técnicas decorativas aplicadas a cada peça (melados com cores castanha e negra, pintadas nas cores verde e negra, corda seca total, corda seca parcial, pintadas em azuis, sobre fundos brancos e pintadas e engobadas a brancos, vermelhos, castanhos, negros). Surgem de seguida os contentores de fogo. Neste último caso pensamos que seria mais correcto referir-nos a todos os fragmentos deste tipo em conjunto não os separando por decoração/vidrado uma vez que são poucos os que os possuem.

Como foi já indicado, encontram-se no final deste estudo, anexos que permitem um melhor conhecimento do sítio e uma distinta compreensão do que aqui foi exposto.

Esses anexos são imagens relativas à descrição do Distrito e Concelho de Beja (mapas para localização, referências quanto aos Concelhos que compõem o Distrito e no que se refere às Freguesias do Concelho em estudo, gráficos climáticos), ao antigo território do *Garb al-Andalus*, à História da antiga *Baja* (limites da *Kura*, principais vias). É também apresentada a localização do sítio na cidade, na zona do Centro Histórico, uma planta geral do sítio anterior ao início dos trabalhos de escavação, uma planta da divisão por quadrículas realizada aquando dos trabalhos arqueológicos onde se encontram demarcadas a cores as áreas que forneceram um maior número de espólio islâmico, dois desenhos da autoria de Leonel Borrela onde se podem observar as estruturas romanas e post-romanas detectadas entre 1988 e 1990 bem como de um dos perfis registados durante a campanha de 1989 e por fim, a planta do actual Núcleo Museológico da Rua do Sembrano. Os registos fotográficos e desenhos das peças descritas em Catálogo (Capítulo 4), encontram-se também em Anexo, como já referido. Estas imagens estão legendadas tendo em conta o número a que correspondem (seguindo o texto) – ex. Fig.1 – seguindo-se a descrição da mesma. Ao longo do trabalho serão então visíveis referências aos anexos (ex. texto Fig.). Existem algumas notas de rodapé fazendo notar aspectos relativos, sobretudo, a fontes utilizadas durante a sua elaboração. Também nas imagens anexadas se podem observar notas relativas às fontes de onde foram recolhidas.

Através das tarefas mencionadas foi possível retirar algumas conclusões relativas ao espólio em estudo, apresentadas num último Capítulo (Conclusão).

Iniciamos assim no Capítulo seguinte o nosso trabalho com a indicação da localização do Concelho de Beja e a sua caracterização.

Capítulo 2. Território e Cultura

2.1 Distrito e Concelho

Beja situa-se a 38° 1' de lat. N., a 1°16' de long., a 130 km de Lisboa e 135Km de Faro. Este é o principal centro funcional do Baixo Alentejo, sendo sede de Município e capital do Distrito com o mesmo nome. É ainda sede de Distrito de Recrutamento e Mobilização, dispendo de guarnição militar permanente desde 1862, sede de Distrito Escolar, sede de Distrito Judicial e de Comarca, sede da Direcção de Estradas, sede da Direcção de Finanças e sede de Diocese (S/A, 1987, p.10).

O seu Distrito^(Fig.3), com 10.276 km² de superfície, é formado por 14 Concelhos, sendo eles, Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Serpa e Vidigueira ^(Fig.5).

O Concelho^(Fig.4), com 1138,75km², encontra-se limitado a Norte pelos Concelhos de Cuba e Vidigueira, a Este por Serpa, a Sul pelos de Mértola e Castro Verde e a Ocidente por Aljustrel e Ferreira do Alentejo. Este encontra-se dividido em 18 freguesias: Salvador, Santa Maria da Feira, Santiago Maior, São João Baptista (urbanas), Albernoa, Baleizão, Beringel, Cabeça Gorda, Mombeja, Nossa Senhora das Neves, Salvada, Santa Clara de Louredo, Santa Vitória, São Brissos, São Matias, Trindade e Trigaches ^(Fig.6) (S/A, 1987, p.10).

Segundo os últimos censos, de 2001, o Concelho de Beja apresenta cerca de 35.762 habitantes, tendo a cidade cerca de 23.500 habitantes¹.

2.2 Caracterização do Concelho

2.2.1 Geomorfologia

Beja faz parte da peneplanície do Baixo Alentejo, a qual apresenta uma aplanção bem conservada mas também, algumas ondulações, estendendo-se no sentido Norte-Sul, desde a escarpa da Vidigueira até, próximo de Castro Verde. Esta corta faixas de materiais muito diferentes, como xistos metamórficos, xistos argilosos, grauvaques, pórfiros, granitos e até mesmo alguns mármore (zona de São Brissos).

¹<http://www.bejadigital.biz/pt/conteudos/territorial/caracterizacao+do+distrito/Concelho+de+Beja/>

A cidade está situada num morro residual de gabro, o qual se eleva a 277m e pode ser considerado o centro desta peneplanície. Mas nem todo o território pertencente ao Concelho apresenta esta planura, por exemplo, a SE de Beja, desde a Salvada até à Ribeira de Terres e ao Guadiana, podemos ver serras que sucedem estas planícies, separadas por barrancos profundos, sendo esta a sua região mais pobre.

O ponto mais elevado do Concelho apresenta uma altitude de 282m sendo a altitude média das suas planícies de 230m (Lopes, 2000, pp.59-60).

2.2.2 Geologia ^(Fig.7)

O Concelho em estudo insere-se no Maciço Antigo também conhecido como Maciço Hispânico, sendo ele, constituído a Norte por rochas eruptivas (pórfiros, dioritos, microdioritos, gabros, granitos e granodioritos), a Sul e Nordeste, por rochas sedimentares mais ou menos metamorfizadas (xistos metamórficos, xistos argilosos, grauvaques), bem como a mancha aflorando a Leste da Cidade de Beja. Formações sedimentares são visíveis na pequena mancha a Norte de São Matias, a Leste de Santa Clara de Louredo até Quintos, na Freguesia da Salvada, na zona de Albernoa (grés e calcários) e em Beringel (grés finos com cimento argiloso ou calcários compactos em leitos delgados) (S/A, 1987, p.8).

O Maciço Hispânico deve a sua configuração aos movimentos hercínios, sobretudo aos ocorridos na fase austuriana. Este terá sido, segundo Orlando Ribeiro, sujeito a uma acção de desnudação, a qual lhe conferiu o aspecto que actualmente se pode observar, de uma vasta planície, onde por vezes surgem pequenas elevações, a que designamos por serras ou cabeços. Como referido, a própria cidade de Beja encontra-se no topo de uma dessas elevações. Esta enorme superfície terá sofrido transformações ao longo de um extenso período de tempo, sendo invadida nas suas orlas por algumas transgressões marinhas e desta forma terá sido fossilizada, por depósitos de detritos continentais de épocas bastante diversas, é portanto, uma peneplanície poligénica (Ribeiro, 1990, pp.74-78).

Uma das suas principais características é a presença de jazigos estratiformes de ferro-mangânês e jazigos Vulcano-sedimentares de pirite de ferro cuprífera, mas o Concelho de Beja parece não possuir jazidas importantes daqueles tipos.

2.2.3 Solos

Segundo a Carta de Capacidade de Uso dos Solos^(Fig.8) aquele Concelho revela uma desigualdade no que àqueles diz respeito. Existem áreas de muita qualidade para a prática agrícola mas outras parecem não possuir as melhores condições para essa actividade. Em torno da cidade de Beja e a Oeste desta predominam os solos de capacidade A, B e C. A Sul de Cabeça Gorda encontram-se conglomerados arenitos sendo estes solos de capacidade E; a Sul de um paralelo que passa por Santa Clara de Louredo e Quintos existem solos também eles de capacidade E (arenitos, filitos, quartzitos e raros meta vulcânicos). Nas margens da ribeira de Odearce, a Norte de São Matias e de Beja, os solos são de capacidade E, sendo os restantes solos de capacidade A, B e C (Lopes, 2000, pp.61-62).

Estes solos possuem assim boas condições para culturas mediterrânicas (oliveira, vinha e cereais) assim como para o cultivo de vegetais.

2.2.4 Clima

Na região de Beja, entre meados de Junho até meados de Setembro raramente ocorre precipitação, sendo, quando ocorre apenas alguns aguaceiros. A temperatura média do ar neste período é superior a 20°C, podendo mesmo atingir, como valores máximos, mais de 40°C, sendo os meses mais quentes, Julho e Agosto, período em que o céu costuma apresentar-se limpo e pouco nublado (S/A, 1987, p.9).

A partir do final de Setembro até Março existem períodos bastante chuvosos, sendo Dezembro, Janeiro e Fevereiro, aqueles em que ocorre maior precipitação. Estes meses podem também apresentar períodos de bom tempo mas bastante frio. O mês mais frio é Janeiro, com uma temperatura média do ar de 9,5°C, podendo mesmo baixar aos 5/6°C negativos (Ribeiro, 1999, pp.338-357).

No Sul de Portugal, durante o mês de Outubro, as nuvens passam ainda altas, não ocorrendo chuvas muito fortes. É no Outono que as temperaturas começam a descer, sobretudo no Interior. Assim, as noites tornam-se mais frias, apesar de os dias ainda se apresentarem muitas vezes quentes e soalheiros. Este bom tempo pode perdurar até inícios de Novembro, altura em que podemos presenciar o Verão de São Martinho. Mas é neste mês que as temperaturas sofrem uma descida acentuada, sobretudo no

Interior Alentejano. Nesta região as chuvas tornam-se mais frequentes, podendo por vezes ocorrer períodos de chuvadas mais violentos (Ribeiro, 1999, pp.338-357).

Estas chuvas mantêm-se durante todo o Inverno, por vezes ocorrem durante vários dias seguidos. Nesta época os nevoeiros são bastante frequentes e o nível da humidade do ar aumenta bastante.

No final do Inverno, inícios da Primavera, ou seja, no mês de Março, as chuvas são ainda abundantes e a nebulosidade mantêm-se elevada. O tempo é bastante instável, ocorrendo por vezes precipitação forte. Estes períodos chuvosos podem prolongar-se por diversos dias, mas quando o sol começa finalmente a surgir, as temperaturas fazem-se sentir mais elevadas. Outra das características deste mês é o fim dos ventos fortes do Inverno. Em Abril aumenta a ocorrência de aguaceiros, por vezes acompanhados por trovoadas. O tempo continua bastante instável ao longo deste mês, podendo ocorrer surtos de calor ou as chamadas geadas tardias, as temperaturas tão depressa podem chegar perto dos 0°C como subir para os 30°C. É no mês de Maio que as temperaturas sobem um pouco mais, entre 3°C a 4°C. Por vezes podem ainda ocorrer períodos de aguaceiros ou até mesmo de trovoadas mas começam a ser pouco frequentes, sendo os dias limpos em que o sol se revela, os mais frequentes ^(Fig.9) (Ribeiro, 1999, pp.338-357).

Em relação ao vento, predominam os ventos de Oeste durante a Primavera, Verão e Outono e de Leste no Inverno. A sua velocidade média aumenta durante o dia, sendo à noite em geral, fraco (Ribeiro, 1999, pp.338-357).

2.2.5 Coberto Vegetal

Espécies espontâneas e importadas compõem actualmente o coberto vegetal do Sul de Portugal. No interior Alentejano, região na qual se insere a área em estudo, a presença da azinheira (*Quercus Ilex L.*), do sobreiro (*Quercus Suber L.*), da videira (*Vitis Vitífera*) e da oliveira (*Olea Europaea*) é uma constante. Estas espécies adaptam-se bem ao clima quente e seco do Verão, principalmente as primeiras (azinheira e sobreiro) com as suas raízes profundas, pertencendo ao conjunto de plantas espontâneas da região.

Foram realizados estudos polínicos com amostras recolhidos na Medina de Mértola, para níveis que pertencem a finais do século XI ou inícios do século XII e, primeiro quartel do século XIII, que demonstram a presença destas espécies naquela

região já em época de ocupação Islâmica (Pais, 1996, pp.277-282). A videira encontra-se representada em níveis mais antigos, correspondentes a finais do século XI. Esta sempre terá tido um papel essencial para as populações desde há muito, sobretudo devido à produção de vinhos. Documentos romanos fazem referência à importância que esta bebida teria na Época, bem como na documentação medieval, que menciona o vinho como um dos principais produtos do Alentejo e mais especificamente de Beja (Leão, 1610, p.41), onde a produção de vinhos brancos seria bastante significativa.

O estudo polínico de João Pais, intitulado “*Paleoetnobotânica (finais do século XI a século XIII/XIV) do Sul de Portugal*” abrange um outro importante arqueossítio do Sul do País, a Alcáçova de Silves. Neste caso foram recolhidas amostras de níveis correspondentes ao século XII e finais desse ou inícios do século XIII. Encontra-se representada a videira já neste período, espécie que ainda nos dias de hoje se insere no coberto vegetal da região (Pais, 1996, p.280).

No que se refere à presença da azinheira e do sobreiro na Medina de Mértola, foram recolhidas amostras em níveis pertencentes a finais do século XI (bolotas). Em Silves, na C2, pertencente a finais do século XII e século XIII, foram recolhidas amostras que comprovam, pelo menos, a presença do sobreiro nesta cidade. A segunda revela-se actualmente uma importante fonte de rendimento para o Homem proporcionando-lhe a cortiça que é retirada pela altura do Verão (Pais, 1996, pp.277-282).

A oliveira apenas se encontra representada em Mértola, em níveis do século XIII, em Silves ainda não foram encontradas amostras que comprovem a sua presença neste Período. Na “*Descrição do Reino de Portugal*”, de Duarte Nunes Leão, no Capítulo XXV referente ao azeite produzido em Portugal à época, é mencionado o grande número de oliveiras que existiriam por toda a zona do Alentejo Interior, em cidades como Évora, Elvas, Moura, Serpa e, Beja. Quase um século depois, na “*Corographia Portugeza e Descrição Topografica do famoso Reyno de Portugal*”, no Tomo Segundo (1708) de António Carvalho da Costa, são várias as referências à produção de azeite no que corresponde actualmente ao Distrito de Beja e à relevância que este possuía para as populações locais. Há que referir que do conjunto de materiais estudados neste trabalho, fazem parte fragmentos de talhas, as quais eram utilizadas para armazenamento de produtos como o azeite, o que pode ser tido como prova da produção e distribuição daquele já durante a presença Islâmica na região. No que

respeita a referências árabes, na sua descrição do Termo de Beja, Al-Razí menciona a abundância de oliveiras que ali se encontraria (Coelho, 2008, p.36).

Outra espécie da qual foi possível recolher amostras em Mértola foi a figueira (*Ficus Carica*), em níveis dos séculos XI e XII, a qual se encontra representada em Silves, em níveis pertencentes ao século XII. A ameixeira (*Prunus Domestica Institia*), o pessegueiro (*Prunus Persica*), o meloeiro (*Cucumis Melo*) e a soagem (*Echlum Lycops*), também se encontravam em Mértola, em níveis pertencentes aos séculos XI e XII. Em Silves, de todas estas espécies, foram apenas recolhidas amostras que comprovam a presença do pessegueiro na C6 do Castelo. Destas, apenas a soagem é endémica, as restantes terão sido importadas de locais da Ásia e de África. A esteva ou xara (*Cistus Landaniferus*), a giesta (*Ginestas Cytisus*), a murta (*Myrtus Communis*), o medronho (*Arbustus Unedo*), o alecrim (*Rosmarinus Officialis*) ou a alfazema (*Lavandula*) pertencem também elas à flora da região de Beja. Apenas a Alfazema parece ter sido importada, sendo que as restantes nascem de forma espontânea naquela região (Carvalho, 2007, pp.178-403).

São diversas as ervas aromáticas que constituem uma parte do coberto vegetal do concelho. Os orégãos (*Origanum Virens*), planta que ali cresce de forma espontânea, são bastante utilizados na confecção de cozinhados. A erva-de-são-roberto (*Genarium Purprreum*) é muito apreciada em chás e também ela é de crescimento espontâneo. Para além destas, a lavanda (*Lavanda Stoechas*), o rosmaninho (*Rosmarinus*) ou o loureiro ou loendro (*Nerium Oleander*), se podem colher em qualquer freguesia do concelho de Beja, sendo consideradas plantas espontâneas. O tomilho (*Thymus Vulgaris*), uma outra espécie que se pode encontrar na área em estudo, seria bastante utilizado em Época Islâmica, sendo possível que já nesse período ali se encontrasse, mas não existem referências que o indiquem até ao momento. O poejo (*Mentha Pulegium*) e o funcho (*Foeniculum Vulgare*) são duas outras espécies abundantes no Alentejo, encontrando-se em grande quantidade na região de Beja (Carvalho, 2007, pp.178-403).

Em Mértola, foi ainda comprovada a presença, em níveis do primeiro quartel do século XIII, de chícharos (*Lathyrus Cicera*) e erva-doce (*Foeniculum Vulgare*), espécies que actualmente ainda se encontram presentes na composição da flora da região. No primeiro, a sua origem é ainda desconhecida, mas a erva-doce é uma erva espontânea (Carvalho, 2007, pp.178-403).

O malmequer (*Chrysanthemum Coronarium*) e a papoila (*Papaver Rhoeas*) são espécies que enchem os campos do Alentejo com as suas cores vermelha e branca, na Primavera, assim como os narcisos e as peónias que logo desaparecem cedendo o seu lugar aos cardos secos e às umbelíferas típicos do Verão. As flores terão tido um papel relevante nesta região por um longo período de tempo, segundo Al-Razí, a produção de mel em Beja era muito boa devido à excelente qualidade da flora existente. Esta produção de mel é também mencionada no Capítulo XXVII da “*Descrição do Reino de Portugal*” (Leão, 1610, p.42). Na descrição das vilas pertencentes à comarca de Beja, na “*Corographia Portugueza e Descriçãam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*” (Costa, 1708, pp.469-495), é mencionada em todas elas a qualidade do mel que ali era produzido.

Outra espécie de árvore presente no actual território de Beja e que foi identificada na Medina de Mértola em níveis pertencentes ao primeiro quartel do século XIII é o pinheiro manso. O carvalho (*Quercus Ilex*), o carvalho português (*Quercus Lusitânia*), o castanheiro (*Castanea Sativa Mill.*) e o zambujeiro (*Olea Europea var. oleaster D. C. ME.*), pertencem ao conjunto de árvores de grande porte que constituem a flora da zona Sul de Portugal (Pais, 1996, pp 278-279).

Uma outra espécie identificada em Mértola em níveis pertencentes ao primeiro quartel do século XIII e, em Silves na C3 a qual se insere em níveis do século XII, é o linho (*Linum Usitatissimum*). Esta é a espécie de cultivo mas em Silves foram também recolhidas amostras do tipo bravo (Pais, 1996, pp.277-282). Na área deste estudo, actualmente a produção de linho ainda se mantém (Carvalho, 2007, pp.178-403).

À parte a figueira e o pessegueiro, árvores de fruto já referidas neste capítulo, outras espécies deste género fazem parte das culturas actuais no Concelho de Beja. A amendoeira (*Prunus Dulcis*), a alfarrobeira (*Cenatonia Siligua*), o limoeiro (*Citrus Limon*), a laranjeira (*Citrus Sinensis*), a tangerineira (*Citrus Reticulata Blanco*), a ameixeira (*Prunus Domestica*), o damasqueiro (*Prunus Armeriaca*) e a amoreira preta (*Morus Nigra*) e branca (*Morus Alba*), pertencem a este conjunto e são todas espécies importadas, de locais como a Ásia e África. Estas ter-se-ão adaptado ao nosso território tanto a nível de solo como de clima sendo a sua produção comum no Sul do País e mais ainda na região do Algarve, onde se torna mais abundante. Os pomares compõem o conjunto referente às produções permanentes na região, a qual é completada pela

produção de melancia e de melão. Para além destas a macieira e o marmeleiro são espécies relevantes no Interior Alentejano (Carvalho, 2007, pp.178-403).

Os campos do Alentejo, apesar do clima quente e seco, são bastante férteis para alguns tipos de culturas. Por esta razão era necessário aproveitar de uma forma capaz os solos, iniciando-se algumas produções como a da batata (*Solanum Tuberosum*), da beterraba (*Beta Vulgaris L. Subs. P. Vulgaris*), do feijão (*Phaseolus Vulgaris*), do grão-de-bico (*Cicer Arietinum*), do tremçoço (*Lupinus Albus*), da fava (*Vicia Faba*), da cebola (*Alium Cepa*), do alho (*Allium Sativum*), do tomate (*Lycopersicon Esculentum Mill.*), da ervilha (*Pisum Sativum*), do arroz (*Oriza Sativa Lin.*), do pepino (*Cucumis Sativus*), da cenoura (*Daucus Carota*) e da alface (*Lactuca Sativa*) (Carvalho, 2007, pp.178-403).

O açafraão, erva aromática que actualmente se encontra nesta região, foi muito divulgada pelos árabes, é possível que tenha chegado ao nosso território tendo aqueles como intermediários (Gomes, 2002, p.65).

O Alentejo sempre foi conhecido como um grande produtor e fornecedor de cereais, sejam eles aveia (*Avena Schiva*), cevada (*Hordeum Vulgare*), centeio, trigo mole (*Triticum Aestivum*), trigo duro (*Triticum Trurgidum L. Subsp. Durum*) ou milho (*Zea Mays*). A presença de trigo na região de Mértola durante a presença Islâmica encontra-se comprovada pelas amostras recolhidas de níveis do primeiro quartel do século XIII. Em Silves, na Camada 3 em níveis correspondentes ao século XII, foram recolhidas amostras deste cereal (Pais,1996, p.280). Um outro estudo polínico realizado por João Pais a amostras recolhidas de um silo no arqueossítio das Mesas do Castelhinho em Almodôvar, revela que aí existiria mais do que uma espécie de trigo, o *Triticum Diccocum* e o *Triticum Aestivum*, conhecido actualmente como trigo mole, o qual se encontrava ainda em Mértola e Silves (Pais,1993, pp.109-110). Na “*Descrição do Reino de Portugal*” de 1610 é referida a abundância de trigo em cidades como Évora, Serpa, Moura e Beja, apelidando-as mesmo de “...celeiro do grande povo de Lisboa que só per si com seu termo contém gente de um bom reino.” (Leão, 1610, pp.64-65). É ainda de referir a “*Corographia Portugueza e Descripçam Topografica do famoso Reyno de Portugal*”, onde as vilas alentejanas pertencentes na época à Comarca de Beja seriam todas elas excelentes produtoras de pão (Costa, 1708, p.418). Um outro aspecto a ter em conta quanto à produção cerealífera há muito é a presença de silos por todo o Distrito e, mais concretamente todo o Concelho de Beja, encontrando-se estes datados de diferentes Épocas, como é o caso de um silo escavado na rocha encontrado na Rua das

Portas de Moura, no interior da cidade, datado de Época Islâmica e Moderna, ou os dois silos encontrados no interior da vila de Beringel, datados ambos da Idade Moderna. Outros exemplos encontram-se dispersos por todo o Distrito, como Almodôvar (Mesas do Castelinho; sitio do Cerro da Mina – Idade Média e Islâmico), Barrancos (Castelo de Noudar), Castro Verde (Entradas onde foram identificados 10 silos Islâmicos já destruídos; Moura onde foram identificadas estruturas Romanas e Islâmicas), Ferreira do Alentejo (Silos de Época Romana, Islâmica e Medieval), Odemira, Moura, Mértola e Serpa.²

2.2.6 Fauna

Das espécies que actualmente constituem a fauna na região de Beja muitas existiriam já aquando da presença Islâmica do local. Por outro lado algumas ter-se-ão já extinguido devido, sobretudo à acção destrutiva do Homem e à alteração do coberto vegetal. Um destes casos é o veado (*Cervus Elaphus*). Esta espécie terá sido identificada em sítios como Mértola, Mesas do Castelinho em Almodôvar onde os restos mamalógicos recolhidos revelam a abundância do consumo deste animal entre os séculos IX e X, bem como em Silves, numa fossa, datada do século XV (Gomes, 2002, p.73). Este seria caçado nas áreas envolventes das povoações e a sua carne seria utilizada para grelhados, segundo as informações recolhidas nos restos osteológicos exumados em Almodôvar (Cardoso, 1993, p.212). É muito provável que também na zona de Beja se pudesse encontrar esta espécie, infelizmente não existem ainda materiais que possam ser estudados de forma a comprovar esta situação.

No Foral da Cidade de Almodôvar de 1285 (Cardoso, 1993, p.106), é referida a presença do Zebro ou Zevro (*Equus Asinus sp.*), espécie de equídeo selvagem que actualmente se encontra extinto. Sabe-se da presença deste animal também em Silves, devido ao Foral outorgado por D. Afonso III (Gomes, 2002, p.73).

O javali (*Sus Scrofa Lin.*) existe hoje um pouco por todo o Alentejo. São poucos os vestígios referentes a esta espécie no que respeita ao Período Islâmico mas no sítio das Mesas do Castelinho e em Mértola foram recolhidos materiais que comprovam, como sempre se pensou, que tal animal fazia parte da fauna da região, devendo ser

²

http://igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/sitios/?sid_formulario=SITIOS&sid=sitios.resultados&designacao=&cns=&meio=&periodohistorico=&tiposio=&concelho=2162&espolio=

mesmo bastante abundante. Em Silves encontra-se representado por restos osteológicos recolhidos na área urbana, datados dos séculos XV e XVI (Gomes, 2002, pp.73-74)

Uma outra espécie que se pode encontrar actualmente na região de Beja é a raposa (*Vulpes Vulpes Lin.*). Nas Mesas do Castelinho esta já estaria presente em Período Islâmico, sendo possível que este animal fosse caçado para um aproveitamento das suas peles (Cardoso, 1993, p.207).

O texugo (*Meles Meles Lin.*) e a lontra (*Lutra*) são duas espécies que se encontrariam na região aquando da ocupação Islâmica, tal como acontece hoje. Apenas existem referências do primeiro em Mértola (Moniz, 1993, pp.263-264).

Restos osteológicos de lebre (*Lepus Granatensis Miller.*) foram exumados em locais como Mértola, Alcaria Longa e no Castelo de Silves em níveis correspondentes ao século XII. O rato preto (*Rattus Rattus*) e o ratinho do campo (*Mus. Cf. Musculus*), presentes na actual fauna da área em estudo, existiriam em Época Islâmica, uma vez que foram exumados restos osteológicos dos mesmos em sítios como Mértola, Alcaria Longa e Silves, em níveis pertencentes ao século XII (Gomes, 2002. p.74).

No que se refere a aves, foram estudados materiais exumados em Mértola, Mesas do Castelinho e Silves. O pombo bravo, ave que hoje se encontra pela zona de Beja, estaria já presente em Silves e no sítio das Mesas do Castelinho em Almodôvar. A perdiz (*Alectoris Rufa*) seria uma ave comum aos três sítios. A rola (*Turtur Turtur*), uma das aves que actualmente se encontra um pouco por todo o país, inclusivamente por Beja, foi identificada em Silves e no sítio das Mesas do Castelinho, assim como a codorniz (*Coturnix Cummunis*) e o tordo (*Streptopelia turtur*), os quais ainda hoje se podem identificar no Sul e que terão sido estudados em sítios como Mesas do Castelinho e Silves (Gomes, 2002, p.74).

Próximo da cidade de Beja, existem hoje em dia outras aves como o barbudo gigante (*Palydactylos Quadrifilis*), a águia-pesqueira (*Pandion Haliaeetus*), a garça-real (*Andea Cinerea*), a gaivota d'asa escura (*Lanus Fuscus*), a pega azul (*Cyanopica Cyarus*), a ceguinha branca (*Ciconia Ciconia*), a garça soteira (*Babulais Ibis*), a petinha dos prados (*Anthes Pratensis*), o guincho comum (*Lanus Ridibundus*), a gralha preta (*Corvus Corone*), a laverca (*Alauda Avensis*), o milhafre preto (*Milvus Migrans*), o milhafre real (*Milvus Milvus*) e a tarambola dourada (*Pluvialis Apricaria*), sendo a

maioria visível na zona do aterro sanitário³. A pomba foi identificada num estudo cujo objecto eram os restos de aves exumados em Mértola, mas não foi possível identificar se seria a espécie selvagem ou a doméstica (Hernández Carrasquilla, 1993, p.274).

Diferentes espécies de osgas, salamandras, tritão, cobras, sapos e cágados complementam a fauna selvagem da região de Beja, bem como o morcego-de-ferradura mourisco (*Rhinolophus Mohelyi*) e a fuinha (*Mantes Foina*). De nenhuma destas espécies se exumaram restos osteológicos até ao momento. Apenas no Castelo de Silves se recolheram amostras de reptil na C3, em níveis do século XII (Gomes, 2002, p.74).

No que se refere a animais domésticos fazem hoje parte das criações alentejanas a ovelha (*Ovis Aries*), a cabra (*Capra Hircus*) e o carneiro (*Ovis*), a vaca e o boi (*Bos Taurus*) e o porco (*Sus Scrofa Domesticus*). De todas estas espécies foram exumados restos osteológicos em diversos arqueossítios, como Mértola, Mesas do Castelinho em Almodôvar, Silves e Alcaria Longa. A ovelha e o carneiro serão, em todos os casos, as espécies mais representadas, revelando a importância que teriam sobretudo na alimentação das populações, sendo consumidos, muito provavelmente, cozidos ou em ensopados (Cardoso, 1993, p.212). Segue-se a cabra e o gado bovino, este último de relativa importância para a captação de leite e também para alimentação. O porco é das espécies menos frequentes em níveis arqueológicos pertencentes ao Período Islâmico. Isto justifica-se pelo facto de estas populações não se alimentarem daquele animal o mesmo acontecendo com o javali. Apenas foram exumados restos de porco, da Casa II de Mértola, em níveis datados do primeiro quartel do século XIII. Se os árabes não consumiam este tipo de animais, devido a prescrições corânicas, antes deles, os romanos fizeram-no e a presença da espécie no que é hoje Portugal ficou registada em alguns textos, como o testemunho de Marco Varram no Livro Segundo da sua *Rés Rustica* onde contava que um “...*Atilio Romano, que residia em Hespânia homem de muita erudição e verdade contava que na Lusitânia Ulterior que devia ser nas terras de alen Tejo ou no Algarve se matou um porco de que se mandou de presente hau posta a Lúcio Velumnio senador romano que em Hespânia nadava...*” (Leão, 1610, p.53).

O coelho (*Oryctolagus Curiculus*) e o cavalo (*Equus Caballis*) são duas outras espécies comuns num monte ou numa herdade Alentejana, até numa simples casa se podem achar coelhos domésticos criados, na maioria dos casos para a alimentação.

³ <http://www.avesdeportugal.info/avesdeportugal.html>

Foram exumados restos osteológicos de coelho em arqueossítios como o Castelo de Silves, de níveis datados de entre os séculos VIII e XIII (Gomes, 2002, p.74). Também na Casa II de Mértola se recolheram restos deste animal, de níveis pertencentes ao primeiro quartel do século XIII, bem como Alcaria Longa e Mesas do Castelinho. Já nesta altura serviria como alimento. Relativamente ao cavalo, foi identificado na Casa II de Mértola, em níveis do primeiro quartel do século XIII e nas Mesas do Castelinho (Antunes, 1996, pp.267-276; Cardoso, 1993, p.217).

Aves domésticas eram também já criadas em Período Islâmico para a alimentação, como as galinhas e os galos (*Gallus*), tendo sido exumados restos destes animais em Mértola em níveis pertencentes ao primeiro quartel do século XIII, na Casa II e em Alcaria Longa, em níveis datados da primeira metade de século XII, onde se pensa ter existido mesmo um aproveitamento do ovo para consumo alimentar (Antunes, 1996, pp.267-276).

O cão (*Canis Familiaris*) e o gato (*Felis Catus*) são as duas últimas espécies domésticas identificadas até ao momento em contexto islâmico. Foram exumados restos osteológicos destes animais em Silves, em níveis dos séculos VIII a X e século XIII no caso do primeiro e dos séculos VIII a X, no que se refere ao gato, assim como em Mértola na Casa II, em níveis datados do primeiro quartel do século XIII (Gomes, 2001, p.74; Antunes, 1996, pp.267-276)

Talvez chegassem a Beja, algumas espécies de peixes e de moluscos trazidas de Mértola, espécies de água doce pescadas no Guadiana, como é o caso do solho, do esturção do barbo, da ostra, do mexilhão, da amêijoia, da vieira e do berbigão, espécies que foram identificadas na Casa II de Mértola, em níveis pertencentes ao primeiro quartel do século XIII (Antunes, 1996, pp.267-276).

2.2.7 Hidrografia

Este é um Concelho bastante pobre em águas correntes devido à sua topografia, sendo o Guadiana, as Ribeiras de Terges e Cobres a Sul, a da Cardeira e a de Odearce, as suas fontes naturais de águas correntes, mas só o primeiro tem um curso permanente, todas as outras secam durante a estação estival, podendo no Inverno apresentar grande torrencialidade (S/A, 1987, p.7).

Este aspecto é bastante comum nos rios do Sul que vê no Verão o seu caudal reduzido, o que pode interromper o curso de alguns deles e até mesmo secar outros de dimensões inferiores. Por algumas vezes até mesmo o Guadiana se pode atravessar a pé. Com a chegada das chuvas Outonais esta situação não se altera em muito uma vez que as terras que se encontram bastante secas neste período, ao receberem estas primeiras águas, acabam por absorvê-las, sendo as enchentes mais comuns entre os meses de Novembro e Março. Estas cheias são uma das formas de fertilizar as terras, mas a sua violência pode, por outro lado, destruir tudo. Na Primavera, quando o caudal dos rios começa já a diminuir pouco a pouco, as chuvas que por vezes caem podem interromper este processo de redução. Este aspecto climatérico assim como o terreno árido influenciaram a tardia formação destes rios, que datam apenas do Quaternário. O Guadiana, um dos principais rios portugueses, apresenta 801 km de comprimento, dos quais 150 km se encontram já em território português. O seu perfil longitudinal não é muito acidentado e a sua cor aparenta ser um pouco amarelada ou acastanhada, algo típico nos rios que correm em zonas xistosas. A sua bacia é estreita e comprida, apresenta uma fraca dissimetria transversal, orográfica e climática. Nasce na Mancha, a 1700m de altitude e corre na direcção Leste - Oeste. Este rio terá sido uma importante via de navegação, de pessoas, animais e comercio, até há relativamente pouco tempo (Ribeiro, 1989, pp-276-277).

Capítulo3. Período Islâmico

3.1 O Território do al-Andalus

Para a realização deste capítulo foram utilizadas as informações cedidas por António Borges Coelho no seu “*Portugal na Espanha Árabe*”, o qual recolheu descrições de diversos autores árabes que se dedicaram a escrever sobre o território do *Garb al- Andalus*.

Para começar há que explicar como era visto o *al-Andalus* nesta época. O Mediterrâneo ficava a Sul do território, o oceano Atlântico a Ocidente e a Norte o “*mar dos Ingleses*”, sendo este a parte setentrional do Atlântico. Al-Razí divide o território em duas partes: *Ax-Xarqui* (oriental) e *Al-Garbe* (ocidental). A divisão daquelas partiria do País Basco, indo quase até Toledo, chegando depois abaixo de Cartagena, parecendo indicar a antiga divisão romana em *Hispania Citerior* e *Ulterior*. Abaixo desta divisão, vêm a divisão em distritos ou *akâlim*, sendo as três províncias do *Gharb*, *Balata*: Lisboa, Santarém e Sintra; *Alcácer*: Alcácer do Sal, Évora, Elvas e Beja; *Al-Facr*, o actual Algarve. Algumas cidades do *Gharb* e do *al-Andalus* eram *Marsâ Hâxim* (provavelmente Castro Marim), *Qast:âlla Drrâj* (Cacela), *T:abira* (Tavira), *Xanta Mariya Al-Algarbi* (Faro), *Al’Pulya* (Loulé), *Batirna* (Paderne), *Al-Buh:aira* (Albufeira), *Xelb* (Silves), *Porches*, *Abasse* (Estombar), *Al-Bur* (Alvor), *H:alq Az-Zawia* (talvez Lagos), *Tarj Al-Guráb* (Cabo dos Corvos); *Myrtili* (Mértola), *Xirba* (Serpa), *Maura* (Moura), *Bâja* (Beja), *Ébora* (Évora), *Ilbas* (Elvas), *Julumania* (Juromenha), *Al-Qasr Abu Danis* (Alcácer do Sal), *Lixbûna* (Lisboa), *Xintra* (Sintra), *Xantarín* (Santarém), *Exitânia* (Idanha)^(Fig.10) (Domingues, 1960, pp.340-352).

Quanto a distâncias, sabe-se que o comprimento do *al-Andalus*, desde a Igreja do Corvo, ou seja do Cabo de São Vicente, até ao Monte chamado Templo de Vénus, Port Vendre, seria de 1100milhas, sendo a sua largura de 600 milhas. (texto de Ibne Al-Munim, no seu *Kitab al-Rawd al-Mitar*, traduzido por Lévi Provençal em 1938) (Domingues, 1960, pp.340-352). De Beja a Córdova existiria uma distância de 300 milhas, enquanto de Beja a Santarém seriam 120 milhas de distância, ou seja, levar-se-ia 4 dias de viagem (Coelho, 2008, p.36).

Quanto ao povoamento no Sul, na região dos actuais Alentejo e Algarve, sabe-se que seria mais denso que a Norte, existindo mais cidades, aldeias e pequenos povoados, mas encontrando-se mais afastados, possuindo entre si zonas desérticas. Ibn Bassam, um viajante de Santarém do século XI, escreveu sobre o Alentejo: “*Percorri desertos*,

nos quais o ouvido acusava de falsidade a vista e em que as calamidades que caíam sobre nós mantinham aterrorizados os nossos ânimos, desertos nos quais o próprio lobo morreria de fome e em que nem sequer voaria o corvo.” (Marques, 1993, p.144).

3.2.História Islâmica de Beja

Foi em 712 d.C. que o exército de Muça Ibn Nusayr, liderado pelo filho daquele Abd al-Aziz, chegou a Beja, conquistando-a em seguida. A partir daquela al-Aziz conquistou todo o Alto Alentejo e a Extremadura. Se aquando da sua chegada não existiu qualquer tipo de oposição, ou se pelo menos a sua “conquista” foi fácil, após a tomada de Sevilha pelas forças muçulmanas e da fuga dos seus habitantes cristãos para Beja, esta situação modificou-se. Os refugiados foram bem recebidos na cidade por parte dos autóctones, que desde logo prepararam um ataque contra a guarnição árabe em Sevilha. A eles juntaram-se os que haviam fugido daquela cidade, sendo portanto necessária uma nova incursão das forças militares árabes a Beja de forma a travar a revolta e a consolidar a conquista inicial. Ao partir o Emir entrega o governo da cidade de Beja a Abd al Jabbar Ibn Salama al Zuhri (Macias, 2006, pp.29-30; Marques, 1993, p.121).

Em 742 d.C. o *jund* do Egipto instala-se em Beja, provavelmente para combater possíveis revoltas naquela *Kura*. Contudo, a sua presença não evitou que no ano seguinte Salama al-Judami, se rebelasse contra o Emir, revelando assim as dificuldades do *jund* em controlar a população e os senhores locais e, as limitações do poder de Córdoba. Apesar de todas as dificuldades, a revolta é por fim controlada, sendo divididas as *Kuwar* de Beja, Niebla, e Ossónoba pelos apoiantes do chefe árabe (Macias, 2006, pp.33-35).

O século VIII foi o mais marcante a nível de sublevações na *Kura* de Beja, é sobretudo a respeito deste Período que as fontes escritas nos deixaram maior número de relatos. Sabe-se que em 745 d.C. se havia refugiado na cidade o *Wali* Abu al-Haltar. No ano seguinte, em 746 d.C. um Udiat al-Dimmi revoltou-se em Beja, sendo necessária a presença de Amir al-Abdari para acalmar a situação. Em 750 d.C. dá-se nova revolta na região, desta vez perpetrada por Urwab al-Walid “al-Dimmi”, contra o governo de Yasuf al-Fihri, apoiado pelos cristãos locais. Mais uma vez, o Emir saiu vitorioso, cessando a rebelião (Macias, 2006, pp.36-37).

Uma nova revolta surge em 763/764 d.C., com a sublevação de al-Mughit, um magnata local, de provável descendência iemenita, de uma família da *Kura* de Beja. Este facto serviu como ponto de partida para novos levantamentos deste clã em 772/773 d.C. (Marques, 1993, p.36; Macias, 2006, p.36). Existem diferentes versões quanto aos avanços da revolta de Mughit no *Garb* e na *Kura* de Beja, mas num ponto todas parecem concordar, al-Rahman, o Emir, derrotou Mughit, pondo assim termo à sua revolta (Macias, 2006, pp.36-37).

Apesar desta vitória do Poder Central, as revoltas não cessaram por completo na região Ocidental da Península Ibérica, devido à insatisfação das populações mas sobretudo dos senhores locais, que não queriam perder os seus direitos, o seu poder e muito menos ficar subjugados aos árabes, apesar de sempre terem tentado manter, na sua maioria, uma relação de equilíbrio com aqueles. Há também a referir que para além das revoltas de senhores locais cristãos (moçárabes), os conflitos entre árabes e berberes eram frequentes. Os primeiros consideravam os berberes como inferiores, possuindo um elevado complexo de superioridade e revelando desde sempre arrogância para com aqueles, classificando-os mesmo como muçulmanos de segunda. Outro motivo para o elevado número de conflitos que se faziam sentir na Época relaciona-se com os próprios árabes. Não bastando as questões com berberes, a divisão por tribos e o desejo de poder de cada uma, eram um outro factor originário de lutas. Por fim, também entre berberes se faziam sentir os confrontos entre as diferentes tribos (Marques, 1993, p.123).

Em 772/ 773 d.C. al-Yahsub revolta-se contra o Emir, tentando vingar a morte de Abu-Sabbah. Àquele juntam-se dois chefes iemenitas de Beja, Amru Ibn Talut e Kultum Ibn Yahsub. O último e al-Yahsub eram familiares de Abu-Sabbah, justificando assim o desejo de vingança de ambos (Macias, 1993, p.38).

Há registos de duas revoltas no ano de 818 d.C. em Beja. Uma é iniciada por Tumlus al-Nadawi contra o Emir cordovês, levando a cabo a conquista daquela cidade que é mais tarde cercada pelas tropas emirais, submetendo-se pouco tempo depois. A outra perpetrada por al-Walid, que após o cerco da cidade, acaba por ser também ele derrotado pelo Emir (Macias, 2006, pp.41-42).

Por esta altura parece haver um período de paz em Beja, não se passando o mesmo no restante território da *Kura*. Na zona Oriental daquela, a instabilidade manteve-se até cerca de 833 d.C. (Macias, 2006, p.41). É durante este período de

instabilidade que al-Jabbar foge após uma revolta em Mérida, para Beja, em 828 d.C.. Em 834 d.C. aquele e b.Martín, revoltam-se em Beja, partindo dali para a conquista de novos territórios. Para isso, seguiram por diferentes caminhos, acabando b.Martín por ser assassinado enquanto o primeiro se dirigia a Ossonoba. Foi neste percurso, ainda na *Kura* de Beja, que se confrontou com os habitantes daquela cidade, que acabaram por perder a batalha num sítio chamado “*M.T.L*”, *Martil*, devendo este corresponder a Mértola (Macias, 2006, pp.42-43).

Algum tempo depois inicia-se a chegada de Normandos ao território actualmente Português. Em 844 d.C. um grupo daqueles, que havia iniciado as suas incursões em Lisboa, sendo depois obrigados a partir pelo *Wali* local, segue para Beja, subindo o Guadiana, a qual vão saquear (Marques, 1993, p.125).

Entretanto, a cerca de 50 km da cidade, mantêm-se as sublevações de senhores locais contra al-Rahman II, na região de Aroche, em 848/849 d.C.. Desta vez foi Faraj b. Hayr al-Tukiliqi quem liderou a revolta, acabando por ser derrotado pelas forças militares do poder central e submetendo-se ao seu Governador. Desta forma obteve o seu perdão sendo-lhe cedido o governo da *Kura* de Beja (Macias, 2006, pp.42-43).

Em 868 d.C. eram visíveis já os primeiros sinais da futura revolta de Ibn Marwan contra o Muhammad I, tendo em 874/875 d.C. aumentado em muito o seu poder ocupando e logo em seguida abandonando cidades importantes como Mérida, Badajoz, Idanha-a-Velha, Marvão e por fim Beja, Ossonoba e Niebla. Ao partir para aquelas últimas, deixa a governar a cidade de Beja o seu lugar-tenente al-Malik, que desde cedo vai contestar a autoridade do seu senhor, Ibn Marwan. Após a revolta contra aquele, al-Malik sublevou-se contra Muhammad I, iniciando um período de independência no governo da *Kura*. Este poder passou ao seu filho e mais tarde ao seu neto, que se mantiveram contra o poder de Córdova (Marques, 1993, p.127). Em 915/916 d.C., o *Wali* daquela região arma-se em líder dos *muladis*, expulsando os árabes da cidade (Marques, 1993, p.127).

Será apenas em 929 d.C. que al-Rahman III decide dirigir-se a Beja para recuperar o governo daquela. À sua chegada tenta de forma amigável resolver os seus atritos com al-Malik que se recusa a falar com ele. Desta forma, não lhe terá restado outra alternativa senão o ataque à cidade, a qual se encontrava bem aparelhada em termos defensivos, tendo dificultado assim a vitória de al-Rahman III, que acabou por

chegar, fugindo grande parte da família do derrotado. Quanto a esse, foi forçado a reconhecer o seu soberano e o seu poder, submetendo-se a ele. Era agora necessário eleger um novo governador para aquela região, chegando assim a esse cargo Abd Allah b. Umar b. Maslama. Aquele *Wali* teve ordens para recuperar a cidade, devendo erguer a cidadela destinada ao governador. Beja tornava-se por esta altura e, novamente, um espaço bastante militarizado, onde a presença de forças leais ou Poder Central se mantinha vigilante à instabilidade e insegurança (Macias, 2006, p.47).

É por esta altura que a Beja começa a perder a importância que até aí possuía. O século X marca o início do seu declínio e isso encontra-se perceptível pela falta de referências escritas àquela, a partir de tal momento. Entre 929 d.C. e meados do século seguinte não se conhecem quaisquer menções à região de Beja, ou seja até ao estabelecimento do Califado, altura em que o processo de pacificação e dominação dos territórios das *Kuwar* como Beja se acentua (Macias, 2006, p.41). Um outro aspecto que revela esse declínio é a nomeação de Abu abd Allah b. Hayal Tujibi como *Qadi* de Beja e de Faro, um governador para dois locais distintos (Macias, 2006, p.51).

Neste período começou já a fazer-se sentir na região a aproximação dos Cristãos e da sua Reconquista do *Garb al-Andalus*. É feita uma referência à defesa dos Aftácidas daquela cidade, em 1029 d.C., que acabam por perder devido à derrota de Muhammad b- al-Aftas, filho do Emir aftácida al-Mansur. Não se sabe ao certo como teria terminado esta batalha para al-Aftas, algumas versões referem que terá morrido durante os combates, uma outra defende que aquele teria sido capturado pelos cristãos (Macias, 2006, p.54).

Durante os períodos Almorávida e Almóada a decadência da *Kura* de Beja acentua-se ainda mais. Por esta altura são já várias as cidades que perdeu, como Alcácer do Sal e Évora, as quais terão formado novas *Kuwar*. Mértola tem já um papel de maior relevo em relação a Beja. É só com Ibn Qasi, natural de Silves, que aquela cidade recupera algum do seu vigor, sendo novamente palco de alguns momentos decisivos da aventura daquele senhor. Com o apoio de Ibn al-Mundir e de Ibn Wazir, Ibn Qasi parte da região do actual Algarve, à conquista de territórios um pouco mais a Norte. Após a conquista de Mértola, partem para a cidade de Beja conquistando-a. Era agora preciso colocar um governador naqueles territórios, ficando al-Mundir em Silves e Ibn Wazir como governador da *Kura* alentejana, mas não sem antes prestarem homenagem ao seu senhor. Mais tarde, com a partida de Ibn Qasi para Marrocos, com o seu regresso a

Silves e a consequente derrota, mesmo pedindo auxílio ao Rei Português e com o seu assassinato como vingança por esta situação, considerada traição pelos seus conterrâneos de Silves, Ibn Wazir é destituído do cargo de governador de Beja, em parte por calúnias e intrigas de al-Mundir, sendo depois aprisionado em Mértola. No seu lugar fica Abu Talib al-Zuhri (Macias, 2006, pp.58-59).

As forças da Reconquista encontravam-se cada vez mais perto de Beja. Em 1162 d.C., depois da reconquista de Santarém, os cristãos daquela cidade dirigiram-se para Beja recuperando-a por um pequeno período de quatro meses e oito dias, apenas para destruí-la e sobretudo destruir as suas muralhas, abandonando-a logo em seguida (Macias, 2006, pp.61-62). Esta investida surge já quando Geraldo Sem Pavor se junta aos combates pela Reconquista do *Garb al-Andalus*. Para além desta primeira investida comandada por aquele a Beja, outras se fizeram sentir com o mesmo líder: em 1172 d.C. e em 1178 d.C.. A facilidade e a frequência com que os Cristãos chegavam e entravam na cidade prova a falta de investimento árabe naquela para a sua recuperação e defesa, em período Almóada. Aquando da investida de 1172 d.C. aquela é abandonada pelos muçulmanos, ou pelo menos pelas grandes e poderosas famílias que ainda se encontrariam aí, o povo ter-se-á muito provavelmente mantido, tal como aconteceu após a reconquista definitiva da cidade. Só em 1174 d.C., após uma terceira investida Cristã é feita uma tentativa de recuperar e preservar aquela, através de dois contingentes militares que chegaram para a sua defesa. Esta decisão terá sido tomada talvez um pouco tarde de mais uma vez que no ano seguinte, a cidade é ocupada pelas tropas de D. Sancho I, o qual faz de Ibn Wazir e Ibn Timsalit prisioneiros (Macias, 2006, p.62).

Apesar da reconquista da cidade por Sancho I, toda a região encontrava-se ainda sob forte instabilidade, sendo frequente perdas de terras de árabes para cristãos e reconquista destas para os primeiros. Só nos anos 30 do século XIII, uma série de acontecimentos ditou finalmente o fim dos conflitos na região e a passagem daquela para as mãos das forças cristãs. Em 1232 d.C. foi ocupada a margem esquerda do Guadiana obrigando as forças árabes a recuar. Dois anos depois, em 1234 d.C., aqueles foram novamente obrigados a recuar, devido à reconquista e ocupação das terras a Sul de Beja e por fim em 1238 d.C., foi a vez de os cristãos chegarem a Mértola e ao resto da linha do Guadiana, afastando as forças militares árabes, garantido a reconquista definitiva da região e o fim da presença islâmica naquela (Macias, 2006, p.65).

3.3.A Kura de Beja

3.3.1. Limites da Kura (Fig.11)

A *Kura* de Beja ocupou uma parte substancial do que é hoje o Alentejo, estendendo-se para lá da actual fronteira, para Picos de Aroche e Serra Morena. Com a evolução histórica da cidade, a organização do espaço foi-se modificando, através do corte de antigos terrenos ou com a distribuição de um território (*Hisn*) por vários senhores e/ou a reorganização de pequenos *Husam* num só proprietário (Macias, 2006, pp.67-68).

Como limite Norte, encontrava-se a linha de separação dos territórios de Beja e Évora, o que não acontecia com o *Conventus Pacencis* Romano, que detinha o seu limite um pouco mais a Norte na zona de Portalegre. Sabe-se que entre aquelas duas cidades, os antigos limites, encontrar-se-iam na Serra do Mendro. Nossa Senhora de Aires seria um ponto de referência desta demarcação. Actualmente aquela corresponde à “fronteira” entre as duas cidades, divisão que não existia em Época Romana. Mais tarde as dioceses de Évora e Beja dominam os dois territórios, tendo os seus limites sido alterados durante a Presença Islâmica. Serviam como limites naturais a Norte os Rios Xarrama, Odivelas o Arroyo Fragamuñoz e a já referida Serra do Mendro (Macias, 2006, pp.69-70).

O limite Nordeste daquele território sempre apresentou alguns problemas quanto à sua definição. As fontes escritas que se referem a Saris e à sua dependência do al-Qasr, fazem crer que as terras a Oriente do Guadiana se encontravam dependentes de Beja, pelo menos inicialmente. A divisão daqueles territórios seria feita pela Foz do Arroyo de Fragamuñoz até Atalaya, ao longo do rio Ardila, seguindo em direcção a Aroche. Esta linha seria uma antiga via que seguiria paralela ao Guadiana e que terá sido utilizada em Período Islâmico pelas campanhas militares. Aquela encontra-se a Leste da *Kura* de Beja, estando marcada pela zona montanhosa da Serra da Tudia e da Serra do Viso. Documentos da segunda metade do século XIV referem a Ribeira de Alcarrache como limite entre Moura e Villanueva del Fresno, uma zona semidesértica e que já durante a presença Islâmica na região havia despertado interesse, sendo agora mencionada como ponto de referência. Aquela região marcava o fim da *Kura* de Beja e o início de uma outra área de influência (Macias, 2006, pp.70-71).

A polémica quanto ao limite Oriental da *Kura* tem sido frequente uma vez que a linha de demarcação coincide com a separação entre a Bética e a Lusitânia e mais tarde com a fronteira entre as regiões de Beja e Sevilha. Actualmente pode já afirmar-se que esta separação seria feita ao longo dos cabeços rochosos junto a Aroche e ao longo da Serra Morena, mas terá sido apenas após a Reconquista que se terá demarcado esta linha uma vez que anteriormente nunca teria existido de facto uma fronteira. Aquela surge assim após o século XIII consolidando depois com o Estado Moderno, de forma precisa e permanente (Macias, 2006, pp.71-73).

Relativamente ao limite Sul da *Kura* sabe-se que seria a Serra Algarvia, que separa os actuais Alentejo e Algarve. Este limite encontra-se bem definido apesar de não se colocar totalmente de parte a possibilidade de ter sofrido algumas variações ao longo do Período Islâmico na região (Macias, 2006, pp.73-74).

Alcácer do Sal seria a região que separava a *Kura* de Beja de Lisboa, a Noroeste, sendo o limite entre aquela cidade e Lisboa a Serra da Arrábida (Setúbal). Os textos geográficos de al-Razí bem como o texto de Yaquit, mais tardio, lembram-nos que al-Qasr era uma das cidades das terras agrícolas de Beja (Macias, 2006, p.74).

O limite Ocidental é apenas definido após a Reconquista, no reinado de D. Afonso III, passando por Santa Vitória, Peroguarda, Mombeja e Alfundão, não sendo conhecido em Época Islâmica (Macias, 2006, p.74).

Foi, como mencionámos, a evolução histórica da *Kura* que fez com que os seus limites se fossem estreitando durante a presença árabe mas também após a sua Reconquista por parte dos cristãos, passando assim o limite Norte por Cuba, Selmes e Pedrogão, o limite Sul pela Ribeira de Cobres, e a Este pelo Guadiana, sendo o Ocidental o já explicado (Macias, 2006, p.74).

3.3.2Administração Política

A organização política e administrativa do *al-Andalus* detinha como cabeça o Emirado e o Califado. Cada um daqueles correspondia a uma província – *akalim* – ou a um grande conjunto de províncias. Logo a baixo encontravam-se as *Kuwar* ou *Kura* (singular), as quais coincidiam no *Garb al-Andalus*, na sua maioria e, tal como sucedeu em Beja, aos antigos *Conventus Pacensis* Romanos ou com antigas Dioceses Cristãs. Cada *Kura* possuía no seu interior as cidades, as *mudun* ou *madina* (singular) e as

aldeias ou *qurar*, *qaya* (singular). As pequenas comunidades rurais, as que se encontram no fim desta pirâmide, eram designadas de *al-diya* ou *al-day'a* (plural e singular respectivamente) (Marques, 1993, p.183).

Por vezes surgem nas fontes escritas conceitos como *nahiya*, forma de designar uma região, *iqlim* (clima) correspondendo a um território menor que uma *Kura* e *'amal*, *hawz* ou *nazar*, para referir vários *iqlims* (Marques, 1993, p.183).

No *Garb al-Andalus*, de acordo com a divisão administrativa romana, encontravam-se as *Kuwar* de Ossonoba, Beja, Alcácer do Sal, Évora, Lisboa, Santarém, Coimbra e Idanha, seguindo de Sul para Norte. Era possível que existissem as *Kuwar* de Viseu e de Lamego ^(Fig.12) (Marques, 1993, p.187).

A *Kura* de Beja terá mantido em parte a organização romana bem como a da antiga Diocese Cristã. Era inicialmente muito extensa, tendo diminuído o longo da islamização, devido à criação de novas unidades administrativas que se foram estabelecendo a Norte, tendo perdido Alcácer do Sal e Évora no século X, reduzindo assim o seu espaço administrativo a três *civitates*: a própria *Pax Julia*, *Myrtilis* e *Arandis*, embora a Oriente continuasse a ultrapassar a linha da actual fronteira entre Portugal e Espanha, mantendo a sua influência até Aroche, ainda neste período (Marques, 1993, pp.184-185).

A capital de cada *Kura* era a *hadra*, a qual era governada por um *Wali*, nomeado pelo Emir, Califa ou Rei. Sabe-se que no século X cada *Wali* de Beja governaria por um período de cerca de dois anos, segundo decisão do poder central. Esses homens poderiam exercer funções em diferentes *Kuwar*, como acontecia em Beja com os *walis* chegados de Jaén. Por vezes os governadores das *Kuwar* revoltavam-se contra o poder do Emir, Califa ou Rei, conseguindo por um período de tempo a independência no governo da região, chegando mesmo a passá-la para os seus descendentes como al-Malik em Beja (Marques, 1993, p.185-186)

As cidades islâmicas corresponderiam muito provavelmente a antigas *civitates* romanas, embora apresentando por vezes pequenas alterações devido ao declínio de algumas (Marques, 1993, pp.186-187).

Beja, tal como outras cidades neste período possuía uma jurisdição própria, que estendia ao território que a circundava, designado por alfoz (*hawz*), constituído pelas alcarias, espaços com jurisdição própria, pelo menos do ponto de vista eclesiástico e,

pelas aldeias, semelhantes às alcarias. Internamente existiam na cidade os chamados bairros ou arrabaldes. No interior da *Kura* era ainda possível encontrar os castelos, com individualidade e autoridade próprias. Tanto as alcarias como os castelos se encontram actualmente na toponímia do Distrito de Beja, existindo das primeiras 35 referências. Os castelos (*hisn*) estão normalmente associados a topónimos começados por *isna-* ou *asn-*, como Asneira em Castro Verde e Odemira (Marques, 1993, pp.187-189).

3.3.3.O espaço rural de Beja

Sabe-se que não terão existido alterações muito significativas daquela área ao longo do Período Islâmico, ou pelo menos até ao momento não foram encontrados vestígios que o comprovem (Macias, 2006, p.118). Não terá existido uma ocupação muito intensa no que se refere ao espaço rural, durante a Idade Média (Macias, 2006, p.97).

Normalmente, quando se tenta compreender aquele espaço, existe a tendência de transpor para a Época Islâmica, os actuais campos que se encontram na região, devido à sua lenta evolução no que respeita à distribuição fundiária e à sua exploração, desde a Baixa Idade Média. De qualquer das formas há que ter em conta que, mesmo que lentamente, algumas alterações se foram processando, tanto a estes níveis como no que respeita ao tipo de agricultura praticada (Macias, 2006, p.118).

Esta *Kura* não seria homogénea, possuindo pelo menos, quatro sub-regiões:

- A cidade e a sua área envolvente, onde os terrenos seriam planos e férteis;
- A margem esquerda do Guadiana onde o terreno se ia tornando pouco a pouco mais acidentado, sendo excelente para a actividade mineira mas de muito fraca qualidade para a agricultura;
- As serras do Algarve a Sul, onde se encontravam algumas famílias, produzindo essencialmente como forma de subsistência;
- Por fim, a zona de Costa a Oeste, de onde pouco se conhece quanto às populações que ali habitavam e às suas práticas agrícolas;

Desta forma não é possível compreender a evolução daquele espaço entre os séculos V e XIII, devido não só a esta heterogeneidade do terreno com diferentes ocupações do solo, mas também às transformações que muito provavelmente existiram durante o povoamento romano e com certeza às diferenças na transição para o Período

Islâmico em cada espaço da *Kura*. Há ainda que ter em conta as distintas formas de povoamento naquele Período e no que o precedeu (Macias, 2006, pp.120-121).

O pastoreio seria um dos grandes recursos económicos daquela *Kura* para além da agricultura (Macias, 2006, p.122).

A descrição de Ahmede al-Razí é a mais antiga de que há conhecimento, no que se refere a Beja, datada do século X. naquela são mencionados aspectos que revelam a sua importância, sendo mencionada a sua localização e feita uma pequena introdução sobre a sua evolução histórica até àquele momento. É também aí referida a qualidade das terras para a agricultura (Coelho, 2008, p.36).

3.3.4. Exploração mineira

A mineração é conhecida no *Garb* apenas pelo que nos chegou nas fontes escritas, a nível arqueológico não foi ainda possível comprovar esta actividade em Período Islâmico (Macias, 2006, p.102).

No Baixo Alentejo eram exploradas minas de cobre, de chumbo ou ferro, mas também de prata e muito possivelmente de ouro. Na região do actual Distrito de Beja, aquela era, para além da agricultura, já em Época Romana, um dos principais recursos, tendo a sua fama origem no Calcolítico, prolongando-se até à Idade Moderna. Naquelas os metais eram extraídos sem qualquer dificuldade e sem que fosse necessário grandes revolvimentos de terras. Para a escoação daqueles produtos era utilizado o porto de Mértola, possuindo aquela cidade a função de “armazém” das minas de São Domingos e Aljustrel. Aquelas eram, durante o Período de Ocupação Romana, as duas únicas minas que se encontravam directamente na dependência do Poder Central (Macias, 2006, p.103).

É sabido que em Época Romana eram exploradas as minas referidas bem como as minas de zinco e de ferro de Moura, as minas de ferro da Vidigueira e de Serpa (a mina de Vale de Pães na primeira e a mina de Ourada em Serpa, sendo uma das de maior importância e por isso, desde sempre explorada) e as minas de Rui Gomes e Monte Judeu na zona de Monte Branco (Trindade), na margem esquerda do Guadiana (as últimas exploradas já desde o Calcolítico) (Lopes, 2000, pp.62-62).

No que respeita ao Período Islâmico pouco se sabe sobre este tema. As informações que nos chegaram testemunham o fim das grandes explorações, dando lugar a outras de menores dimensões, por vezes de carácter residual, sendo exploradas pelas comunidades locais, que esconderiam a localização daquelas, como se depreende da única referência quanto à *Kura* de Beja, datada do século X (al-Razí), onde é mencionada a mina de Tutaliqa, onde a extracção era feita em segredo. Até aos dias de hoje a sua localização permanece desconhecida, levantando discussões a este respeito. Acredita-se que se encontraria na Serra da Adiça, entre as povoações de Ficalho e Santo Aleixo, perto da Ribeira de Toutalga. Alguns autores defendem que não designaria uma localidade ou local específico mas sim toda a área envolvente daquela Ribeira (Macias, 2006, pp.104-105).

Poderia ainda ter existido exploração mineira em São Pedro da Adiça, infelizmente não existem ainda quaisquer registos arqueológicos que o possam comprovar. Apenas no Poço 1 de Algares, em Aljustrel, foram recolhidos vestígios que parecem indicar uma ocupação que se teria prolongado entre os séculos IV e X. Parece que se teriam realizado trabalhos de exploração mineira no sítio, durante aquele período, pelo menos de forma esporádica (Macias, 2006, p.105).

Num documento do século XIII (1254) em que o Rei doa à Ordem de Santiago o Castelo, os terrenos envolventes e os direitos reais de Aljustrel e apenas uma pequena parte das “minas de *salacionne*”, revela a exploração daquelas na época e a importância que ainda possuíam (Macias, 2006, p.106). Há ainda que fazer referência ao facto de as populações locais que exploravam aqueles recursos, possuírem o comércio dos metais nos mercados urbanos. A importância da exploração mineira era elevada não só por este facto mas também devido à cunhagem de moeda e ao controlo dos fluxos monetários, justificando assim a relevância dada àquele território (Macias, 2006, p.105).

Para além das minas referidas, outras foram exploradas no Distrito de Beja até ao século XX, como a Mina da Preguiça, na região de Moura, de onde eram extraídos o zinco e o chumbo, e da qual não existem ainda certezas quanto à sua exploração em Época Romana. No Vale de Vango encontram-se minas de zinco, de chumbo e de ferro, das quais não se sabe nada sobre uma exploração durante a Antiguidade (Lopes, 2000, pp.62-63).

3.3.5. Rede viária ^(Fig.13)

No *Garb*, a utilização das antigas vias romanas foi frequente, o que poderá explicar de certa forma o rápido avanço das campanhas militares islâmicas. O abandono de vias que se encontravam desgastadas e a construção de novas que se pode observar em algumas zonas do *al-Andalus*, não se deu no *Garb*. A importância daquelas vias como dos aglomerados que serviam manteve-se intacta em Época Islâmica. No que se refere à *Kura* de Beja essa situação deverá ter-se mantido, veja-se o exemplo de Mértola, onde antigas estradas romanas são utilizadas até depois da Reconquista Cristã (Macias, 2006, pp.80-82).

Nunca foram elaborados estudos sobre este tema na região do *Garb*, as informações disponíveis referem-se apenas a fontes escritas, como os relatos de al-Maqqari, datado da segunda metade do século X, o qual se dedicava a Ossonoba, Santarém e Beja, mencionando as distâncias entre aquela última e outras, como Mértola e Sevilha. Os levantamentos realizados no terreno, normalmente com o objectivo de um maior conhecimento quanto à rede viária romana, proporcionam informação relevante para o Período Islâmico, tal como a cartografia antiga e os estudos parcelares sobre o tema (Macias, 2006, p.82).

Ainda antes de entrar na descrição das principais vias terrestres da *Kura* de Beja, penso que é relevante referir a importância que a segurança dos viajantes tinha para os governantes islâmicos. As punições por assaltos e raptos eram bastante violentas, sendo por vezes cortadas as mãos e os pés dos infractores, mas tais castigos não impediam que situações dessas se repetissem com frequência, em grande parte perpetradas por cristãos. Esse facto levou à decadência de algumas vias principais romanas, que, segundo o relato de al-Maqqari eram no início da islamização, locais perigosos. Alguns governadores tentaram revitalizar esses caminhos como Bakr b. Yahya b. Bakr, governador de Faro, exigindo que os habitantes daquela cidade fossem hospitaleiros recebendo e auxiliando os viajantes sempre que necessário (Macias, 2006, pp.81-82).

Neste período existiam na *Kura* de Beja dois caminhos de maior relevância sendo que um fazia a ligação entre Évora e Beja e daí para Mértola e o outro atravessando o território de Oeste para Este, partindo de Alcácer do Sal para Sevilha passando por Beja e Aroche. Ambos eram já referidos nas fontes do Mundo Antigo e sabe-se que eram ainda utilizados no século XIII (Macias, 2006, p.83).

Da primeira parte do percurso da via que ligava Évora a Mértola, existem dois marcos miliários que a confirmam. Um foi recuperado em Nossa Senhora de Aires, Viana do Alentejo, encontrando-se datado da primeira metade do século IV, o segundo também datado do século IV, foi encontrado no monte da Fonte dos Cântaros em São Brissos. Em 1260 mantinha-se ainda a ligação pela antiga via, a qual passava pela Ribeira de Odivelas em vez de seguir por um caminho que passaria pela Serra de Portel (Macias, 2006, p.84). Segundo Conceição Lopes, Mário Saa, defende que esta via partiria de Évora em direcção ao Monte das Paredes, seguindo para o Monte das Hortas Velhas, Nossa Senhora de Aires, daí passando pela Herdade de Águas de Peixes, atravessando a Ribeira de Odivelas para Vila Ruiva, Faro do Alentejo, seguindo para a Herdade das Pias, daí para o Monte da Boa Vista, depois pela Atouguia, para o Monte de Santa Luzia, passando pela Ermida da Senhora da Saúde chegando assim a Beja (Lopes, 2000, pp.75-76). Relativamente à segunda parte do caminho, de Beja para Mértola, sabe-se que aquele apenas foi abandonado no século XVIII após a construção da Estrada Real, sendo aquela a principal via de toda a região até ao seu abandono, ligando desde sempre Mértola a Beja e ambas ao mar. O percurso iniciar-se-ia pela Porta de Mértola em direcção ao Sul do território, passando pela Horta de Todos e pelo Tanque dos Cavalos, bifurcando em seguida ao chegar a Salvada, para Oriente no sentido de Quintos, cruzando depois o Guadiana em direcção a Mértola. Maria da Conceição Lopes apresenta uma proposta para aquele percurso, referindo que ao chegar a Salvada o viajante provavelmente seguiria para o Monte de Mértola, para o Monte das Barrancas, para a Fonte dos Piolhos e daí para o Monte dos Falcões. Daquele continuaria para o Monte da Silveira de Cima, para Oeste, passando pela Cabeça Gorda em direcção ao Monte do Cagaloso e ao Monte do Passarão, atravessando depois a Ribeira de Terges, a Norte do Mosteiro e da Amendoeira, entrando por este lado em Mértola (Lopes, 2000, pp.76-77).

A via entre Alcácer do Sal e Aroche, mantinha em contacto a costa Ocidental, a cidade de Beja e a *Hispalis*, em Época Romana e mais tarde durante a presença árabe na região, sendo um eixo essencial do Sudoeste da Península. Ao sair de al-Qasr o viajante seguia em direcção ao Torrão, Peroguarda e Beringel, entrando depois em Beja. Daquela partia em direcção a Serpa e Aroche. É mencionado num texto de al-Idrisi a distância entre aqueles pontos, correspondendo a esta via. Na segunda parte do percurso

existiria uma passagem por Fines, onde se conhece a presença romana, mas existem ainda algumas dúvidas quanto à presença islâmica (Macias, 2006, pp.88-89).

Um outro caminho ligava Beja ao Algarve atravessando a Serra do Caldeirão. Sabe-se que no final do século XVIII uma via ligava Beja, Aljustrel, Messejana, Garvão e Monchique, com passagem por aquela Serra, na zona de Almodôvar, percurso que terá sido utilizado por algumas das campanhas da Reconquista. Está também certa a presença de um caminho que ligava Beja a Faro utilizando mais uma vez a Serra do Caldeirão, com passagem por Ourique, até à região de Silves (Macias, 2006, pp.89-91).

No final do Período Islâmico surge, a Norte da *Kura* um novo caminho, ligando Badajoz e o Litoral, seguindo para Sul, pela via que ligava Mérida a Sevilha (Macias, 2006, p.89).

O chamado Caminho de Andévalo faria a ligação entre Beja e o interior daquela região. Há certezas quanto à sua utilização durante a Época Medieval mas não quanto ao Período de Ocupação Romana, acreditando-se mesmo que não deveria existir naquela época. Esta via, provavelmente secundária faria a ligação entre a Costa Orobense (Oroba), saindo de Mértola em direcção à Alcaria dos Fernandes, a Portela de Sevilha, Telheiro, passando pela Mina de São Domingos e dali para a Cerquinha (Corte do Pinto). Daquela partiria para Alfajar de Peña, onde o caminho bifurcava, seguindo em um dos casos para Ayamonte, por Villanueva de los Castillejos e San Silvestre de Guzman e, no outro para Gibráléon e daí para Huelva. Aqueles caminhos destinaram-se a diferentes populações, o primeiro provavelmente para quem se encontrava ligado à Bacia Hidrográfica do Guadiana, o segundo para populações que habitariam nas margens do Odiel (Macias, 2006, pp.91-92).

Na margem esquerda do Guadiana existiria uma via que faria a ligação da zona de Tharsis ao que actualmente se conhece como Ayamonte ou, poderia ainda ligar aquela primeira a Oroba, sendo já utilizada em Época Romana (Macias, 2006, p.92).

3.3.6. Comunicações Marítimas

Quanto a comunicações marítimas, sabe-se que a actividade entre os diferentes portos do Ocidente da Península Ibérica era constante. O transporte de pessoas e mercadorias provenientes de Cádiz e de Huelva, para Alcácer do Sal, Lisboa, Porto e rias da Galiza seria frequente. O porto de Silves teve desde sempre um papel de relativa

importância na difusão de ideias, de mercadorias, de figuras cultas por todo o território árabe. O rio Guadiana foi também um forte meio de comunicação, de difusão de ideias e de prática comercial neste período, tendo desempenhado desde cedo o papel de porto de Beja, complementando assim aquela, pelo menos até ao seu declínio nos séculos X-XI.

Em Época de Ocupação Romana aquele rio era já utilizado para o escoamento de produtos como o vinho, o azeite e o trigo produzidos no antigo *Conventus Pacensis* (Gonçalves; Pavão; Miranda; Guerreiro; Torres; 1998, p.4). Produtos provenientes de exploração mineira eram “exportados” através daquela via, não só ao longo da presença romana mas também durante o Período Islâmico, tendo Mértola servido como “armazém” daqueles.

3.4. Herança Islâmica no Sul de Portugal

A presença árabe na região Sul de Portugal encontra-se atestada em diversos aspectos da vida quotidiana. Entre 400 a 1000 palavras do Português possuem a sua origem no árabe, tendo o dialecto moçárabe lusitano servido de meio de introdução daquelas (Marques, 1993, p.209).

Aquando da sua chegada, árabes e berberes iniciaram um período de alteração de costumes, de novos padrões de conduta, novas palavras e novas expressões (Marques, 1993, p.143).

No Distrito de Beja, encontram-se actualmente topónimos relacionados com a presença árabe na região, sendo aquela, juntamente com Lisboa e o Algarve, a que concentra maior número de topónimos árabes ou arabizados. Grande parte daqueles encontra-se relacionada com as diferentes famílias árabes, iemenitas e não iemenitas, que se instalaram na região. É o caso dos *Banu Qasim* e dos *Banu Amir*, que poderiam estar relacionados com Bem Parece ou Bem Vinda em Mértola, Bem Gomes, Bem Casado, Benfeita, Benvidinho, Benevide Benamor, Benefátima, Bem Vistoso, Bem Parece em Odemira, Bem Parece e Bem Vistos em Ourique e Bem Venidos em Serpa. Os *Luwata* poderão ter originado topónimos como Lobata e o clã *Masmuda*, um dos mais frequentes, Albernoa (Marques, 1993, p.141).

Algumas palavras relacionadas com a arquitectura militar, poderão estar na origem de alguns topónimos que actualmente se encontram no Distrito de Beja. *Hisn*, ou castelo poderá ter originado o nome Asneira, em Castro Verde e em Odemira. Certo é

que se encontra relacionado com o nome Mértola – *Hisn Misrulati*. Atalaia ou *al-talia* é um dos topónimos mais frequentes na região, encontrando-se em Beja, Almodôvar, Ourique e Odemira (Marques, 1993, pp.195-196).

Relativamente à arquitectura religiosa, podemos encontrar topónimos relacionados com mesquita e mesquitela em Mértola e Ourique (Marques, 1993, p.201).

Palavras que actualmente são bastante utilizadas no nosso português encontram-se relacionadas com novas culturas agrícolas introduzidas pelos árabes no nosso País ou por eles desenvolvidas e generalizadas. Alguns desses casos são o trigo duro (*triticum durum*), o sorgo (*daqsa*) ou o arroz (*al-ruzz ou aruzz*). O azeite e a azeitona (*al-zait e al-zaituna*) não foram por aqueles, introduzidas mas é a eles que devem o seu desenvolvimento. O zambujeiro ou oliveira brava poderá ter sido introduzido pelos árabes. Alfolí ou alfolim, expressão que actualmente já não se encontra em uso, designa o conhecido celeiro público, sendo estas palavras bastante utilizadas durante a Idade Média e possuindo origem árabe. Algumas frutas devem àqueles a sua presença na região Sul do actual território português. É o caso do alperce (*al-berj*), da tangerina (*tarja ou Tânger*), da lima (*lima*), da romã (*rumman*) ou da tâmara (*tamara*) (Marques, 1993, pp.156-158).

Técnicas aplicadas a alguns destes frutos, como a secagem do figo – *almanxar* (*al-mansar*) e a caprificação das tamareiras e das figueiras, foram introduzidas aquando da presença Islâmica no *Garb* (Marques, 1993, p.158, Ribeiro, 1989, p.283).

A alcachofra (*al-harsofa*), a alcaparra (*al-kabbara*), a alface (*al-hass*), a beringela (*badinjana*) ou o açafraão (*al-zafaran*), são mais alguns exemplos de palavras de origem árabe que perduraram até aos nossos dias, sendo ainda hoje bastante comuns (Marques, 1993, p.159).

Algumas palavras ligadas a gado e à sua criação encontram a sua origem, mais uma vez no árabe. Na sua grande maioria encontram-se já em desuso mas terão sido bastante utilizadas durante a Idade Média, como albacar (*al-baqar*), designando um curral de gado bovino, alavão (*al-labban*) e aljeire (*al-hair*), ambas referindo um rebanho de ovelhas, alazão (*al-hisan*), para cavalo de raça, alcateia (*al-qataila*), para rebanho ou manada, alveitar (*al-baitar*), usado para veterinário, azerve (*al-zarb*), para cercado ou curral e rés (*ras*), designando cabeça de gado. Um maioral ovelheiro era o alganame ou ganhão (*al-gannaman*), um pastorinho ou ajudante de pastor, seria o zagal

(*zagal*) e a pastagem seria referida como almargem (*almarj*). A última encontra-se presente na toponímia do Alentejo e Algarve (Marques, 1993, p.161).

Javali (*jabalii*), adibe (*al-dib*), alcaravão (*al-qarawan*), hoje conhecida como perdiz e, alcatraz (*al-gattas*), o nosso mergulhão, são outros exemplos de palavras utilizadas no português, algumas já em desuso ou substituídas por outras, de origem árabe (Marques, 1993, p.161).

É possível encontrar na toponímia do Alentejo e Algarve, almuinhas (*al-munia*), designando horta, alverca (*al-binka*), para lago ou piscina, albufeira (*al-buhaina*), para lagoa e alcabideche ou alcabideque (*al-caput aquae*) para fonte ou nascente. Mas outras palavras ligadas a água possuem origem no árabe e actualmente encontram-se em uso, como lezíria (*al-jazira*), referindo-se a ilha, nora (*na'ura*) e alcatruzes (*al-qadus*) (Marques, 1993, 163).

Ceroulas (*saraul*), alfinete (*al-hilat*), algodão (*al-quatun*), alfaiate (*al-haiiat*), alfaia (*al-haia*), alcatifa (*al-qatifa*), alguidar (*al-gidar*), almofada (*al-muhadda*) são palavras de uso corrente que devem a sua origem ao árabe, como adarga (*al-darga*) e azagaia (*al-zagaia*). A última, pode actualmente ser ouvida no Sul do País, pelo menos na região Alentejana, apresentando já uma pequena alteração, caindo o a- inicial, sendo mais frequente ouvir apenas a palavras zagaia (Marques, 1993, p.167).

É possível identificar na culinária alentejana alguns pratos que se pensa remontar ou ter sido influenciados pela cozinha islâmica. O caso mais óbvio é o das famosas açordas, derivando a própria palavra do árabe, *al-thurda*. Aquelas deverão ter origem nas sopas espessas confeccionadas com hortaliças, legumes, carnes picadas, sêmola, farinha e fécula, muito comuns na dieta das massas árabes. As actuais filhoses e fritos, típicos sobretudo do Natal Alentejano, poderão ter também a sua origem nas massas fritas consumidas em Época Islâmica no *Garb*. O arroz doce poderá derivar do arroz de leite e as queijadas de um pastel de queijo perfumado com água de rosas, a *qajjata*. A almôndega, hoje ainda consumida em Portugal, possui a sua origem também na alimentação islâmica, na *al-bandaqa*. Palavras como acepipes (*al-zabib*), designando frutos secos e ló, a qual persiste ainda em pão-de-ló, têm a sua origem no árabe (Marques, 1993, p.236).

Foram ainda os árabes os introdutores e incrementadores de novas técnicas agrícolas do Sul de Portugal, as quais permitiram o desenvolvimento daquela

actividade. O moinho de água de rodízio horizontal, era já utilizado no território do *Garb*, mas foram aqueles que generalizaram a sua utilização, enquanto o moinho de água de rodízio vertical, a azenha (*al-saniya*), foi por eles introduzido e divulgado nas regiões do Alentejo e Algarve, sendo bastante frequente encontrar referências a este na toponímia daqueles territórios (Marques, 1993, p.163).

A construção de socalcos de sequeiro e de regadios deve também a sua origem à presença islâmica no Sul (Ribeiro, 1989, p.283).

3.5. Arqueologia Medieval Islâmica em Beja⁴

Antes de iniciar qualquer explicação sobre o sítio da Rua do Sembrano, é fundamental dar a conhecer o que tem sido a actividade arqueológica em toda a cidade e Concelho de Beja. É portanto essencial referir nomes como Abel Viana, o principal investigador e divulgador durante as décadas de 40 e 50 do século XX, da Arqueologia naquele Concelho, ou o de Fernando Branco Correia, que mais tarde prestou também o seu contributo para a arqueologia naquela cidade. Foram da sua responsabilidade, por exemplo, os trabalhos no interior da cerca do Hospital da Misericórdia na Rua D. Dinis, no ano de 1981, o qual forneceu algum espólio islâmico. A este seu trabalho farei menção no Capítulo dedicado aos Paralelos do conjunto cerâmico em análise. A Abel Viana deve-se o registo das principais informações que se referem ao património em geral e à arqueologia em particular. Todo o espólio a que tinha acesso ou de que apenas tinha conhecimento era relevante para Abel Viana. Mas tem sido sobretudo na última década que os trabalhos arqueológicos em Beja têm fornecido informação sobre a presença árabe na região, não sendo ainda a suficiente tendo em conta a importância que aquela cidade teria na Época. Intervenções como a de 1978 na Rua Rainha Dona Amélia, da responsabilidade de Manuel Soares, Maria Clara Vaz Pinto e Rui Zacarias Parreira, ou a já referida na Rua D. Dinis em 1981, ou ainda a realizada na Rua das Portas de Moura em 1987, por José Carlos Oliveira e Susana Correia tal como a do ano seguinte junto à Igreja de Santa Maria, todas no interior da cidade, foram intervenções de emergência e salvamento, devido a obras que se iniciavam nos sítios. Dos três foram recuperados apenas alguns materiais datados daquele Período. Nos últimos dois casos, correspondendo a um silo e a uma necrópole respectivamente, apenas em 2006 foram

⁴ Fontes: “*Arquivo de Beja*”, séries 1, 2, 3, 4
www.arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios

alvo de novos trabalhos por Isabel Ricardo, a qual levou a cabo sondagens nos mesmos para a realização da futura Carta Arqueológica de Beja. Na Rua Rainha Dona Amélia, para além de trabalhos de sondagem foi ainda feito um acompanhamento de obras relacionadas com infra-estruturas de águas, telecomunicações e/ou electricidade.

No Castelo, onde foi possível identificar níveis de ocupação islâmica, foi realizada uma escavação em 1994 por Maria da Conceição Lopes, não tendo sido possível identificar troços da muralha do mesmo período. Ainda na década de 90, uma outra intervenção no Conservatório Regional de Musica do Baixo Alentejo, forneceu algum espólio árabe em níveis de entulho. Actualmente estes trabalhos ainda decorrem podendo vir a proporcionar mais alguma informação relevante para a compreensão da presença muçulmana na cidade.

Foi essencialmente a partir de 2003 que mais trabalhos arqueológicos no núcleo urbano se têm desenvolvido. Nesse mesmo ano foi realizada uma sondagem seguida de acompanhamento arqueológico por parte de Maria Adelaide Costa Pinto, na Praça da República, ao abrigo do Programa PÓLIS-Beja. Naquela foram identificados níveis associados ao Período Islâmico. Na Rua da Casa Pia foi necessário naquele ano, um acompanhamento de obra por parte de Isabel Ricardo, tendo resultado daí algum material árabe.

No ano seguinte, no Largo de São João, mais uma vês no âmbito do Programa PÓLIS-Beja, foi realizada uma sondagem e, trabalhos de acompanhamento, por Isabel Ricardo e Nathalie Antunes, respectivamente, dos quais resultaram alguns materiais cerâmicos deste Período.

De 2005, há registos de trabalhos, na Praça da Republica e na Rua da Moeda. Esta foi a segunda intervenção naquela Praça, devido a obras relacionadas com infra-estruturas no subsolo (canalizações). Devido aos conhecimentos que já existiam a respeito deste sítio e ao facto de se localizar na cidade e, sobretudo no Centro Histórico daquela, foi necessário realizar o acompanhamento dos trabalhos. Quanto à Rua da Moeda, sofreu neste ano, trabalhos de valorização e de escavação sob a responsabilidade de Carolina Brito Ramos Grillo. Destes, resultaram mais uma vez, cerâmica islâmica.

Isabel Ricardo deu início em 2006, como mencionei, a sondagens nos vários sítios arqueológicos da cidade, para elaboração da Carta Arqueológica do Concelho.

Apenas um daqueles não sofreu qualquer outro tipo de trabalhos até ao momento, a Rua da Barreira, de onde apenas foram recuperados alguns materiais islâmicos. Os restantes são o Castelo da cidade, o Largo de São João, a Praça da República, a Rua Gomes Palma, a Rua da Casa Pia, a Rua da Moeda e a Rua de Mértola, locais onde, ou já haviam sido realizados trabalhos, mesmo que apenas de acompanhamento, ou viriam mais tarde a ser alvo de actividade arqueológica. Na Rua Gomes Palma foi identificado um dos achados de maior relevo até ao momento naquela cidade no que se refere ao período islâmico: uma necrópole. Aquela será um prolongamento dos enterramentos do mesmo período identificados também na Rua de Mértola, tendo sido realizado no mesmo ano, por Miguel António Paixão Serra um acompanhamento devido a obras a nível de infra-estruturas de água, electricidade ou comunicações, em ambas. Também na Rua da Casa Pia houve a necessidade de um acompanhamento de obras ainda em 2006, por parte de Teresa Neves da Ponte.

A Rua Gomes Palma foi alvo de novos acompanhamentos em 2007 e 2011, mas entre 2009 e 2011 as atenções focaram-se nas obras efectuadas na Escola Secundária Diogo Gouveia, ao abrigo do Projecto Parque Escolar, onde foi identificada, devido ao trabalho de acompanhamento dos arqueólogos, a maior necrópole islâmica daquela cidade. Foi possível detectar ainda enterramentos de Época Medieval Cristã. Desta necrópole farão parte os enterramentos anteriormente descobertos nas Ruas Gomes Palma e de Mértola, sendo aqueles prolongamentos da mesma. Além dos enterramentos foram escavados silos de onde foi possível recuperar espólio Islâmico e Moderno.

Quanto à restante área do Concelho, a presença árabe encontra-se comprovada nas freguesias de Santa Vitória, Beringel, Baleizão, São Brissos e Trigaches. Na primeira apenas foram recuperados através da sondagem de Isabel Ricardo em 2006, algum material árabe, no sítio da Corte Romeirinha 2. Em Beringel foram identificados dois sítios do período estudado, Funchais 6 e Corte do Marquês 7, devido a trabalhos de acompanhamento da obra do bloco de rega de Pisões, Alqueva. Após as suas descobertas foram realizadas sondagens nos mesmos e trabalhos de escavação, correspondendo o primeiro a um habitat de onde foram recuperadas cerâmicas islâmicas pintadas a branco, vermelho e negro, cerâmicas vidradas, candis e candeias. Matérias de construção foi o recolhido através dos trabalhos no segundo sítio. Em Baleizão estão registados no Portal do Arqueólogo, neste momento, dois sítios de onde foram recolhidos materiais islâmicos, Herdade do Paço do Conde e Horta da Arruda 6. O

segundo foi apenas alvo de uma sondagem em 2006 por Isabel Ricardo, sendo que no primeiro houve necessidade de acompanhamento aquando dos trabalhos do subsistema de rega do Ardila, Alqueva, em 2001, altura em que terá sido identificado, sendo no ano seguinte alvo de prospecção devido aos trabalhos no IP8 entre Beja e Vila Verde de Ficalho. São Brissos e Trigaches devem a identificação de um sítio do Período em estudo, em cada uma, aos trabalhos de construção do bloco de rega do Pisão, Alqueva. Monte do Bolor 1 / 2 na primeira foi detectado em prospecções entre anos de 2000 e 2005 de Carlos Pires, aquando da descoberta de uma sepultura islâmica. Este sítio foi alvo de uma sondagem em 2010 e de acompanhamento entre esse ano e 2012, devido aos trabalhos do troço de ligação entre Pisão e Beja. Vale da Fonte da Rata 3 foi identificado em Trigaches em 2007/2008 durante o acompanhamento dos trabalhos do bloco de rega do Pisão.

Salvo raras exceções, pode observar-se que na grande maioria dos sítios registados no Portal do Arqueólogo como pertencentes ao Período Islâmico, apenas foram recolhidos alguns materiais cerâmicos, tanto no espaço urbano como nas freguesias não urbanas apresentadas. Não foi possível a identificação de qualquer tipo de estrutura daquela Época, nem mesmo um troço de muralha no Castelo da cidade. As únicas exceções foram os enterramentos e, sobretudo a necrópole islâmica da Escola Secundária, alvo de trabalhos recentemente e dos quais ainda não existem publicações possíveis de consultar. Há agora que esperar por estas e por novas informações sobre o Conservatório Regional de Musica do Baixo Alentejo onde actualmente ainda decorrem trabalhos arqueológicos.

3.5.1. A Rua do Sembrano ^(Fig.14)

A Rua do Sembrano localiza-se na freguesia urbana de São João Baptista.

A descoberta do arqueossítio deu-se em 1983, quando se procedia à construção de uma habitação particular, levando à abertura de sondagens já naquele ano. Os trabalhos de escavação tiveram início em 1987^(Fig.15) após a Câmara Municipal comprar aquele terreno, tendo terminado em 1995. Foram realizados pelo Museu Municipal de Beja e pelo Serviço Nacional de Arqueologia da Zona Sul, do Instituto Português do Património Cultural, ficando inicialmente como responsáveis pelos trabalhos, Susana Correia e José Carlos Oliveira (Correia; Oliveira; 1987, pp.1-3).

A importância daqueles vestígios justificava-se pela falta de material arqueológico do Período Romano, recuperado na cidade de Beja, apesar de se conhecer a grandeza da cidade na Época. O espólio existente era apenas proveniente de alguns trabalhos de acompanhamento de obras e agora era possível e justificável iniciar uma escavação sistemática no interior do perímetro urbano. Assim os trabalhos focaram-se essencialmente nestas estruturas, sendo um dos principais objectivos atingir os níveis romanos colocando a descoberto todas as estruturas, para a formação do actual Núcleo Museológico da Rua do Sembrano. O segundo objectivo era compreender a evolução histórica e arqueológica do sítio ao longo dos diferentes períodos ali representados, algo que se veio a revelar impossível devido aos diversos revolvimentos, portanto à impossibilidade de estabelecer uma sequência estratigráfica rigorosa (Correia; Oliveira, 1987, pp.1-6). Há que considerar o facto de estes trabalhos se terem realizado no Centro Histórico da cidade, logo numa área densamente povoada provocando a destruição de vestígios de Períodos anteriores.

Em 1987, para além da divisão do sítio em quadrículas^(fig.16) de 2mx 2m designadas alfanumericamente e, da inserção das estruturas já existentes, nas mesmas, foi limpo um perfil de uma sondagem aberta em 1983 pelos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Sul e, por fim foram abertas algumas novas quadrículas, onde terão sido escavados essencialmente níveis iniciais (Correia; Oliveira, 1987, pp.4-5).

Na campanha de 1988^(fig.17) foram abertas novas quadrículas (12) e deu-se continuidade à escavação das quatro abertas no ano anterior. Foram deixadas entre algumas banquetas com 40cm de forma a recuperar a estratigrafia para ser feita uma nova leitura da mesma. Contudo esta leitura não foi possível uma vez que os vestígios romanos surgiram praticamente à superfície a cerca de 60cm, 70cm. Desta forma, cada quadrícula possuía um registo estratigráfico próprio, sendo feito no caderno de campo o paralelismo entre eles, correspondendo a maioria dos níveis a revolvimentos antigos e recentes (Correia; Oliveira, 1988, pp.5-9). No ano seguinte, foram desmontadas banquetas entre algumas quadrículas, tendo sido também abertas novas (Correia; Oliveira, 1993, pp.5-8).

Devido a problemas de financiamento a campanha de 1990 foi rapidamente interrompida (Correia; Oliveira, 1993, pp.15-16). Foi apenas em Agosto de 1992 que se retomaram os trabalhos de escavação. Neste ano deu-se continuidade aos trabalhos começados nas quadrículas abertas em campanhas anteriores, tendo-se iniciado

trabalhos em 22 novas quadrículas, sendo a área escavada de 156 m². Se inicialmente se pretendia atingir os níveis romanos sem destruir totalmente as edificações de épocas posteriores, depressa a equipa compreendeu que para se obter uma visão geral do sítio romano era necessário que todas as estruturas deste período ficassem à vista, não restando outra opção senão registar através de fotografia e desenho qualquer edificação posterior e, demoli-la em seguida. Desta forma, várias estruturas foram fotografadas, desenhadas, cotadas e desmontadas^(Fig.18) (Correia; Oliveira, 1995, pp.1-8).

Por fim, em Outubro de 1994 deu-se início à última campanha arqueológica no sítio da Rua do Sembrano, tendo-se prolongado pelo ano de 1995 (Correia; Oliveira, 1995 p.1). Desta ainda não se encontra finalizado qualquer relatório.

Entre 2003 e 2004, após a inclusão de Beja no Programa PÓLIS, foi executado um projecto pelo arquitecto Fernando Sequeira Mendes para a construção do Núcleo Museológico da Rua do Sembrano onde se encontram expostas algumas peças recuperadas durante as escavações e onde se pode observar através de um chão vidrado, os testemunhos identificados durante os trabalhos arqueológicos (termas, tanques, silos)^(Fig.19). Foi nesta fase necessária, para além do acompanhamento daqueles trabalhos, a realização de escavações em áreas que ainda não haviam sido intervencionadas. Terão sido estes os últimos trabalhos a nível arqueológico realizados no sítio da Rua do Sembrano, sendo que actualmente existe, como é normal, a necessidade de conservar estas estruturas⁵.

A área escavada permitiu compreender um pouco mais da evolução histórica da cidade de Beja. São vários os períodos que ali se encontram representados desde a Pré-História até à Idade Contemporânea, conforme veremos de seguida.

Os vestígios mais antigos estão datados do 3º milénio a.C., do Calcolítico, mas não são suficientes para fazer uma caracterização clara do que terá sido Beja naquele período⁶. Foi da II Idade do Ferro que se recolheram os vestígios mais significativos, uma vez que, como foi já referido neste trabalho, não eram conhecidos registos de ocupação anterior à Época Romana na cidade, alguns autores chegaram mesmo a considerar a hipótese de esta não ter existido. Este conjunto de vestígios é constituído pelo troço de muralha já referido, rodeando um povoado antigo. Desta ocupação são

⁵ Fonte. “Núcleo Museológico da Rua do Sembrano”, Desdobrável da Exposição Permanente, Rede Museológica, Município de Beja, Câmara Municipal de Beja

⁶ Idem

visíveis dois compartimentos definidos por muros, pavimentos de argila e calço moídos, com buracos de poste associados, sendo com certeza esta, a zona habitacional do povoado. Aquele terá subsistido entre os séculos IV a.C. e II a.C., altura em que se terão dado os primeiros contactos com povoações romanas. No que respeita a espólio arqueológico foram recolhidos ao longo dos trabalhos de escavação materiais importados como cerâmicas gregas, produções da Baixa Andaluzia e do Algarve. Foram também recolhidos materiais de produção local⁷.

Da ocupação romana, entre os séculos I a.C. e II d.C., surgiram abundantes vestígios que permitiram compreender um pouco mais da história da antiga *Pax- Julia*. Os vestígios encontrados pertencem a termas de uma habitação privada, a chamada *domus*. A pequena área das suas salas revelou, que esta teoria inicial era a mais correta. Durante todo o período romano este espaço manteve esta função, mas as reconstruções e reorganizações foram constantes e, encontram-se presentes, nos vestígios de que actualmente se dispõem. A sua utilização terá tido lugar entre os séculos I a.C. e I ou II d.C. O espólio romano recolhido foi abundante, sendo ele constituído por vidro, cerâmica, *sigillatas*, paredes finas, lucernas, ânforas, frescos, mosaicos com *tesselas* brancas e pretas, moedas, friso de mármore, mas um dos mais relevantes foi sem duvida uma lápide com uma inscrição revelando que no local ou pelo menos próximo deste se encontraria um templo⁸.

Dos primeiros momentos do Cristianismo não restam muitos vestígios, apesar de esta cidade ter sido Sede de Bispado. Do parco espólio deste período é de salientar o achado de uma cancela decorada do século VI ou VII, que faria parte de uma basílica⁹. Também da ocupação islâmica não restam muitos vestígios, apenas algum espólio como cerâmica decorada em corda seca, melados com decoração a negro, cerâmica comum e talhas estampilhadas¹⁰.

Moedas da I e II dinastias são os poucos vestígios da Idade Medieval Cristã. Pensa-se que aquela fosse, para além de zona habitacional naquele período, também uma zona de artesãos, possuindo pequenas oficinas, devido à presença de cavaletes de

⁷ Idem

⁸ Fonte. “Núcleo Museológico da Rua do Sembrano”, Desdobrável da Exposição Permanente, Rede Museológica, Município de Beja, Câmara Municipal de Beja

⁹ Idem

¹⁰ Idem

enfornamento¹¹. Percebe-se que a ocupação na Idade Moderna, sobretudo nos séculos XVII e XVIII terá sido intensa. Foi bastante o espólio daquele período recolhido entre os anos de 1987 e 1995, como cerâmica comum, vidrados, porcelana chinesa, vidro decorado, moedas, dedais, alfinetes, materiais em bronze e ferro. Algum do material revela a existência de oficinas dedicadas não só ao trabalho cerâmico, mas também de osso e ferro, mantendo-se portanto, ao que os vestígios nos indicam uma ocupação não apenas habitacional mas também laboral. Esta forte ocupação levou a que muitas das antigas estruturas romanas e ainda da Idade do Ferro aqui existentes tivessem sido reutilizadas como alicerces para construção de novos edifícios. Levou ainda à destruição de diversas estruturas romanas, podendo algumas delas ter sido também de época medieval¹².

Para além da informação que se recolhe visitando aquele espaço, é possível a consulta de alguns trabalhos que se encontram já publicados acerca das campanhas de escavação e de algumas conclusões a que foi já possível chegar. Foram ainda realizadas exposições de outros materiais recuperados no sítio. No I Encontro Internacional de Municípios com Centros Históricos em 1988 foi feita uma primeira exposição do espólio no Museu Regional de Beja, intitulada “*Intervenções Arqueológicas nas áreas Urbanas de Évora e Beja*”. Foi também apresentada naquele Encontro uma comunicação sobre a intervenção arqueológica, em que se procedeu a uma abordagem das questões já levantadas sobre as estruturas que haviam sido detectadas em 1983, publicada no ano seguinte com o título “*Escavação na Rua do Sembrano: uma intervenção arqueológica na área do Centro Histórico de Beja*” nos “*Cadernos do Centro Histórico de Beja*”.

Nas revistas de âmbito regional, como o “*Arquivo de Beja*”, foram sendo publicados alguns dos resultados das escavações. Em 1991, sai na 2ª série daquela, um artigo dedicado à intervenção de 1987, “*Intervenção Arqueológica na Rua do Sembrano – 1987*”, da autoria de Susana Correia e José Carlos Oliveira.

Durante as V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Lisboa no ano de 1993, Susana Correia e José Carlos Oliveira, apresentam uma comunicação sobre os trabalhos realizados nas campanhas de anos

¹¹ Idem

¹² Idem

anteriores, entre 1988 e 1990, intitulada “*Intervenção Arqueológica na Rua do Sembrano – Área Urbana de Beja. Campanhas de 1988 a 1990*”.

Ainda em 1993, em Março, foi montada no Museu Regional de Beja uma exposição sobre os trabalhos realizados até essa data na Rua do Sembrano, integrada na Semana do Património, promovida pela Câmara Municipal, que revela o interesse daquela Autarquia no património da região.

Mais uma vez, como tem vindo a suceder em grande parte dos sítios islâmicos daquela cidade, não foi possível estabelecer uma estratigrafia devido aos muitos revolvimentos, deixando desta forma algumas questões a responder, sobretudo no que respeita ao Período Islâmico e à ocupação do local naquela Época.

No próximo capítulo deste trabalho, é feita uma Catalogação de algumas das peças que constituem o conjunto em análise, para um melhor compreensão do mesmo.

Capítulo 4. Catálogo¹³

Neste Capítulo pretendemos dar a conhecer algum do espólio do conjunto em estudo, tendo em conta a sua forma, tipologia, função, a sua pasta e algumas medidas que nos parecem relevantes para um melhor entendimento das peças. Estas descrições, encontram-se acompanhadas de registo fotográfico e de desenho no final deste trabalho em “Anexos”, entre as páginas 140 e 166.

Devido à pequena dimensão de grande parte dos fragmentos e em consequência, das dúvidas ainda existentes quanto à sua tipologia, apenas se encontram aqui representados 49 dos 217 fragmentos totais do conjunto.

Como se poderá observar, este Catálogo encontra-se dividido em loiças de mesa, vasilhames de armazenamento e transporte e em contentores de fogo, tendo sido a funcionalidade das peças, o critério para elaboração destes ”subcapítulos”.

Após esta pequena explicação, seguimos para a descrição das peças.

4.1.Loiça de mesa

Nº de Inventário: Semb.177.069 ^(Fig.20)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor cinzenta (10YR8/3) próximo da superfície interior e castanha clara (10YR8/3) junto à superfície exterior, contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra.

Possui um pequeno orifício com cerca de 0,4cm de diâmetro, possivelmente utilizado para a passagem de algum fio.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante-redutora.

A espessura das paredes é de 0,6cm.

¹³ Os índices cromáticos referem-se à *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados

Nº de Inventário: Semb.83.0362 (Fig.21)

Taça

Fragmento contendo fundo plano. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha (5YR8/3), contendo elementos não plásticos - micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,7cm.

Nº de Inventário: Semb.1.0290 (Fig.22)

Taça

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha com uma tonalidade rosada (5YR8/4), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão fino. Possui vidrado em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração na cor negra.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 10,4cm, sendo a espessura das paredes de 0,4cm.

Nº de Inventário: Semb.122.0018 (Fig.23)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade acinzentada (10YR8/1), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão finíssimo a fino. Possui vidrado de cor amarela com tonalidade esverdeada na superfície exterior, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra.

Possui uma perfuração que atravessa a parede na totalidade, sendo esta uma marca de uma “gato”, ou seja de uma reparação efectuada na peça.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,4cm, sendo a altura máxima do fragmento de 3,7cm e o seu comprimento máximo de 5,7cm.

Nº de Inventário: Semb.12.0014 (Fig.24)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor castanha clara (10YR8/3) contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. Possui vidrado em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração aparentemente de carácter fitomórfico, pintada a verde e negro.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.92.0169 (Fig.25)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta pouco compacta e heterogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão médio a grosso. Possui vidrado em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada a verde e negro.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,8cm.

Nº de Inventário: Semb.120.0156 (Fig.26)

Taça

Fragmento contendo porção de parede. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha clara com uma tonalidade alaranjada (7.5YR8/6), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão médio. Na superfície interior oferece decoração de carácter aparentemente fitomórfico pintada a verde e negro.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,7 cm, sendo a altura máxima do fragmento de 4,9cm e o seu comprimento máximo de 2,3cm.

Nº de Inventário: Semb.35.0343 (Fig.27)

Taça

Fragmento contendo fundo de pé anelar baixo diagonal. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha bastante clara (10YR8/3), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. Possui vidrado em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor azul sobre um fundo branco.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do fundo é de 3,7 cm, sendo a espessura das paredes, em média, de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.35.0331 (Fig.28)

Taça

Fragmento contendo bordo vertical, com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege com uma tonalidade rosada (7.5YR8/3), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino. Possui vidrado de aspecto melado em ambas as superfícies. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor azul sobre um fundo branco e na superfície exterior oferece decoração incisa horizontal, constituída por dois sulcos juntos, ligeiramente distanciados do par seguinte.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 13,4cm sendo a espessura das paredes de 1,7 cm.

Nº de Inventário: Semb.35.0328 (Fig.29)

Taça

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha clara (10YR8/3), contendo elementos não

plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão fino. Possui vidrado em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor azul com uma tonalidade esverdeada, constituída por um traço com cerca de 0,2cm de espessura a toda a volta do bordo e um outro motivo da mesma cor.

São visíveis marcas de fabrico a torno na superfície exterior.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 11,6cm, sendo a espessura das paredes de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.206.028 (Fig.30)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor castanha clara com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. Possui vidrado em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter aparentemente fitomórfico, pintada nas cores negra e azul sobre fundo branca.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,4cm.

Nº de Inventário: Semb.141.030 (Fig.31)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha clara com uma tonalidade alaranjada (7.5YR8/6), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha na superfície interior, de aspecto melado. Na superfície exterior oferece decoração em corda seca, nas cores branca e amarela.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,5cm, sendo a altura máxima do fragmento de 2,8cm e o seu comprimento máximo de 2,3cm.

Nº de Inventário: Semb.171.261 (identificada nos fragmentos como Semb.831.001 e Semb.890.017) (Fig.32)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão fino. Possui vidrado na superfície exterior, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração em corda seca nas cores negra, branca e amarelada.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A altura máxima do fragmento é de 0,9cm e o seu comprimento máximo é de 3,2cm.

Nº de Inventário: Semb.120.0183 (Fig.33)

Taça

Fragmento contendo bordo extrovertido com lábio plano. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/1), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão fino. Possui vidrado de cor amarela na superfície exterior de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração em corda seca nas cores negra, branca, azul e dourada.

A superfície exterior possui marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A altura máxima do fragmento é de 5,1cm, sendo o seu comprimento máximo de 10,2cm.

Nº de Inventário: Semb.83.0224 (Fig.34)

Taça

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/1), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino. Possui vidrado de cor verde na superfície interior, de aspecto melado. Na superfície exterior oferece decoração incisa vertical, constituída por três sulcos pintados de um cinzento metalizado e digitalizações.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,4cm, sendo a altura máxima do fragmento de 2,5cm e o seu comprimento máximo de 2,9cm.

Nº de Inventário: Semb.195.1508 (Fig.35)

Tijela

Fragmento contendo fundo plano. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter geométrico, constituída por losangos no interior de um círculo, pintada na cor negra.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.84.0174 (Fig.36)

Tijela

Fragmento contendo porção do bordo extrovertido (inclinado exteriormente), possuindo lábio algo biselado. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege clara com uma tonalidade rosada (7.5YR8/3) contendo elementos não plásticos, feldspatos e cerâmica moída, de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra, constituída por um único traço que parte do bordo seguindo para a parede do fragmento (termina na zona de fractura). São visíveis marcas de fabrico a torno em ambas as paredes.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

Mede 24,6cm de diâmetro no bordo, sendo a espessura média das paredes é de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.1079.018 (Fig.37)

Tijela

Dois fragmentos contendo bordo vertical com lábio arredondado e arranque de parede. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea de cor bege clara com uma tonalidade rosada (7.5YR8/3), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado.

São visíveis marcas de fabrico a torno em ambas as superfícies.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 20,2cm, sendo a espessura das paredes de 0,7cm.

Nº de Inventário: Semb.1.0655 e Semb.84.495 (Fig.38)

Tijela

Dois fragmentos contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor rosa com uma tonalidade acinzentada (5YR8/2), contendo elementos não plásticos - quartzitos e feldspatos - de grão fino. Possuem vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. O fragmento com a referência Semb.84.495 oferece na superfície interior, decoração pintada na cor negra, constituída por um único traço que parte do bordo para a restante peça (termina na zona de fractura do fragmento).

São visíveis marcas de fabrico a torno em ambas as paredes.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 30cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.1.1018 (Fig.39)

Tijela carenada

Fragmento contendo bordo extrovertido com lábio e fundo planos. Foi fabricada com pasta semi-compacta e homogénea, de cor castanha clara com uma tonalidade rosada (5YR8/3), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra, constituída por um único

traço na zona de fractura. Ambas as paredes se mostram bastante granulosas, sendo também visíveis nestas, marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 20,2 cm, sendo a sua espessura de 0,7cm. A espessura das paredes é de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.84.496 (Fig.40)

Tijela

Tijela de bordo extrovertido com lábio semicircular e pé anelar. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter geométrico, constituída por forma oval formada por dois traços cruzados, pintada na cor negra.

São visíveis na superfície exterior marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 19,2cm, sendo a altura máxima da peça de 5,1cm.

Nº de Inventário: Semb.419.028 (Fig.41)

Tijela

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino a médio. Possui vidrado amarelo com tonalidade esverdeada na superfície exterior, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração geométrica, pintada na cor negra, sobre um fundo amarelo, que seguiria a toda a volta da peça.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.523.027 (Fig.42)

Tijela

Fragmento contendo bordo extrovertido com lábio e fundo planos. Foi fabricada com pasta semi-compacta e heterogénea, de cor rosa com uma tonalidade acinzentada (5YR8/2), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra. Nesta são também visíveis marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 19,2cm, sendo o diâmetro do fundo de 15,4cm. A espessura das paredes é de 0,7cm.

Nº de Inventário: Semb.171.160 (Fig.43)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta semi-compacta e heterogénea, de cor castanha com uma tonalidade rosada (5YR8/3), contendo elementos não plásticos - micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter fitomórfico, na zona do bordo, constituída por pétalas pintadas de cor negra. Esta decoração seguiria a toda a volta da peça.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 16,2cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.206.045 (Fig.44)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio semicircular. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha clara (10YR8/3), contendo elementos não plásticos - micáceos e cerâmica moída - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor

castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter fitomórfico, constituída por pétalas pintadas na cor negra.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 18,6cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.130.097 (Fig.45)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão finíssimo. Possui vidrado em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior, na zona do bordo, oferece decoração de carácter fitomórfico constituída por pétalas pintadas na cor negra. São visíveis marcas de fabrico a torno na superfície exterior.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 23,6cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.356.015 (Fig.46)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha (5YR8/3) junto às superfícies e cinzenta no centro (5YR7/1), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino a médio. Possui vidrado em ambas as superfícies de aspecto melado, sendo de cor castanha na superfície exterior. Na superfície interior, na zona do bordo oferece decoração de carácter fitomórfico constituída por pétalas pintadas a cor negra.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 21,7cm, sendo a espessura das paredes de 0,7cm.

Nº de Inventário: Semb.319.011 (Fig.47)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio semicircular. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/1), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino. Possui vidrado de aspecto melado em ambas as superfícies. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra, amarela e esverdeada.

São visíveis marcas de fabrico a torno na superfície exterior.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

Mede 19cm de diâmetro de bordo, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.1.1069 (Fig.48)

Tijela

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão finíssimo. Possui vidrado em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada a verde e negro, constituída por duas faixas, cada uma ladeada por dois traços, sendo que numa se encontram diversos pontos, numa fiada e, a outra se encontra totalmente preenchida pela coloração verde. Esta decoração deveria manter-se por toda a superfície.

São visíveis marcas de fabrico a torno e um pequeno sulco na superfície interior.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.294.109 (Fig.49)

Tijela

Fragmento contendo bordo extrovertido com lábio e fundo plano. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos - quartzitos micáceos e feldspatos - de grão fino. Na superfície interior, na zona de união entre o bojo e o fundo, oferece decoração pintada a vermelho com tonalidade acastanhada, constituída por um traço

com uma espessura que varia entre 0,9 cm e 1,5 cm. No bordo oferece decoração obtida pela aplicação de engobe de cor castanha constituída por traços (pincelados) com cerca de 0,6 cm de comprimento.

A superfície exterior possui caneluras.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 20cm, sendo a espessura das paredes de 0,4cm.

Nº de Inventário: Semb.120.0185 (Fig.50)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor bege com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/1), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. Possui vidro de cor castanha clara na superfície exterior, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração em corda seca nas cores negra e castanha.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 18,6cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.24.0004 (Fig.51)

Tijela

Fragmento contendo bordo vertical com lábio semicircular. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e cerâmica moída - de grão fino a médio. Possui vidro em ambas as superfícies de aspecto melado.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 28,1cm, sendo a espessura das paredes de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.905.014 (Fig.52)

Taça/Tijela

Fragmento contendo fundo de pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha com uma tonalidade rosada (5YR8/4), contendo elementos não plásticos, quartzitos, micáceos e feldspatos, de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra, na zona central constituída por um traço com cerca de 0,3cm de espessura. São visíveis marcas de fabrico a torno na base.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

Mede 10,2cm de diâmetro do fundo, sendo a espessura das paredes de 0,8cm.

Nº de Inventário: Semb.671.018 (Fig.53)

Taça/Tijela

Fragmento contendo fundo de pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha com uma tonalidade rosada (5YR8/4), contendo elementos não plásticos, quartzitos, micáceos e feldspatos, de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração pintada na cor negra, constituída por um único traço espesso e uma mancha na zona de fractura da peça. É visível um sulco na zona de união do bojo com o pé. O último encontra-se já bastante danificado.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

Mede 6cm de diâmetro no fundo, sendo a espessura das paredes de 0,8cm.

Nº de Inventário: Semb.592.003 (Fig.54)

Taça/Tijela

Fragmento contendo fundo de pé anelar baixo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha clara com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e cerâmica moída - de grão fino. Possui vidrado de cor castanha clara em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter geométrico, constituída por círculos, e fitomórfico, pintada na cor negra.

São visíveis marcas de fabrico a torno, na superfície exterior.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do fundo é de 8,4cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.94.0164 (Fig.55)

Taça/Tijela

Fragmento contendo fundo de pé anelar moldurado. Foi fabricada com pasta bastante compacta e heterogénea, de cor castanha clara (10YR8/3), contendo elementos não plásticos - micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado. Na superfície interior oferece decoração de carácter geométrico, constituída por pequenos pontos no interior de um círculo, ao redor do qual existem faixas circulares, ladeadas por dois traços, sendo preenchidas por fileiras de pontos, em verde e negro.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do fundo é de 9,4cm, sendo a espessura das paredes de 0,5cm.

Nº de Inventário: Semb.34.0002 (Fig.56)

Jarro

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado e arranque de parede com arranque de asa vertical, de secção circular com cerca de 1,3cm de espessura. Foi fabricada com pasta semi-compacta e heterogénea, de cor cinzenta (10YR8/1), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão médio. Possui vidrado de cor amarela na superfície exterior, de aspecto melado. Na superfície interior oferece alguns pingos deste tipo de tratamento.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 2,6cm sendo a espessura das paredes de 0,7cm.

Nº de Inventário: Semb.547.014 (Fig.57)

Jarro

Fragmento contendo bordo extrovertido de lábio arredondado, com arranque de parede. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor castanha com uma

tonalidade rosada (5YR8/3), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. Na superfície exterior oferece decoração, constituída por um traço na vertical, com cerca de 0,2cm de espessura, partindo do bordo até à zona de fractura do fragmento e, por um outro na horizontal, com cerca de 0,3cm de espessura, na parte inferior do fragmento, pintados na cor negra.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 9,4cm, sendo a espessura das paredes de 0,4cm.

Nº de Inventário: Semb.285.027 (Fig.58)

Jarro

Fragmento contendo bordo vertical com lábio arredondado. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão finíssimo. Na superfície interior oferece um engobe de cor castanha com tonalidade avermelhada revestindo-a na totalidade e que, parece ter existido também na superfície exterior. Também a superfície interior oferece uma canelura na zona do bordo.

Ambas possuem marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 7cm, sendo a espessura das paredes de 0,3cm.

Nº de Inventário: Semb.532.002 (Fig.59)

Jarro/Jarra

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor bege com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/1), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão finíssimo. Possui vidrado na superfície exterior, de aspecto melado. Na superfície exterior oferece decoração, constituída por um traço com cerca de 0,7cm de espessura, pintado na cor azul, sobre fundo branco.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,4cm, sendo a altura máxima do fragmento de 3,2cm e o seu comprimento máximo de 3,3cm.

Nº de Inventário: Semb.15.0072 (Fig.60)

Jarro ou jarra

Fragmento contendo fundo plano e arranque de parede. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor castanha com uma tonalidade rosada (5YR8/4), contendo elementos não plásticos - quartzitos, micáceos e feldspatos - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies de aspecto melado.

São visíveis marcas de fabrico a torno na superfície interior.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura redutora-oxidante.

O diâmetro do fundo é de 5,1cm, sendo a espessura das paredes, em média, de 0,6cm.

Nº de Inventário: Semb.84.376 (Fig.61)

Jarrinha

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e heterogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos, feldspatos e cerâmica moída - de grão fino. Na superfície exterior oferece decoração de carácter geométrico, constituída por losangos, pintados na cor vermelha com tonalidade acastanhada.

A superfície interior possui marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A altura máxima da peça é de 0,7cm, sendo o seu comprimento máximo de 4,3cm.

Nº de Inventário: Semb.7.0091 (Fig.62)

Bilha

Fragmento contendo porção do bojo, de gargalo de bilha. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino. Possui vidrado na superfície exterior, de aspecto

melado. Na superfície interior apresenta marcas de uma tentativa de alisamento manual da pasta, anterior à cozedura. Na superfície exterior oferece decoração pintada nas cores negra e amarela.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,5cm, sendo a altura máxima do fragmento de 4,9cm e o seu comprimento máximo de 3,2cm.

Nº de Inventário: Semb.74.0007 (Fig.63)

Bilha

Peça recolhida do sítio praticamente na sua totalidade, de bordo vertical e lábio e fundo plano. Possui um arranque de asa de um dos lados sendo aí a decoração diferente, na zona do gargalo pode ver-se uma barra de cor branca sendo que na zona do bojo/pança este traço possui uma tonalidade acastanhada de aspecto melado. Na restante peça não se vêem faixas deste tipo, nem mesmo no lado oposto a este.

Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor bege (10YR8/2), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. Na superfície exterior, oferece decoração em corda seca nas cores branca, azul e amarelada.

São visíveis marcas de fabrico a torno na superfície interior, na zona do gargalo.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A altura máxima do fragmento é de 26cm, sendo o diâmetro máximo da peça de 18,8cm.

4.2. Vasilhame de armazenamento e transporte

Nº de Inventário: Semb.335.037 (Fig.64)

Pote

Fragmento contendo porção do bojo. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha clara com tonalidade alaranjada (7.5YR8/6), contendo elementos não plásticos, micáceos e feldspatos, de grão fino. Na superfície exterior oferece decoração,

pintada a vermelho com tonalidade acastanhada constituída por dois traços com aproximadamente 1,4cm de espessura e decoração incisa horizontal.

A superfície interior possui marcas de fabrico a torno.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

A espessura das paredes é de 0,3 cm, sendo a altura máxima do fragmento de 4,7cm e o seu comprimento máximo de 6,4cm.

Nº de Inventário: Semb.309.014 (Fig.65)

Pote

Fragmento contendo bordo extrovertido com lábio plano. Foi fabricada com pasta bastante compacta e homogénea, de cor cinzenta (5YR7/1), contendo elementos não plásticos – micáceos - de grão finíssimo. No bordo oferece decoração obtida pela aplicação de engobe de cor castanha, constituída por dois pequenos traços. Na superfície exterior, na zona de união entre o bordo e o bojo, oferece decoração obtida pela aplicação de engobe de cor avermelhada, constituída por um traço mais espesso que os anteriores.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo é de 8,6cm, sendo a espessura das paredes de 0,4cm.

Nº de Inventário: Semb.195.175 (Fig.66)

Pote

Fragmento contendo fundo de pé anelar baixo diagonal. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade avermelhada (5YR6/6), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino e médio. Possui vidrado de cor castanha em ambas as superfícies, de aspecto melado. Na base oferece decoração incisa sendo constituída por círculos na zona central ficando assim mais definida, marcando ainda mais a diferença por terminar em bico.

O diâmetro do fundo é de 8cm, sendo a espessura das paredes de 0,6cm.

4.3.Contentor de fogo

Nº de Inventário: Semb.298.051 ^(Fig.67)

Candil

Fragmento contendo o reservatório, início do gargalo, bico e porção da extremidade inferior da asa. Foi fabricado com pasta compacta e homogénea, de cor castanha clara com uma tonalidade alaranjada (7.5YR8/6), contendo elementos não plásticos, micáceos e feldspatos, de grão médio.

Apresenta marcas de proximidade de fogo.

Esta peça terá sido sujeita a uma cozedura oxidante.

Mede 4,5cm de altura máxima, sendo o seu diâmetro máximo de 8,2cm.

Nº de Inventário: Semb.341.398 ^(Fig.68)

Candeia

Mostra suporte plano, em forma de pequeno prato, pé alto cilíndrico e pequeno bico, onde se encontrava o pavio. Foi fabricada com pasta compacta e homogénea, de cor castanha com uma tonalidade rosada (5YR8/4), contendo elementos não plásticos - micáceos e feldspatos - de grão fino a médio. Possui vidrado de cor castanha em toda a peça, de aspecto melado.

O seu diâmetro máximo é de 12,6cm, sendo a sua altura máxima de 11cm.

Capítulo 5. Análise do material

Dado que o material recuperado foi encontrado destituído de qualquer contexto arqueológico, efectuámos a análise global de todo o conjunto disponibilizado. Aquele possui um total de 217 fragmentos, pertencendo a grande maioria, cerca de 42% (90 deles) ao conjunto de louça de mesa, como se pode observar na tabela e no gráfico abaixo. Não foi possível determinar a tipologia de cerca de 27% dos fragmentos, em grande parte devido à sua reduzida dimensão.

Rótulos de Linha	Contagem de Referência
Contentor de fogo	32
Elemento de prensão	2
Indeterminado	59
Louça de cozinha	1
Louça de cozinha?	3
Louça de mesa	90
Louça de mesa?	6
Uso doméstico e artesanal	1
Vasilhame de armazenamento e transporte	13
Vasilhame de armazenamento e transporte?	10
Total Geral	217

Tabela 1 – Função

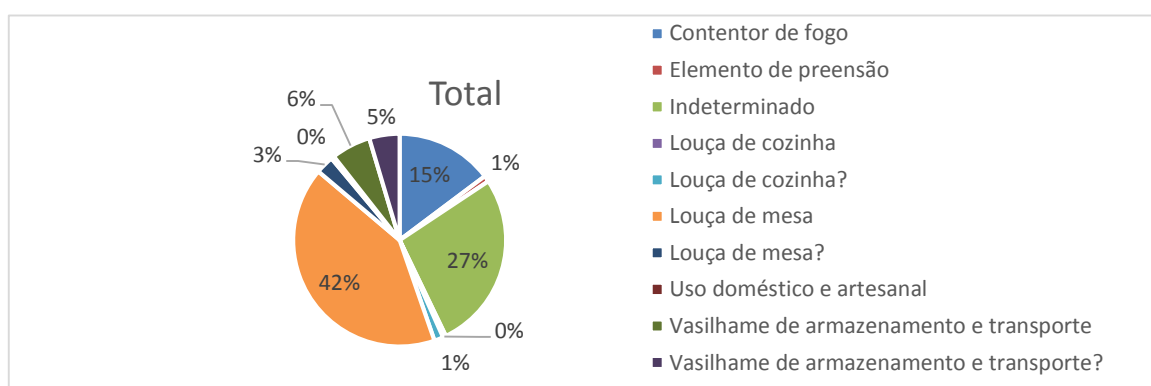


Gráfico 1 – Função - percentagem

Dentro deste grupo, as taças e tijelas são as mais numerosas, com cerca de 29% no caso das primeiras e 22% no que se refere às tijelas. Existem alguns fragmentos para os quais não foi possível fazer a diferenciação entre taças e tijelas encontrando-se

aqueles identificados como taça/tijela, representando cerca de 22% dos fragmentos totais. Bilhas, jarros, garrafas, jarras e jarrinhas, possuem respectivamente quatro, três, um e um fragmento, representado na totalidade cerca de 16%.

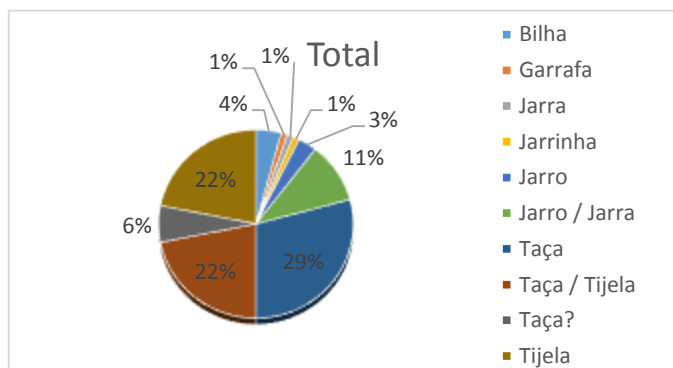


Gráfico 2 – Loiça de mesa – Percentagem

Loiça de mesa	
Bilha	4
Garrafa	1
Jarra	1
Jarrinha	1
Jarro	3
Jarro/Jarra	10
Taça	28
Taça/Tijela	21
Taça?	6
Tijela	21
Total Geral	96

Tabela 2 - Loiça de mesa

As peças enquadradas nos contentores de fogo (candis e candeias) são o segundo grupo mais representado, com 32 fragmentos, cerca de 15% do total das peças estudadas, sendo os fragmentos de candil em número bastante superior relativamente às candeias. Daquele tipo apenas se encontra no conjunto em estudo, um exemplar, Semb.341.398 (Fig.68).

Contentor de fogo	
Candeia	1
Candil	31
Total Geral	32

Tabela 3 – Contentor de fogo

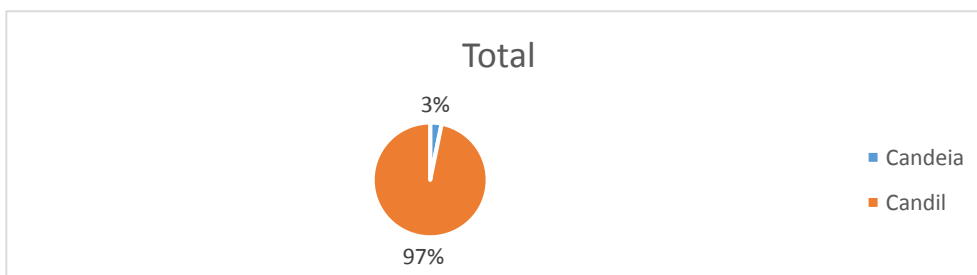


Gráfico 3 – Contentor de fogo – percentagem

Os vasilhames de armazenamento e transporte representam cerca de 6%. Daqueles, encontram-se em maior número os fragmentos pertencentes a potes e ao que aparentemente serão peças deste tipo, como Semb.195.175 (Fig.66) (70%, 16 fragmentos), seguidos de talhas, como Semb. (a1), Semb. (e), Semb. (b) (ver Inventário, pp.172-173) (6 fragmentos, 26% do total), sendo que em menor quantidade, está identificado neste conjunto, um cântaro (Semb.341.397 – ver Inventário, p.171).

Vasilhame de armazenamento e transporte	
Cântaro	1
Pote	6
Pote?	10
Talha	6
Total Geral	23

Tabela 4 – Vasilhame de armazenamento e transporte

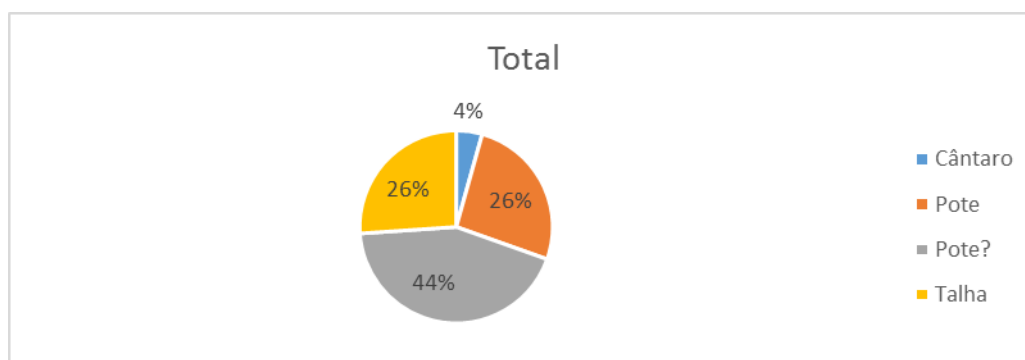


Gráfico 4 - Vasilhame de armazenamento e transporte - percentage

A minoria deste conjunto de materiais é sem dúvida a loiça de cozinha representada apenas por quatro fragmentos, sendo que foi apenas possível identificar um no que respeita à sua tipologia, o fragmento de panela marcado como Semb.380.280 (ver Inventário, p.172). Os restantes aparentam corresponder a alguidares (Semb.400.063, Semb.7.0101 e Semb.125.0318 – ver Inventário, p.173).

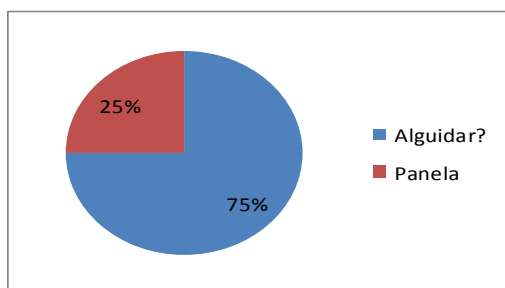


Gráfico 5 – Louça de Cozinha - Percentagem

Louça de cozinha	
Alguidar?	3
Panela	1
Total Geral	4

Tabela 5 – Louça de cozinha

Os fragmentos deste conjunto dividem-se em bojos, os quais são a grande maioria (99 fragmentos, cerca de 46% do total), seguidos dos fundos (35 fragmentos, cerca de 16% do total), e dos bordos (32 fragmentos, cerca de 15% do total).

Rótulos de Linha	Contagem de Referência
Asa	1
Bico	14
Bojo	99
Bojo e asa	3
Bordo	32
Bordo e fundo	5
Corpo com pequena porção de gargalo	1
Fundo	35
Gargalo	1
Gargalo e início de corpo	3
Peça	5
Pega	1
Reservatório	17
Total Geral	217

Tabela 6 – Forma

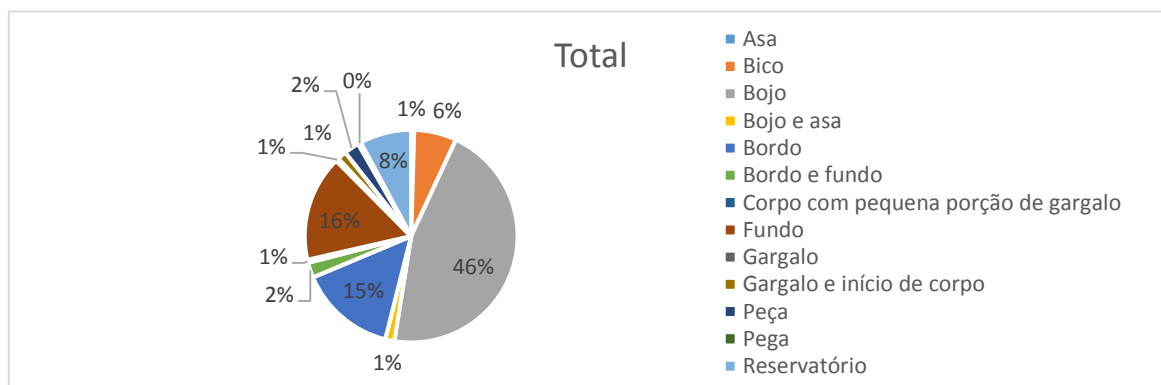


Gráfico 6 – Forma – percentagem

As peças que se encontram completas ou quase completas são apenas 5, correspondendo este número a 2% do total dos fragmentos em estudo. Estas encontram-se inseridas no conjunto de loiça de mesa como a bilha Semb.74.0007 (Fig.63), de contentores de fogo como a candeia Semb.341.398 (Fig.68), de vasilhames de armazenamento e transporte como o cântaro marcado como Semb.341.397 (ver Inventário, p.171).

Asas e pegas representam uma percentagem de cerca de 2% do total dos fragmentos estudados com dois exemplos cada (Semb.51.0138 e Semb.397.287, respectivamente – ver Inventário, pp.172-173), seguidas de quatro gargalos, com percentagem de 2% (Tabela 6, Gráfico 6).

No que respeita aos bordos, existem 45 fragmentos destes no total, uma vez que neste se incluem as peças completas e os fragmentos designados como bordos e fundos. Os bordos extrovertidos e os bordos verticais são os que se verificam neste conjunto, sendo que, dos primeiros apenas existem 13 fragmentos, enquanto dos segundos se encontram 32 fragmentos. Os bordos extrovertidos encontram-se na sua maioria em loiças de mesa podendo apresentar lábios arredondados como as peças Semb.199.089 (ver Inventário, p.171), Semb.547.014 (Fig.57) ou a garrafa Semb.755.003 (ver Inventário, p.171), semicirculares caso das tijelas referenciadas como Semb.784.064 (ver Inventário, p.171) e Semb.84.0174 (Fig.36) ou planos, presentes em peças (taças e tijelas) como Semb.120.0183 (Fig.33), Semb.294.109 (Fig.49), Semb.523.027 (Fig.42), ou Semb.1.1018 (Fig.39). O pote Semb.309.014 (Fig.65) é a exceção, possuindo um bordo extrovertido de lábio plano, fazendo parte do conjunto de vasilhames de armazenamento e transporte e não de loiça de mesa. A tijela Semb.84.0174 (Fig.36) apresenta um bordo

deste tipo com um lábio biselado. Relativamente aos bordos verticais, os quais se encontram representados em conjuntos de loiça de mesa, sendo este a grande maioria, de vasilhames de armazenamento e transporte e contentores de fogo, são possuidores de lábios arredondados, semicirculares, planos, afilados e espessados. No que se refere aos primeiros podemos identificar os fragmentos das taças Semb. 35.0328^(Fig.29) ou Semb.35.0331^(Fig.28), as tijelas Semb.1079.018^(Fig.37) ou Semb.1.0655 e Semb.84.495^(Fig.38), o jarro Semb.34.0002^(Fig.56). Os lábios semicirculares encontram-se em quatro fragmentos de taças e tijelas como Semb.83.0210 (ver Inventário, p.173), Semb.206.045^(Fig.44) ou Semb.319.011^(Fig.47), os planos em peças como Semb.22.0172 (ver Inventário, p.173) e Semb.74.0007^(Fig.63), os lábios afilados apenas no cântaro Semb.341.397 (ver Inventário, p.171) e os espessados no jarro ou jarra Semb.439.001 (ver Inventário, p.172). Os lábios afilados representam apenas 1% do total de lábios estudados, sendo que os lábios espessados, devido ao seu número bastante reduzido, apenas um fragmento, tem uma percentagem inferior a 1%.

Rótulos de Linha	Contagem de Referência
Extrovertido	13
Arredondado	3
Jarro	1
Pote	1
Taça / Tijela	1
Biselado	1
Tijela	1
Plano	6
Indeterminado	1
Pote	1
Taça	1
Tijela	3
Semicircular	2
Indeterminado	1
Tijela	1
Semi-circular	1
Tijela	1
Vertical	32
Afilado	1
Cântaro	1
Arredondado	24
Candil	5
Jarra	1
Jarro	2
Jarro / Jarra	1
Taça	6

Taça / Tijela	2
Tijela	7
Espessado	1
Jarro / Jarra	1
Plano	2
Bilha	1
Taça	1
Semicircular	4
Taça	1
Tijela	3
Total Geral	45

Tabela 7 – Relação entre bordo, lábio e tipologia

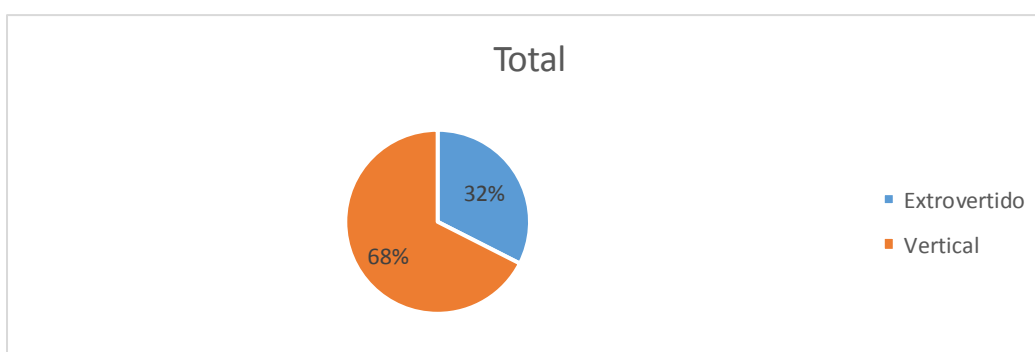


Gráfico 7 – Bordos – percentagem

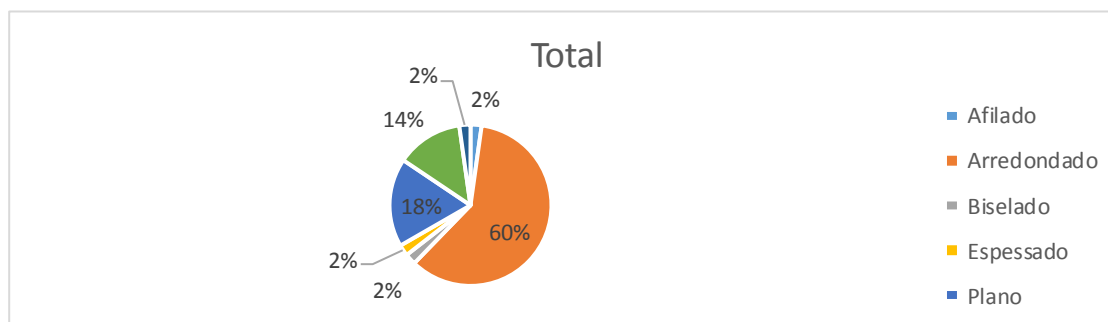


Gráfico 8 – Lábio – percentagem

Relativamente aos bojos não foi fácil e por vezes, até mesmo possível, identificar a peça em questão, tendo sido assim atribuída a designação de “Indeterminada” a 46 fragmentos (45%). Aos quais foi possível atribuir uma tipologia, percebe-se que as taças e/ou tijelas, encontram em maioria em 31 fragmentos como Semb.120.0156^(Fig.26),

Semb.769.004 (ver Inventário, p.175). Os restantes correspondem a jarros e/ou jarras (Semb.532.002^(Fig.59) ou Semb.521.010 – ver Inventário, p.175), jarrinhas (Semb.84.376^(Fig.61)) e uma bilha (Semb.12.0020 - ver Inventário, p.171), sendo portanto o conjunto de loiças de mesa o mais representado, seguido de um provável alguidar (Semb.7.0101 – ver Inventário, p.173). Por fim os vasilhames de armazenamento e transporte encontram-se presentes em 16 fragmentos, sendo que quatro ainda colocam algumas dúvidas quanto à sua tipologia, os restantes são potes (Semb.335.037^(Fig.64), Semb.128.013 e Semb.521.015 – ver Inventário, pp.172 e 175) e talhas (Semb.195.1563, Semb (a1), Semb. (b) e Semb. (d) - ver Inventário, pp.172-173). Os bojos onde ainda é possível identificar uma asa correspondem a loiça de cozinha (panela – Semb.380.280 – ver Inventário, p.172) e a vasilhames de armazenamento e transporte como o provável pote Semb.593.124 e a talha Semb. (c1) (ver Inventário, p.173).

Bojo e tipologia	
Bojo	99
Alguidar?	1
Bilha	1
Indeterminada	46
Jarrinha	1
Jarro/Jarra	5
Pote	3
Pote?	8
Taça	16
Taça/Tijela	8
Taça?	4
Talha	3
Tijela	3
Bojo e asa	3
Panela	1
Pote?	1
Talha	1
Total Geral	102

Tabela 8 – Relação entre bojo e tipologia

Quanto aos fundos, encontram-se associados a loiças de mesa, loiças de cozinha, vasilhames de armazenamento e transporte e a contentores de fogo, sendo o primeiro conjunto o mais numeroso. Neste caso também não foi possível identificar a tipologia de alguns dos fragmentos, encontrando-se também eles designados de

“Indeterminado”. No total, encontram-se no conjunto 57 destes fragmentos, apresentando diferentes tipos, como os fundos planos, em pé anelar, em ônfalo, convexos e côncavos. Mais uma vez, há que ter em conta a presença de peças completas e de fragmentos de bordos e fundos neste conjunto. Os fundos planos são 35 dos fragmentos estudados encontrando-se associados a loiças de mesa como taças (Semb.83.0362^(Fig.21) e Semb.195.1508^(Fig.35)), tijelas (Semb.1.1018^(Fig.39) e Semb.294.109^(Fig.49)), a jarros e/ou jarras (Semb.784.047 – ver Inventário, p.172, ou Semb.15.0072^(Fig.60)) e à bilha referenciada como Semb.74.0007^(Fig.63), a um possível alguidar (Semb.125.0318 – ver Inventário, p.173), a vasilhames de armazenamento e transporte como o cântaro Semb.341.397 (ver Inventário, p.171) e a contentores de fogo, a onze reservatórios de candil, de que é exemplo Semb.298.051^(Fig.67). Quanto aos fragmentos detentores de pé anelar (baixos verticais e baixos diagonais) encontram-se também representados, em cerca de 26%., essencialmente em loiças de mesa como taças e tijelas como Semb.905.014^(Fig.52) (13 fragmentos dos 15 deste tipo presentes no conjunto). A única exceção é o pote Semb.195.175^(Fig.66), um exemplar de vasilhame de armazenamento e transporte. Infelizmente não foi possível identificar a tipologia do último fragmento devido à sua dimensão reduzida. Os fundos ou bases em ônfalo, convexas ou côncavas encontram-se em apenas 7 fragmentos, quatro deles atribuídos a taças (ônfalo) e 2 a candis (convexos). Ao último não foi possível atribuir tipologia.

Fundo e tipologia	
Côncavo	1
Indeterminada	1
Convexa	2
Candil	2
Ônfalo	4
Indeterminada	1
Taça	1
Taça?	2
Pé anelar	15
Indeterminada	1
Pote	1
Taça	1
Taça/Tijela	8
Tijela	4
Plano	35
Alguidar?	1
Bilha	1
Candeia	1
Candil	11

Cântaro	1
Indeterminada	8
Jarra	1
Jarro/Jarra	3
Pote?	1
Taça	1
Taça/Tijela	2
Tijela	4
Total Geral	57

Tabela 8 – Fundo e Tipologia

Os bicos e reservatórios de candil também se encontram em grande número neste conjunto, representando o seu total 14% dos fragmentos (Tabela 6, Gráfico 6).

Estas peças apresentam na sua maioria pastas compactas e homogêneas (112 fragmentos, cerca de 51%).

Pasta	
Bastante compacta e homogénea	46
Compacta e heterogénea	25
Compacta e homogénea	112
Semi-compacta e heterogénea	28
Semi-compacta e homogénea	6
Total Geral	218

Tabela 9 – Tipos de pastas

As peças produzidas com este tipo de pastas apresentam coloração que varia entre os beges de diferentes tonalidades, como um cor-de-rosa mais claro (7.5YR8/3) numa tijela, um acinzentado (7.5YR8/1), em loiça de mesa (taças e/ou tijelas e jarro/jarra – Semb.83.0224^(Fig.34), Semb.769.004 e Semb.12.0009 - ver Inventário, pp.172 e 175), loiça de cozinha (provável alguidar), em loiça de armazenamento e transporte (pote? – Semb.109.0895 – ver Inventário, p.172) e contentores de fogo (quatro fragmentos de candil). Apenas bege encontra-se essencialmente em peças do conjunto de loiças de mesa, em taças, tijelas, jarros/jarras e numa bilha (10 fragmentos), seguido de um possível alguidar (loiça de cozinha), do que aparenta ser um suporte de talha (armazenamento e transporte) e de três fragmentos de candil (contentor de fogo). Em Semb.199.089 (ver Inventário, p.171) podem observar-se as tonalidades,

acastanhada e acinzentada, consoante no núcleo e nas superfícies da peça. O castanho apresenta na maioria dos casos, em cerca de 15 fragmentos uma tonalidade apenas um pouco mais clara (10YR8/3), estando associada a peças do conjunto de loiça de mesa como taças e tijelas tais como Semb.35.0343^(Fig.27), Semb.35.0328^(Fig.29) e Semb.206.045^(Fig.44) (8 fragmentos), a jarros e/ou jarras (Semb.296.013 e Semb.67.129 – ver Inventário, pp.172 e 173) (2 fragmentos), sendo o contentor de fogo Semb.184.002 (ver Inventário, p.175) a exceção. Por vezes este castanho claro possui uma tonalidade alaranjada (7.5YR8/6) (9 fragmentos), como está presente em Semb.141.030^(Fig.31) e Semb.120.0156^(Fig.26) (taças), em igual número, 3 fragmentos em vasilhames de armazenamento e transporte (potes) dos quais é exemplo Semb.195.1027 (ver Inventário, p.172) e em dois candis, como Semb.335.037 (ver Inventário, p.172). Apresenta ainda uma tonalidade rosada (5YR8/2), em loiças de mesa, armazenamento e transporte e contentores de fogo, sendo exemplo disso a taça Semb.94.0096 (ver Inventário, p.175), o/a jarro/jarra Semb.56.0110 (ver Inventário, p.172) e o candil Semb.1.0877 (ver Inventário, p.174). Em algumas peças pode-se observar uma tonalidade acinzentada nos castanhos-claros (7.5YR8/2), em loiças de mesa como taças e tijelas (Semb.592.003^(Fig.54), Semb.593.124 – ver Inventário, p.173, e Semb.84.496^(Fig.40)) e num provável pote. Quanto à coloração castanha (5YR8/3), há que ter em conta, como anteriormente, as diferentes tonalidades que possui. As que se encontram mais representadas, em sete fragmentos, são as tonalidades, rosada (5YR8/4) e alaranjada (7.5YR8/4), correspondendo as primeiras a loiças de mesa (taça/tijela – Semb.970.028, Semb.760.037 e garrafa Semb.755.003 – ver Inventário, pp.171 e 175) e a um contentor de fogo (candeia – Semb.341.398^(Fig.68)) e as segundas a uma garrafa (loiça de mesa – Semb.7.0088 – ver Inventário, p.174) e a contentor de fogo (candil – Semb.245.069 e Semb.053.072 – ver Inventário, pp.174-175). Castanho e castanho claro, sem quaisquer outras tonalidades, encontram-se na maioria em peças de mesa, com exceção de um único candil. De seguida, surge representada em cinco fragmentos a pasta compacta e homogénea de cor castanha e tonalidade acinzentada (10YR8/1), todos eles correspondendo a loiça de mesa, a taças e tijelas (Semb.122.0018^(Fig.23), Semb.195.1508^(Fig.35)). Por fim, há que referir, ainda no conjunto destas pastas castanhas, a tonalidade avermelhada (5YR6/6) de Semb.195.175^(Fig.66), um pote (vasilhame de armazenamento e transporte). Estas pastas apresentam ainda uma coloração cinzenta (10YR8/3), presente em 6 fragmentos (um de taça/tijela, dois de candil e três dos quais não foi possível identificar a tipologia), cinzenta com uma

tonalidade mais clara (10YR8/2), em taças e tijelas (três fragmentos) e cinzenta juntamente com a cor castanha como se pode observar em Semb.177.069 (ver Inventário, p.171). Para terminar, há que mencionar a peça Semb.1.0655 (ver Inventário, p.171), a qual possui uma coloração cor-de-rosa com uma tonalidade ligeiramente acinzentada (5YR8/2).

As pastas bastante compactas e homogéneas encontram-se também representadas neste conjunto, em 46 fragmentos, cerca de 22% do total. Nestes casos observam-se colorações beges (14 fragmentos), associadas sobretudo a loiça de mesa (taças, tijelas, jarro e bilha) e apenas a um fragmento de candil, com tonalidade acinzentada (7 fragmentos) em loiças de mesa na maioria (4) e a um possível pote (apenas 1). Os castanhos (5YR8/3) e castanhos-claros com tonalidades rosadas, alaranjadas e acinzentadas e, por fim os cinzentos também se encontram presentes nestes tipos de pastas. Os fragmentos Semb.83.0334, Semb.285.027 ou Semb.356.163 (ver Inventário, pp.172 e 173), são exemplos de pastas de coloração bege. Semb.386.258 ou Semb.397.287 (ver Inventário, pp.173 e 174) apresentam também esta coloração mas com uma tonalidade acinzentada (7.5YR8/1). Quanto aos castanhos (5YR8/3) com tonalidades alaranjadas foram identificados apenas em Semb.333.151 (ver Inventário, p.175), sendo que as tonalidades rosadas se encontram identificadas em Semb.547.014^(Fig.57) (jarro). A peça Semb.12.0020 (ver Inventário, p.171) possui uma pasta bastante compacta e homogénea castanha com duas tonalidades, alaranjada e bege, bem como Semb.135.128 (ver Inventário, p.173), possuidora de tonalidades rosada e bege. Os castanhos-claros (10YR8/3) estão presentes em cinco fragmentos estudados, todos eles de loiças de mesa, como Semb.7.0090 e Semb.130.113 (ver Inventário, pp.171-172). A tonalidade rosada é visível apenas em Semb.521.015 (ver Inventário, p.175), sendo que Semb.339.155 (ver Inventário, p.175) é o único fragmento que revela duas tonalidades, acinzentada e alaranjada. Quanto a estas duas tonalidades individualmente, a primeira encontra-se apenas em cinco peças, de uso de mesa como Semb.206.028^(Fig.30) e, a segunda em seis fragmentos, divididos em loiça de mesa (1) e de armazenamento e transporte (2) como Semb.341.397 (ver Inventário, p.171). As pastas bastante compactas e homogéneas possuem ainda, em alguns casos, coloração acinzentada (10YR8/3) como se pode observar em Semb.309.014^(Fig.65).

O terceiro conjunto de pastas mais representadas nos materiais da Rua do Sembrano é o das pastas compactas e heterogéneas. Aqui são inseridos 25 fragmentos.

Também nestas as colorações são beges (10YR8/2) associados a jarrinhas (1) e a candis (1), castanhas (5YR8/3), essencialmente em loiças de mesa e cinzentas (10YR8/3) em formas indeterminadas tipologicamente, todas elas apresentando diferentes tonalidades, mais uma vez. Os beges apresentam por vezes tonalidade acinzentada (7.5YR8/1) (taça) e também rosada (7.5YR8/3) (candil), em 3 e 1 fragmentos respectivamente. As pastas castanhas são mais uma vez claras com tonalidades alaranjadas, como Semb.120.0156^(Fig.26), ou apenas castanhas também com esta tonalidade (1 fragmento - candil), com tonalidade acinzentada (5 fragmentos - loiça de mesa) ou com tonalidade rosada (5 fragmentos – loiça de mesa). Apenas em Semb.356.015^(Fig.46) se podem observar a cor castanha juntamente com a cinzenta. A coloração cinzenta, apenas está em duas peças produzidas com pastas compactas e heterogéneas, sendo que uma delas apresenta uma tonalidade um pouco mais clara (10YR8/2), como Semb.103.025 (ver Inventário, p.175).

As pastas semi-compactas e heterogéneas são o quarto grupo mais representado com cerca de 13%, ou seja 28 fragmentos dos 217 totais. Estas encontram-se associadas na sua maioria a vasilhames de armazenamento e transporte e a contentores de fogo, sendo as loiças de mesa pouco representadas como a seguir se pode observar. Mais uma vez a cor bege (1 fragmento de candil e 1 de taça), castanha e cinzenta (jarro - 1, talha - 1 e candil - 3) são comuns neste conjunto, sendo que um dos fragmentos estudados apresenta uma coloração cor-de-rosa com uma tonalidade acinzentada (5YR8/2), Semb.523.027 (ver Inventário, p.171). As pastas de cor bege dividem-se mais uma vez nas tonalidades acinzentada (5 fragmentos – 3 de talha e 2 de candil) e como Semb.1079.018^(Fig.37). Também os castanhos seguem os mesmos padrões já descritos, possuindo por vezes tonalidades mais claras e alaranjadas (4 fragmentos como Semb.1.3221 e Semb.1.3219 – ver Inventário, p.172), rosadas (1 fragmento - pote), ou alaranjadas juntamente com acinzentadas, como em Semb. (e) (ver Inventário, p.173). As tonalidades, rosada e alaranjada, também estão associadas a pastas compactas e heterogéneas de coloração castanha (1 fragmento de tijela e 1 identificado, respectivamente). As pastas castanhas escuras encontram-se apenas numa talha (Semb.195.1563 – ver Inventário, p.172). A coloração cinzenta, também é visível em pastas deste tipo, em sete das peças estudadas. Duas destas possuem uma coloração um pouco mais clara, Semb.1.0643 (ver Inventário, p.173) e Semb.1.0922 (ver Inventário,

p.171), sendo que das restantes cinco (cinzentas) fazem parte peças como Semb. (c1) (ver Inventário, p.173), Semb.34.0002^(Fig.56).

O grupo de pastas semi-compactas e homogéneas é o menos representado com 6 fragmentos (3%), encontrando-se associadas a loiças de mesa, de cozinha e vasilhames de armazenamento e transporte. As colorações presentes variam entre os beges e os castanhos de diferentes tonalidades. As pastas semi-compactas e homogéneas de cor bege encontram-se apenas em Semb.134.043 (ver Inventário, p.175), sendo que a coloração castanha de tonalidade mais clara se encontra em 3 fragmentos, Semb.380.280, Semb.367.023 e Semb.1.0304 (ver Inventário, pp.172 e 175), possuindo as duas últimas uma tonalidade alaranjada.

Pasta, cor da pasta e tipologia	
Bastante compacta e homogénea	47
Bege	14
Bilha	1
Candil	1
Indeterminada	2
Jarro	1
Taça	5
Taça/Tijela	1
Taça?	1
Tijela	2
Bege clara com tonalidade rosada	1
Tijela	1
Bege com tonalidade acinzentada	7
Indeterminada	2
Jarro/Jarra	1
Pote?	1
Taça	1
Taça/Tijela	1
Tijela	1
Castanha clara	5
Bilha	1
Jarro/Jarra	1
Taça	2
Taça?	1
Castanha clara com tonalidade acinzentada	5
Indeterminada	2
Jarro/Jarra	1
Taça	2
Castanha clara com tonalidade alaranjada	6
Cântaro	1
Indeterminada	3
Jarro/Jarra	1
Pote?	1

Castanha clara com tonalidade alaranjada e acinzentada	1
Indeterminada	1
Castanha clara com tonalidade rosada	1
Pote	1
Castanha com tonalidade alaranjada	1
Pote?	1
Castanha com tonalidade alaranjada e bege	1
Bilha	1
Castanha com tonalidade rosada	1
Jarro	1
Castanha com tonalidade rosada e bege	1
Taça	1
Cinzenta	2
Indeterminada	1
Pote	1
Compacta e heterogénea	25
Bege	3
Candil	1
Indeterminada	1
Jarrinha	1
Bege com tonalidade acinzentada	3
Indeterminada	2
Taça	1
Bege com tonalidade rosada	1
Candil	1
Castanha clara	3
Candil	1
Taça/Tijela	2
Castanha clara com tonalidade alaranjada	2
Indeterminada	2
Castanha com tonalidade acinzentada	5
Indeterminada	2
Taça/Tijela	2
Tijela	1
Castanha com tonalidade alaranjada	1
Candil	1
Castanha com tonalidade rosada	5
Indeterminada	1
Jarro/Jarra	1
Taça	1
Taça/Tijela	2
Cinzenta	1
Indeterminada	1
Cinzenta clara	1
Indeterminada	1
Compacta e homogénea	112
Bege	24
Alguidar?	1
Bilha	1
Candil	3
Indeterminada	10
Jarro/Jarra	1
Taça	2

Taça/Tijela	3
Taça?	1
Tijela	2
Bege clara com tonalidade rosada	1
Tijela	1
Bege com tonalidade acinzentada	17
Alguidar?	1
Candil	4
Indeterminada	6
Jarro/Jarra	1
Pote?	1
Taça	1
Taça/Tijela	1
Tijela	2
Bege com tonalidade acinzentada e castanha clara	1
Taça/Tijela	1
Bege com tonalidade rosada	2
Taça	1
Taça/Tijela	1
Castanha	2
Jarra	1
Taça	1
Castanha clara	15
Candil	1
Indeterminada	4
Jarro/Jarra	2
Taça	4
Taça/Tijela	1
Taça?	2
Tijela	1
Castanha clara com tonalidade acinzentada	4
Indeterminada	1
Pote?	1
Taça/Tijela	1
Tijela	1
Castanha clara com tonalidade alaranjada	9
Candil	2
Indeterminada	1
Pote	1
Pote?	2
Taça	2
Taça/Tijela	1
Castanha clara com tonalidade rosada	5
Candil	1
Indeterminada	1
Jarro/Jarra	1
Pote?	1
Taça?	1
Castanha com tonalidade acinzentada	5
Taça	2
Taça/Tijela	1
Tijela	2
Castanha com tonalidade alaranjada	7

Candil	2
Garrafa	1
Indeterminada	4
Castanha com tonalidade avermelhada	1
Pote	1
Castanha com tonalidade rosada	7
Candeia	1
Garrafa	1
Indeterminada	2
Taça/Tijela	3
Castanha e cinzenta	1
Tijela	1
Cinzenta	6
Candil	2
Indeterminada	3
Taça/Tijela	1
Cinzenta clara	3
Taça/Tijela	1
Taça?	2
Cinzenta e castanha clara	1
Taça	1
Cor-de-rosa com tonalidade acinzentada	1
Tijela	1
Semi-compacta e heterogénea	28
Bege	2
Taça	1
Candil	1
Bege com tonalidade acinzentada	5
Candil	3
Talha	2
Bege com tonalidade rosada	3
Alguidar?	1
Candil	1
Pote	1
Castanha clara	1
Candil?	1
Castanha clara com tonalidade alaranjada	4
Candil	2
Indeterminada	1
Talha	1
Castanha clara com tonalidade alaranjada e acinzentada	1
Talha	1
Castanha clara com tonalidade rosada	1
Tijela	1
Castanha com tonalidade alaranjada	1
Indeterminada	1
Castanha com tonalidade rosada	1
Tijela	1
Castanha escura	1
Talha	1
Cinzenta	5
Candil	3
Jarro	1

Talha	1
Cinzenta clara	2
Candil	1
Indeterminada	1
Cor de rosa com tonalidade acinzentada	1
Tijela	1
Semi-compacta e homogénea	6
Bege	1
Indeterminada	1
Castanha clara	1
Pote?	1
Castanha clara com tonalidade alaranjada	2
Panela	1
Trempe	1
Castanha com tonalidade rosada	2
Indeterminada	1
Tijela	1
Total Geral	217

Tabela 10 – Relação entre os diferentes tipos de pastas, as colorações que apresentam, as funções e tipologias das peças

No que se refere aos elementos não plásticos presentes nas pastas das cerâmicas do sítio da Rua do Sembrano, é visível uma predominância de micáceos e feldspatos associados na sua maioria a, peças de loiça de mesa (taças, tijelas, jarros, jarras, bilhas), seguidos em pequenas quantidades por vasilhames de armazenamento e transporte (potes) e de contentores de fogo (candis). Estes enp's encontram-se juntos em 100 fragmentos, correspondendo a 46% do total, associados a peças de mesa (Semb.35.0331^(Fig.28), Semb.12.0018, Semb.769.004 - ver Inventário, p.175, Semb.1.1018^(Fig.39) ou Semb.84.496^(Fig.40), Semb.296.013 e Semb.130.113 - ver Inventário, pp.172 e 173, Semb.7.0091^(Fig.62), Semb.12.0020 e Semb.7.0088 – ver Inventário, pp.171 e 174), a loiça de cozinha (Semb.380.280, Semb.400.063 e Semb.125.0318 – ver Inventário, pp.172-173), a vasilhames de armazenamento e transporte (Semb.195.175^(Fig.66), Semb.341.397 – ver Inventário, p.171, Semb.195.1563 e Semb. (c1) – ver Inventário, pp.172-173), a contentores de fogo (Semb.399.348 e Semb.130.089 - ver Inventário, pp.173-174) e a uma trempe (Semb.1.0304 – ver Inventário, p.172). Foram identificados apenas micáceos em 36 fragmentos, (17%), associados na sua maioria a loiças de mesa como taças e/ou tijelas (15 fragmentos como Semb.83.0210 – ver Inventário, p.173, Semb.35.0343^(Fig.27) ou Semb.120.0185^(Fig.50)), jarros e/ou jarras (Semb.547.014^(Fig.57)) e bilhas (Semb.74.0007^(Fig.63)), seguidos de um fragmento de loiça de cozinha (alguidar),

3 fragmentos de vasilhames de armazenamento e transporte (potes) e 1 fragmento de contentor de fogo (candil). Foram identificados 2 fragmentos com quartzitos e feldspatos, um de uma tijela o segundo indeterminado, outros 2 fragmentos de quartzitos com micáceos associados a loiça de mesa (taça/tijela) e a uma tipologia indeterminada. Micáceos com cerâmica moída estão presentes em seis fragmentos de loiça de mesa (taças e/ou tijelas), a um pote (vasilhame de armazenamento e transporte e a um contentor de fogo (candil), enquanto que feldspatos com cerâmica moída se encontram em 3 fragmentos, 2 deles de loiça de mesa e um de uma funcionalidade indeterminada. Em pastas onde foi possível identificar mais do que um e.n.p., como os 25 fragmentos onde se encontram micáceos, feldspatos e cerâmica moída associados a loiças de mesa como as taça e/ou tijelas (Semb.67.083 - ver Inventário, p.173, Semb.92.0169^(Fig.25) ou Semb.171.160^(Fig.43)), mas, sobretudo a vasilhames de armazenamento e transporte (Semb.341.407, Semb. (a1), Semb. (b), Semb. (e) ou Semb. (d) - ver Inventário, pp.172-173) e a contentores de fogo (8 fragmentos de candil). Quartzitos, micáceos e feldspatos, encontram-se em 32 fragmentos, o que corresponde a 15%, associados a taças e tijelas (10 fragmentos) e jarros e/ou jarras (3 fragmentos) – loiça de mesa, a potes (2 fragmentos - armazenamento e transporte) e a candis (10 fragmentos – contentores de fogo). Pastas onde foram utilizados quartzitos, feldspatos e cerâmica moída estão presentes em 2 fragmentos associados a loiça de mesa e a contentor de fogo, em igual número. Por fim, pastas onde é visível a aplicação de quartzitos, micáceos, feldspatos e cerâmica moída foram utilizadas na produção de 3 peças de loiça de mesa (taça) e a um contentor de fogo (candil).

Rótulos de Linha	
Feldspatos e cerâmica moída	3
Indeterminada	1
Taça/Tijela	1
Tijela	1
Micáceos	36
Alguidar?	1
Bilha	2
Candil	1
Indeterminada	12
Jarro	1
Jarro/Jarra	1
Pote	2
Pote?	1
Taça	9
Taça/Tijela	2

Taça?	3
Tijela	1
Micáceos e cerâmica moída	9
Candil	1
Indeterminada	1
Pote?	1
Taça/Tijela	4
Tijela	2
Micáceos e feldspatos	100
Alguidar?	2
Bilha	2
Candeia	1
Candil	9
Cântaro	1
Garrafa	1
Indeterminada	33
Jarra	1
Jarro	1
Jarro/Jarra	4
Panela	1
Pote	2
Pote?	4
Taça	10
Taça/Tijela	10
Taça?	5
Talha	2
Tijela	10
Trempe	1
Micáceos, feldspatos e cerâmica moída	25
Candil	8
Indeterminada	2
Jarrinha	1
Jarro/Jarra	2
Pote?	2
Taça	4
Taça/Tijela	1
Talha	4
Tijela	1
Quartzitos	2
Candil	1
Jarro/Jarra	1
Quartzitos e feldspatos	2
Indeterminada	1
Tijela	1
Quartzitos e micáceos	2
Indeterminada	1
Taça/Tijela	1
Quartzitos, feldspatos e cerâmica moída	2
Candil	1
Garrafa	1
Quartzitos, micáceos e feldspatos	32
Candil	9
Candil?	1

Indeterminada	7
Jarro	1
Jarro/Jarra	2
Pote	1
Pote?	1
Taça	2
Taça/Tijela	4
Tijela	4
Quartzitos, micáceos, feldspatos e cerâmica moída	4
Candil	1
Taça	3
Total Geral	217

Tabela 11 – Relação entre enp's e tipologias

Relativamente ao tratamento de superfície e à decoração destas peças foi possível aferir que 97 dos fragmentos estudados possuem como tratamento o vidrado (45% do total) associado na sua grande maioria a loiças de mesa, especialmente taças e/ou tijelas, seguidas de jarros e/ou jarras, bilhas e garrafas. Para além das loiças de mesa um vasilhame de armazenamento e transporte possui este tipo de tratamento (Semb.195.175^(Fig.66)) e um contentor de fogo, a candeia Semb.341.398^(Fig.68). Apenas 22 fragmentos (10%) possuem um alisamento manual, realizado antes da cozedura das peças, associado a 4 fragmentos de loiça de mesa (taça e/ou tijela e jarro e/ou jarra) mas sobretudo a contentores de fogo (7 fragmentos de candil). Os restantes 45% não possuem qualquer tipo de tratamento, ou pelo menos, não foi possível identificar algum, mas há que ter em conta a pequena dimensão de grande parte do material, a qual dificulta um estudo mais aprofundado de cada peça. Estes encontram-se associados a loiças de mesa (29 fragmentos de taças e/ou tijelas, jarros, jarras, jarrinhas e bilhas), a loiças de cozinha (4 fragmentos de panela e alguidar), vasilhames de armazenamento e transporte (15 fragmentos de podes, cântaro, talhas), contentores de fogo (25 fragmentos de candil) e um objecto de uso doméstico e artesanal (trempe).

Tratamento	
Alisamento manual anterior à cozedura	22
Sem tratamento	98
Vidrado	97
Total Geral	217

Tabela 12 – Tratamento de superfície

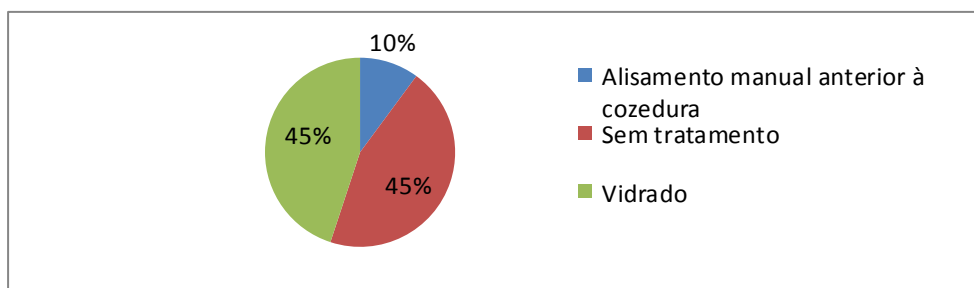


Gráfico 9 – Tratamento de superfície – percentagem

Quanto à decoração aplicada varia entre os melados e cor negra, associados apenas a loiças de mesa, como taças, tijelas e bilhas, as peças pintadas nas cores verde e negra em peças de loiça de mesa (taças, tijelas, jarro/ e/ou jarra), passando pela decoração em corda seca total e parcial, ambas em peças de serviço de mesa (taças, tijelas e bilha) pela decoração pintada em diferentes colorações, em loiças de mesa (taças, tijelas, jarros, jarras, jarrinhas), loiças de cozinha (panelas), loiças para armazenamento e transporte (potes, cântaro) e contentores de fogo (candis), decoração estampilhada em talhas (armazenamento e transporte), engobes, aplicados em loiças de mesa (taças, tijelas, jarros e jarras), em vasilhames de armazenamento e transporte (potes) e em contentores de fogo (candis), pela decoração incisa em loiças de mesa e de armazenamento e transporte, em molde num possível suporte de talha e uma possível impressão num fragmento de candil.

Decoração	
Molde	1
Corda seca	11
Corda seca parcial	4
Engobe na cor branca	6
Engobe na cor branca e incisa	1
Engobe na cor castanha	3
Engobe na cor castanha e incisa	4
Engobe na cor negra	10
Engobe na cor vermelha	3
Engobe na cor vermelha e incisa	2
Engobe?	1
Estampilhada	6
Impressão?	1
Incisa	7
Melado com óxido de manganésio	28
Pingos de vidrado	4
Pintada a azul sobre fundo branco	5

Pintada na cor branca	5
Pintada na cor castanha	3
Pintada na cor negra	15
Pintada na cor vermelha	13
Sem decoração	58
Verde e manganês	26
Total Geral	217

Tabela 13 – Decoração aplicada

A grande maioria destas decorações encontra-se associada aos tratamentos acima mencionados. Desta forma, ao analisar estes dois pontos iremos fazê-lo em conjunto, pois parece fazer todo o sentido (Tabela 14). As peças decoradas com melados e cor negra representam 13% do total de fragmentos estudados (27 peças), encontrando-se essencialmente em peças do conjunto de loiça de mesa, sendo a grande maioria destas taças e/ou tijelas. Os 27 fragmentos destas peças encontram-se representados em Semb.122.0018^(Fig.23), Semb.83.0362^(Fig.21), Semb.177.069^(Fig.20), Semb.905.014^(Fig.52), Semb.769.076, Semb.390.005, Semb.769.004 (ver Inventário, pp.171 e 175), ou em Semb.1.1018^(Fig.39). Uma outra peça que se encontra inserida no conjunto de loiça de mesa e que possui este tipo de decoração e tratamento, é a bilha referenciada como Semb.7.0090 (ver Inventário, p.171).

O segundo grupo mais numeroso no que respeita às peças vidradas é o das peças decoradas a verde e negro ou castanho. São 23 os fragmentos com este tipo de decoração pertencentes a loiças de mesa, como taças e/ou tijelas, como Semb.92.0169^(Fig.25), Semb.419.028^(Fig.41), Semb.44.0075 e Semb.44.0074 (ver Inventário, p.171) ou Semb.130.097^(Fig.45), onde se podem observar cores, como o verde, os castanhos, os negros e os amarelados. Estas peças apresentam nas suas superfícies, vidrados de aspecto melado, sendo que nas superfícies exteriores estes podem também ter colorações esverdeadas. Na superfície interior são visíveis vidrados de tonalidades mais esbranquiçadas.

Com 10 fragmentos neste conjunto, a decoração em corda seca total com vidrado, é o terceiro tipo decorativo mais numeroso. As taças, tijelas (Semb.120.0183^(Fig.33) ou Semb.120.0185^(Fig.50)) e a bilha referenciada como Semb.7.0091^(Fig.62) constituem este grupo. Também a corda seca parcial se encontra representada no conjunto de peças vidradas mas apenas por 3 fragmentos, um que não

foi possível identificar tipologicamente e outros dois pertencentes a taças (Semb.104.0102 e Semb.156.0048 – ver Inventário, p.174).

As decorações pintadas, uma a azul sobre um fundo branco e uma outra a tons negros, também apresentam vidrado como forma de tratamento. Em ambos os casos, mais uma vez, deste grupo fazem parte loiças de mesa, como taças, tijelas, jarros e/ou jarras. As peças pintadas a azul sobre fundo branco são cinco, quatro taças/tijelas (Semb.35.0343^(Fig.27), Semb.35.0331^(Fig.28) e Semb.1.0290^(Fig.22)) e, um/a jarro/a, Semb.532.002^(Fig.59). Pintadas na cor negra encontram-se duas peças, sendo que uma delas não foi possível identificar a nível tipológico, e a outra pertencerá a um jarro ou uma jarra, Semb.56.0110 (ver Inventário, p.172). Uma taça, Semb.83.0224^(Fig.34) e um pote, Semb.195.175^(Fig.66), apresentam aplicação de vidrado e uma decoração incisa. Cerca de 24 dos fragmentos estudados enquadram-se neste conjunto quanto à aplicação de vidrado mas não apresentam qualquer tipo de decoração. Mais uma vez e, como tem vindo a suceder na análise destes resultados, a loiça de mesa destaca-se mas, se até ao momento não havia sido identificada qualquer peça com uma outra funcionalidade, agora encontra-se presente a candeia Semb.341.398^(Fig.68) (contentor de fogo). As restantes peças deste conjunto são taças e tijelas (Semb.83.0210 - ver Inventário, p.173, e Semb.24.0004^(Fig.51)), jarros e/ou jarras (Semb.34.0002^(Fig.56), Semb.15.0072^(Fig.60)), garrafas (Semb.7.0088 – ver Inventário, p.174) e uma bilha (Semb.12.0020 – ver Inventário, p.173).

Quanto ao alisamento manual de peças anterior à sua cozedura encontra-se associado a engobes, a decorações pintadas, incisadas e a uma possível impressão (Tabela 13). No que se refere aos engobes, este conjunto possui diversas colorações. O reservatório de candil Semb.538.018 (ver Inventário, p.171) apresenta um engobe de cor branca. Este revela ainda decoração incisa. Engobes de coloração castanha estão presentes nos fragmentos Semb.361.036, Semb.16.0116 e Semb.1.0643 (ver Inventário, pp.173-175), sendo que o primeiro corresponderá a uma taça ou tijela e os restantes não se encontram identificados. É ainda de mencionar que os segundos, para além de engobe, possuem decoração incisa. As peças Semb.522.025, Semb.350.086 e Semb.14.0100 (ver Inventário, pp.173-174), têm todas engobe na cor vermelha. As duas primeiras não se encontram tipologicamente identificadas, a última aparenta corresponder a uma taça ou tijela. Esta possui ainda decoração incisa. Estão presentes

peças pintadas na cor negra (Semb.120.0165), castanha (Semb.24.0169) e vermelha (Semb.353.090) - ver Inventário, pp.172, 174, 175.

Quanto a peças que apresentam apenas decoração incisa, só o fragmento Semb.22.0023 (ver Inventário, p.174), uma possível taça ou tijela, se encontra assim decorado. Os fragmentos Semb.1.3221 e Semb.1.3219 (ver Inventário, p.172), possuem o que aparenta tratar-se de uma impressão. Existem 9 peças possuindo um alisamento manual da pasta, sem qualquer tipo de decoração, pertencendo cinco delas a candis (Semb.245.069, Semb.1.0298, Semb.83.0200, Semb.126.150 e Semb.83.0280 - ver Inventário, pp.173-174).

Se no conjunto decorativo onde o tratamento com vidrado se encontrava presente, a maioria das peças pertencia a loiças de mesa (taças, tijelas, jarros, jarras, garrafas e bilhas) e apenas foi identificado um a contentor de fogo (candeia), neste conjunto, observa-se que a maioria são peças relacionadas com o fogo – candis (Tabela 13).

Analisando o conjunto das peças sem vidrado, apenas decoração (98 fragmentos, cerca de 45% do total), percebe-se que as peças com decoração pintada são o conjunto mais numeroso (31 fragmentos). Estas dividem-se por 12 fragmentos decorados na cor negra, dos quais fazem parte taças, jarros e/ou jarras (Semb.158.046, Semb.439.001 – ver Inventário, p.172, e Semb.547.014^(Fig.57)), potes (Semb.109.0895 e Semb.128.013 – ver Inventário, p.172), e candis (Semb.177.114 – ver Inventário, p.174), não estando identificados 5 dos fragmentos no que se refere à sua tipologia. São 12 os fragmentos pintados na cor vermelha, 5 pintados na cor branca e apenas dois pintados a castanho. Pintadas na cor vermelha, observam-se taças e tijelas, jarros e/ou jarras, jarrinha (Semb.294.109, Semb.94.0096, Semb.130.113, Semb.67.129 – ver Inventário, pp.172 e 175, e Semb.84.376^(Fig.61)), potes (Semb.335.037^(Fig.64) e Semb.309.014^(Fig.65)), e um provável candil. As cinco peças pintadas a branco dividem-se por jarra (Semb.784.047 – ver Inventário, p.172), panela (Semb.380.280 – ver Inventário, p.172), cântaro (Semb.341.397 – ver Inventário, p.171), e um possível pote (Semb.333.151 – ver Inventário, p.175). Pintado na cor castanha, está identificado como possível pote, o fragmento Semb.1.1128 (ver Inventário, p.175).

Quanto aos engobes, encontra-se a grande maioria aplicada na cor negra (10 fragmentos), seguido dos brancos (5 fragmentos), dos castanhos, possuindo ou não

decoreção incisa (4 fragmentos) e por fim os engobes de cor vermelha, possuindo também um deles, decoreção incisa. As peças pintadas na cor negra são taças e/ou tijelas (Semb.521.016, Semb.530.039, Semb.63.0063 e Semb.128.9641 – ver Inventário, pp.174-176), potes (Semb.521.015 – ver Inventário, p.175) e um fragmento de candil (Semb.184.002 - ver Inventário, p.175). Engobadas a branco, encontram-se mais uma vez as taças e/ou tijelas (Semb.195.182 - ver Inventário, p.173), um provável alguidar (Semb.7.0101 – Inventário, p.173) e dois possíveis potes (Semb.341.407 e Semb.195.102 – ver Inventário, p.173). Por fim, os engobes nas cores, castanha e vermelha, ambas possuindo decoreção incisa. Se não foi possível identificar tipologicamente as peças pintadas na cor vermelha, identificou-se as peças decoradas a castanho como taça (Semb.22.0172 – ver Inventário, p.173) e jarros ou jarras, possuindo um destes últimos, tal como a taça, decoreção incisa (Tabela 13).

Com decoreção estampilhada foi apenas possível identificar seis fragmentos de talha, Semb.(e), Semb.(d), Semb.(c1), Semb.(b), Semb.(a1), Semb.195.156 (ver Inventário, pp.172-173). Foram identificados e estudados 4 fragmentos decorados com pingos de vidrado, todos eles pertencentes a candis (Semb.84.557, Semb.88.0003, Semb.1.0922 – ver Inventário, pp.171, 172 e 174) e Semb.551.001 (ver Inventário, p.171), quatro fragmentos sem qualquer tipo de tratamento mas com decoreção incisa, pertencendo a taças e/ou tijelas (Semb.171.262 e 270.021 – ver Inventário, p.173) e a um possível alguidar (Semb.400.063 – ver Inventário, p.173), três fragmentos decorados em verde e manganês sem tratamento, pertencentes a uma taça (Semb.120.0156^(Fig.26)), a um jarro ou jarra (Semb.12.0009 – ver Inventário, p.172) e um que ficou por identificar (Semb.125.0218 – ver Inventário, p.173). Em corda seca total e sem tratamento encontra-se Semb.74.0007^(Fig.63) e em corda seca parcial Semb.104.0101 (ver Inventário, p.173). A peça Semb.281.074 (ver Inventário, p.172), apresenta a única decoreção a molde de todo o conjunto (Tabela 13).

Sem qualquer tipo de decoreção ou tratamento encontram-se 25 peças, sendo que de cinco não foi possível determinar a tipologia, dois parecem constituir parte de potes (Semb.386.258 - ver Inventário, p.174), 17 pertencerão a candis e uma trempe, utilizada para a separação de materiais vidrados durante a sua cozedura. Neste pode ver-se alguns vestígios de vidrado mas isto deve-se à sua utilização (Tabela 13).

Este último conjunto é sem dúvida o mais variado, em nenhum dos anteriores, de peças vidradas ou com alisamento manual das pastas, se assinalou a presença de loiças

de cozinha ou de vasilhames de armazenamento e transporte de líquidos, sendo que neste último grupo surgem-nos quatro referências no que se refere às primeiras e oito relativamente às segundas. Os contentores de fogo são mais significativos, com 25 referências, mas a loiça de mesa continua a manter a sua forte presença, com 36 fragmentos identificados neste conjunto (Tabela 13).

Tratamento, forma, decoração	
Alisamento manual anterior à cozedura	22
Candil	7
Engobe na cor branca	1
Impressão?	1
Sem decoração	5
Indeterminada	11
Engobe na cor branca, incisa	1
Engobe na cor castanha com tonalidade alaranjada, incisa	1
Engobe na cor castanha, incisa	1
Engobe na cor vermelha com tonalidade alaranjada	2
Pintada na cor castanha com tonalidade avermelhada	1
Pintada na cor negra	1
Sem decoração	4
Jarro/Jarra	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade alaranjada	1
Taça/Tijela	1
Engobe na cor castanha com tonalidade alaranjada	1
Taça?	2
Engobe na cor vermelha com tonalidade acastanhada, incisa	1
Incisa	1
Sem tratamento	98
Alguidar?	3
Engobe na cor branca	1
Incisa	1
Verde e manganês	1
Bilha	1
Corda seca	1
Candil	24
Engobe na cor negra	1
Engobe?	1
Pingos de vidrado	4
Pintada na cor negra	1
Sem decoração	17
Candil?	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada	1
Cântaro	1
Pintura na cor branca, digitações	1
Indeterminada	25
Corda seca parcial	1

Engobe na cor branca	1
Engobe na cor castanha	1
Engobe na cor negra	3
Engobe na cor vermelha com tonalidade alaranjada, incisa	1
Engobe na cor vermelha, incisa	1
Incisa	1
Molde	1
Pintada na cor branca	1
Pintada na cor castanha com tonalidade avermelhada	1
Pintada na cor negra	5
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada	2
Pintada na cor vermelha com tonalidade alaranjada	1
Sem decoração	5
Jarra	1
Pintada na cor branca	1
Jarrinha	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada	1
Jarro	2
Engobe na cor castanha, incisa	1
Pintada na cor negra	1
Jarro/Jarra	5
Engobe na cor castanha	1
Pintada na cor negra	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade alaranjada	1
Verde e manganês	1
Panela	1
Pintada na cor branca	1
Pote	4
Engobe na cor negra	1
Pintada na cor negra, digitações	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada	2
Pote?	9
Engobe na cor branca	2
Engobe na cor negra	1
Pintada na cor branca	1
Pintada na cor castanha com tonalidade avermelhada	1
Pintada na cor negra, digitações	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada	1
Sem decoração	2
Taça	5
Engobe na cor castanha, incisa	1
Engobe na cor negra	1
Incisa	1
Pintada na cor negra	1
Verde e manganês	1
Taça/Tijela	5
Engobe na cor branca	1
Engobe na cor negra	2
Incisa	1
Pintada na cor negra	1
Taça?	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade alaranjada	1

Talha	6
Estampilhada	6
Tijela	2
Engobe na cor negra	1
Pintada na cor vermelha com tonalidade acastanhada, digitações	1
Trempe	1
Sem decoração	1
Vidrado	97
Bilha	3
Corda seca, digitações	1
Melado com óxido de manganésio	1
Sem decoração	1
Candeia	1
Sem decoração	1
Garrafa	2
Sem decoração	2
Indeterminada	22
Corda seca	2
Corda seca parcial	1
Melado com óxido de manganésio	6
Pintada na cor negra	1
Sem decoração	9
Verde e manganês	3
Jarro	1
Sem decoração	1
Jarro/Jarra	4
Pintada a azul sobre fundo branco	1
Pintada na cor negra	1
Sem decoração	2
Pote	1
Incisa	1
Taça	23
Corda seca	5
Corda seca parcial	1
Incisa	1
Melado com óxido de manganésio	4
Pintada	1
Pintada a azul sobre fundo branco	3
Sem decoração	2
Verde e manganês	6
Taça/Tijela	17
Melado com óxido de manganésio	7
Pintada a azul sobre fundo branco	1
Sem decoração	4
Verde e manganês	5
Taça?	5
Corda seca	1
Corda seca parcial	1
Sem decoração	1
Verde e manganês	2
Tijela	18
Corda seca	1
Melado com óxido de manganésio	9

Sem decoração	1
Verde e manganês	7
Total Geral	217

Tabela 13 – Relação entre Tratamento de Superfície, Tipologia e Decoração

Relativamente à proveniência do espólio no sítio da Rua do Sembrano e, após a sua análise, foi possível concluir que os 22 fragmentos recuperados em escavações que já não estariam a cargo de Susana Correia e José Carlos Oliveira, pertencem na sua maioria a loiças de mesa (Semb.1079.018^(Fig.37), Semb.905.014^(Fig.52), Semb.671.018^(Fig.53)), seguidos de vasilhames de armazenamento e transporte (as cinco talhas deste conjunto), um fragmento de um contentor de fogo (Semb.053.072 – ver Inventário, p.175) e três peças não identificadas tipologicamente (Tabela 14).

O segundo grande grupo é o dos fragmentos recolhidos à superfície. Estes 18 fragmentos encontram-se divididos por loiças de mesa (Semb.1.1018^(Fig.39), Semb.1.0290^(Fig.22)), vasilhames de armazenamento e transporte (Semb.1.1128 – ver Inventário, p.175), contentores de fogo e utensílios de uso doméstico e artesanal – trempe (Semb.1.0304 – ver Inventário, p.172).

Foi do conjunto dos contextos 2001, 2010. 2030, 2050, 3110, 3130 e 3160, o terceiro maior número de fragmentos recolhidos durante as escavações (13). Destes contextos surgiram peças associadas ao serviço de mesa (Semb.419.028^(Fig.41)), loiças de cozinha (Semb.380.280 – ver Inventário, p.172), peças relacionadas com o armazenamento e transporte, representando a maioria (Semb.341.397 – ver Inventário, p.171) e contentores de fogo, (Tabela 14). Estes contextos inserem-se nas quadrículas K30, I31, K29 E H32 (2001), L32 e K31 (2010), K33, I33 e I32 (contexto 2030) e H35, G35 e G34 relativamente ao contexto 2050. Infelizmente não foi possível enquadrar os restantes três contextos nas respectivas quadrículas através da informação disponível.

A quadrícula G31 foi uma das mais proveitosas no que respeita a material arqueológico, com 13 fragmentos inseridos em loiças de mesa e contentores de fogo. Este material foi recolhido ao longo dos trabalhos de escavação dos níveis (00) e (01) – superficial. Também a limpeza do perfil permitiu a recolha de algum espólio. Foi do nível (01) que surgiu um maior número de fragmentos (7), encontrando-se logo em seguida o nível (00), de onde foram recuperados 5 fragmentos. A maioria destas peças enquadra-se no conjunto de loiças de mesa (Semb.130.097^(Fig.45)) (Tabela 14).

De D32 e D33, quadrículas onde se inserem os contextos 1060 e 3000, foram recolhidos 12 fragmentos cerâmicos, tendo a maioria proveniência numa estrutura, um poço e nos seus trabalhos de limpeza (8). O conjunto representado nesta quadrícula divide-se em loiça de mesa (Semb.195.182 – ver Inventário, p.173), vasilhames de armazenamento e transporte (Semb.195.175^(Fig.66)) e contentores de fogo (Semb.399.348 ver Inventário, p.173). Da zona do bocal do poço foi recolhido o fragmento Semb.429.032 (ver Inventário, p.172) (Tabela 14).

Dez dos 218 fragmentos identificados nas escavações na Rua do Sembrano provem de E27 e F27. Estes foram recuperados durante os trabalhos nos níveis (00) e (01) - superficial. As peças pertencentes ao conjunto de loiças de mesa são as mais numerosas (6 fragmentos), como Semb.84.376^(Fig.61), surgindo logo em seguida os vasilhames de armazenamento e transporte e os contentores de fogo (Tabela 14).

O contexto 600 inserido nas quadrículas F32, F33, G31, G32, G33, G34, H31, H32 e H33, forneceu também algum material nos níveis (02) e (03), sobretudo loiças de mesa, vasilhames de armazenamento e transporte e contentores de fogo. De cada uma das seguintes quadrículas C31, E30, F30 e F31 e de K29, foram recuperados cinco fragmentos cerâmicos. No caso de K29 estes materiais provem dos níveis (00), (01), (07) e da limpeza do perfil. Quanto a F30 e F31, foi do contexto 400 e dos seus níveis (02) e (05) que maior quantidade de material surgiu. Em E30 foi o nível superficial, (00), o fornecedor dos fragmentos aí recuperados e em C31, foi das escavações nos níveis (00) e (01) que se conseguiu a recolha de fragmentos deste período. A loiça de mesa é a grande maioria em qualquer uma destas quadrículas existindo apenas referência a um contentor de fogo no nível (01) de C31. Com a desmontagem da banqueta entre D30/E30 e E30, E31, foram recuperados 5 fragmentos de loiça de mesa e três de tipologia indeterminada. Também nos níveis (05), (08) e (10) do contexto 500, presente nas quadrículas H30, H31/I30, I31 a predominância é das formas não identificadas contra dois fragmentos de loiça de mesa. Dos níveis (00) e (02) de C29, C30/D29, D30 foram recuperados dois fragmentos de loiça de mesa (Semb.532.002^(Fig.59) e Semb.439.001 – ver Inventário, p.172) e outros dois fragmentos de formas indeterminadas (Tabela 14).

Com apenas três fragmentos encontram-se as quadrículas F28, F29/G28, G29, possuindo no nível (03) um fragmento de uma peça de loiça de mesa e um fragmento de contentor de fogo. Também as quadrículas G31/H31, H32, H33, apresentam apenas três

fragmentos, pertencendo todos eles ao conjunto de loiças de mesa (Semb.356.163 – ver Inventário, p.172 e Semb.356.015^(Fig.46)), recuperados no seu nível (04). Outras quadrículas de onde apenas foram recolhidos três fragmentos cerâmicos islâmicos são I32/K32, K33, cujo nível (01) forneceu material relacionado com o serviço de mesa (Semb.171.261^(Fig.32)) e L30, de onde foram recuperados os fragmentos Semb.35.0328^(Fig.29), Semb.35.0331^(Fig.28) e Semb.35.0343^(Fig.27) (Tabela 14).

Dois fragmentos foi o que foi possível recuperar de quadrículas B32 (tipologias indeterminadas), de Bja-1-51-5-(...) e Bja-1-51-6-(...), de onde se recuperaram fragmentos de loiças de mesa (Semb.592.003^(Fig.54)), de vasilhames de armazenamento e transporte e de contentores de fogo, do nível (05) de D28, D29 (tipologia indeterminada), de D29 de onde resultou um fragmento de contentor de fogo. De D30 e D31, quadrículas de onde também apenas foi possível recolher dois fragmentos, temos peças inseridas nos conjuntos de loiça de mesa e um provável vasilhame de armazenamento e transporte, tal como em D33, D34/E33, E34, onde surgiram, no nível (00), fragmentos do mesmo tipo. Do nível (03) de E20 foram recuperados fragmentos de loiça de mesa como Semb.22.0172 (ver Inventário, p.173). De E23 e de F27 foi possível recolher peças de loiça de mesa e de um contentor de fogo. Em G28, G29, G30/H29, H30; H32 e I30 foi possível identificar alguns fragmentos inseridos no conjunto de loiças de mesa (2), loiça de cozinha (1), vasilhames de armazenamento e transporte (2) e contentores de fogo (2). Em K20 e K32 recolheram-se no total, apenas um de loiça de cozinha e três fragmentos de contentores de fogo (2 fragmentos em cada uma das quadrículas). Por fim, no nível (04) de L30/M30 foram identificados dois fragmentos de loiça de mesa (Semb.206.045^(Fig.44) e Semb.206.028^(Fig.30)) (Tabela 14).

Das restantes quadrículas foram recolhidos apenas um fragmento por cada uma, inserindo-se estes em loiças de mesa, loiças de cozinha, vasilhames de armazenamento e transporte, contentores de fogo, e em tipologias para as quais não nos foi possível obter classificação. O primeiro conjunto continua a ser o mais representando em praticamente todas as quadrículas. Loiça de cozinha foi recolhida apenas em G34, enquanto os vasilhames de armazenamento e transporte foram identificados em quadrículas como F28 e G33, 34/H33. Os contentores de fogo surgiram em G30, E31, H33, 34, G32, 33.

Função, Proveniência	
Contentor de fogo	32
Bja-1-51-5	1
C31	1
D29	1
D32, 33	2
E27/F27	1
E31	1
F27	1
F28, 29/G28, 29	1
F32, 33/G31, 32, 33, 34/H31, 32, 33	2
G29, 30/H29, 30	1
G30	1
G31	3
G32	1
G32, 33	1
H33, 34	1
I30	1
K20	1
K32	2
Recolha de superfície	6
Sem informação	1
(em branco)	2
Contentor de lume?	1
D32, 33	1
Indeterminada	58
B30	1
B32	2
Bja-1-51-6	1
C29, 30	1
C29, 30/D29, 30	2
C30, 31	1
C31	1
D28, 29	2
D29	1
D29, 30/E28, 29	1
D30	1
D30/E30, E30/E31	2
D32, 33	3
E27	1
E27/F27	2
E29	1
E30	1
E33	1
F27	1
F28, 29/G28, 29	1
F30, 31	1
F32, 33/G31, 32, 33, 34/H31, 32, 33	1
G29	1
G31	2
G32	1
G32	1
H30,31/I30, 31	3

H32	1
K29	2
K29, 30	1
L30	1
L31	1
M31	1
Recolha de superfície	6
Sem informação	3
(em branco)	5
Louça de cozinha	1
(em branco)	1
Louça de cozinha?	3
E30	1
G34	1
H32	1
Louça de mesa	91
Bja-1-51-5	1
C29	1
C29, 30/D29, 30	2
C31	2
D29/E28, 29	1
D30, 31	1
D30/E30, E30/E31	3
D32, 33	2
D33, 34/E33, 34	1
E20	1
E27/F27	5
E30	3
E32	1
E33	1
F28, 29/G28, 29	1
F30, 31	4
F31/G31	1
F32, 33/G31, 32, 33, 34/H31, 32, 33	3
F34, 35/G34, 35, 36	1
G29	1
G29, 30/H29, 30	1
G31	7
G31/H31, 32	1
G31/H31, 32, 33	3
H29	1
H30,31/I30, 31	2
H33	1
H33/I33	1
H34	1
I29	1
I32	1
I32/K32, 33	3
I33	1
I33, 34	1
I34	1
K20	1
K29	2

K31, 32	1
L30	1
Limpeza de estação	3
M30/L30	2
Recolha de superfície	3
Recolha de superfície, E27/F27	1
Sem informação	13
(em branco)	2
Louça de mesa?	9
C31	1
D28/E28	1
E20	1
E27/F27	1
F32, 33/G31, 32, 33, 34/H31, 32, 33	1
G31	1
K29	1
L30	1
Recolha de superfície	1
Uso doméstico e artesanal	1
Recolha de superfície	1
Vasilhame de armazenamento e transporte	11
D32, 33	2
D33, 34/E33, 34	1
E27/F27	1
G33, 34/H33	1
I30	1
Sem informação	5
(em branco)	1
Vasilhame de armazenamento e transporte?	9
Bja-1-51-6	1
D30, 31	1
D32, 33	2
F28	1
F32, 33/G31, 32, 33, 34/H31, 32, 33	1
Recolha de superfície	1
(em branco)	2
Total Geral	217

Tabela 14 – Relação entre Função e Local de Proveniência

No nosso próximo Capítulo, dedicado aos Paralelos, fazemos referência, após pesquisa bibliográfica, a alguns sítios no nosso País e em Espanha onde foram identificadas peças semelhantes às que constituem o nosso conjunto e que são relevantes para uma melhor compreensão do mesmo.

Capítulo 6. PARALELOS

O conjunto cerâmico em estudo possui paralelos a nível decorativo e formal, com espólio recolhido em diversos contextos islâmicos da Península Ibérica. No que respeita a peças de pé anelar com decoração conseguida através de aplicação de vidro de cor castanha e aspecto melado, podemos encontrar peças muito semelhantes às aqui apresentadas em sítios como o Cerro da Vila, o Castro da Cola, o Montinho das Laranjeiras, Silves, Mértola, Palmela ou Lisboa (Matos, 1983, pp.375-390; Id., 1991, pp. 429-456; Gómez Martínez, 1998, pp.57-65; Coutinho, 1993, pp.39-53; Gomes, 1991, pp.387-403; Id., 1995, pp.19-32; Id., 2002; Id., 2003; Id., 2006; Id., 2011; Khawli, 1993, pp.63-78; Macias, 1991, pp.404-427; Fernandes, Carvalho, 1997, pp.327-335; Bugalhão, Gómez Martínez, 2005, pp.237-261; Calado, Leitão, 2005, pp.459-470).

A peça Semb.84.496^(Fig.40) apresenta semelhanças com uma taça de pé anelar, decorada através de 4 cordas de arco que se intersectam formando uma cruz foliácea, na parede interior, recuperada no sítio do Cerro da Vila. No caso da peça de Beja essa decoração é feita apenas com duas cordas (Matos, 1983, p.382). O fragmento referenciado como Semb.523.027^(Fig.42), no que se refere aos motivos que compõem a sua decoração, é similar às peças marcadas com os números 1, 2 e 3, do Cerro da Vila, possuindo decoração fitomórfica, palmetas (Matos, 1983, pp.378-381). No Montinho das Laranjeiras encontram-se paralelos para os fragmentos Semb.84.496^(Fig.40), Semb.671.018^(Fig.53) e Semb.905.014^(Fig.52), peças com o mesmo tipo decorativo e possuidoras de pé anelar, referenciadas como B-17-33 e B-17-34 (Coutinho, 1993, p.46). Também aqui se encontram bases planas, tal como as peças Semb.1.1018^(Fig.39) e Semb.523.027^(Fig.42). Para a primeira podemos referir as taças carenadas do Castelo de Silves, datadas do século XII, uma vez que esta peça se apresenta carenada (Gomes, 1991, pp.391-392). Como referi, em Mértola este tipo de peça é muito frequente acreditando-se que a sua origem seja um dos três grandes centros produtores da Época, Sevilha, Málaga ou Almeria (Macias, 1991, pp.408-427). Em todos estes sítios, esses materiais possuem uma datação que varia entre o século X e os séculos XI/XII.

No sítio do Cerro da Vila foi identificada uma cantarinha, sendo que apenas lhe resta o gargalo, no silo K/14, semelhante em tudo à peça Semb.34.0002^(Fig.56), encontrando-se esta coberta com um vidro em toda a superfície. Esta peça possui, tal como a de Beja, uma pasta esbranquiçada/acinzentada e apenas uma asa (=0103). A datação deste conjunto do Cerro da Vila é dos séculos IX-X (Matos, 1991, p.434).

A peça Semb.195.175^(Fig.66) encontra paralelo numa outra também recolhida em Beja em 1981, durante as obras no interior da cerca do Hospital da Misericórdia, na Rua D. Dinis. Ambas se encontram revestidas de vidro, apresentando 2 caneluras em espiral na superfície interior, pé anelar com fundo interior côncavo. Se esta peça da Rua do Sembrano me parece um pote, a peça da Rua D. Dinis encontra-se identificada como jarrinha (Nº29) (Correia, 1991, p.376).

Quanto à decoração nas cores verde e negra, é também relativamente frequente em contextos islâmicos. A peça Semb.94.0164^(Fig.55) encontra paralelos a nível formal, mais precisamente em relação ao seu pé moldurado em peças meladas e decoradas com óxido de manganês, do sítio do Cerro da Vila (Matos, 1983, pp.383-384). Também no Castro da Cola se encontra uma peça decorada nas cores verde e negra com um fundo igual ao da taça/tijela de Beja, datada da segunda metade do século XI (Martínez, 1998, p.61). No sítio da Arrochela, existem também paralelos com este tipo de fundos, como as peças Q5/E15/C2-27 ou a peça Q5/E15/C2-34 (Gomes, 2011, pp.213-217). Ainda no Castro da Cola encontram-se paralelos para as peças Semb.356.015^(Fig.46) e Semb.130.097^(Fig.45), as quais se encontram decoradas na zona do bordo, com círculos concêntricos, sendo o fundo vidrado em branco e a superfície exterior coberta de vidro de cor castanha clara de aspecto melado (Matos, 1983, p.283). As peças Semb.1.1069^(Fig.48) e Semb.94.0164^(Fig.55), possuindo como decoração na superfície interior, formada por uma composição com linhas ponteadas, e, pé anelar, possuem paralelos neste sítio. Neste caso a datação apresentada é dos séculos X-XI. Um bojo do Castro da Cola, a nível decorativo é semelhante a um dos fundos recolhidos em Beja Semb.12.0014^(Fig.24), possuindo um friso de palmetas consecutivas. Por fim, a composição de pinhas, presente na peça Semb.419.028^(Fig.41), num fundo, está presente num outro do Castro da Cola (Gómez Martínez, 1998, pp.61-65). Em Niebla estas peças com decoração nas cores verde e negro estão presentes, sendo que algumas delas se assemelham às do conjunto de Beja, possuindo da mesma forma pés em anel, lábios arredondados e decoração conseguida através de círculos com ponteados, nas superfícies interiores. Algumas destas peças possuem pontos de cor negra no bordo, tal como Semb.130.097^(Fig.45) ou Semb.356.015^(Fig.46). As datações atribuídas ao conjunto rondam o século XI (Macias; Bedia, 1993, pp.59-60). No Castelo de Palmela foram encontradas peças semelhantes à Semb.1.1069^(Fig.48) e Semb.94.0164^(Fig.55), sendo que uma delas possui pé moldurado. Se neste caso a datação atribuída é dos séculos IX-X,

em Mértola, onde existem outros paralelos, foram-lhe atribuídas cronologias dos séculos XI e XII (Fernandes; Carvalho, 1997, pp.330-331).

Peças decoradas em corda seca estão normalmente associadas a importações luxuosas mas da mesma forma se encontram um pouco por toda a Península Ibérica, no que se refere a corda seca parcial e total. A evolução decorativa deste tipo tem gerado alguma controvérsia uma vez que para alguns autores como Bazzana ou Rosseló-Bordóy a corda seca total será sido o início desta decoração tendo-se passado depois, durante os reinos Taifas do século XI, à utilização da corda seca parcial devido ao fraco poder destes reinos. Rosa Varela Gomes por sua vez defende precisamente o inverso. A corda seca parcial terá sido utilizada inicialmente, tendo esta evoluído durante os reinos Taifas para a corda seca total, até mesmo como forma de estes reinos demonstrarem o seu poder e grandiosidade no que diz respeito à arte (Gomes, 1995, p.22). Esta parece-me a teoria mais correcta, uma vez que, tal como foi referido por Rosa Varela Gomes, também a nível técnico esta parece ser a evolução mais lógica. Há que referir que em sítios do Médio Oriente se encontraram peças decoradas em corda seca parcial datadas dos séculos VII-VIII, tal como em Almeria existem paralelos destas peças datadas dos séculos IX/X (Gomes, 1995, p.22). Relativamente às peças do conjunto de Beja, podem mencionar-se paralelos em alguns locais como Lisboa, Mértola e Silves. Peças em corda seca parcial deste conjunto encontram paralelos no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros em Lisboa (Bugalhão; Gómez Martínez, 2005, p.250), apresentando decorações formadas por linhas curvas. Em Mértola foram identificadas peças semelhantes colocando-se a hipótese de se tratar de produções levantinas (Bugalhão; Gómez Martínez, 2005, p.250). Estes conjuntos da antiga Myrtilis encontram-se normalmente datados dos séculos XI-XII. As peças decoradas em corda seca total, como a bilha identificada como Semb.74.0007^(Fig.63) ou as taças/tijelas referenciadas como Semb.141.030^(Fig.31) e Semb.171.261^(Fig.32) encontram paralelos a nível decorativo em Lisboa no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Estas são peças decoradas na cor verde e castanha possuindo como base a cor branca. Se no caso da bilha aqui apresentada não foi possível identificar qualquer peça com a mesma decoração e forma, no que respeita às restantes (taças/tijelas) surgem paralelos idênticos como a peça BCP/LX 3449, possuidoras de bordos extrovertidos e lábios planos. Nestes casos as superfícies exteriores possuem uma cor castanha de aspecto melado, como a peça BCP/LX 196 e Semb.120.0183^(Fig.33). Na tonalidade da superfície exterior (branco sujo)

a peça Semb.171.261^(Fig.32) encontra paralelo em BCP/LX 3449. As duas peças do Núcleo da Rua dos Correeiros terão proveniência em Almeria, sendo bastante semelhantes a algumas que se encontram em Mértola datadas do século XII (Bugalhão; Gómez Martínez, 2005, p.251). Em Beja, já em 1981 terão sido identificadas peças deste tipo, decoradas em corda seca na superfície interior e revestidas na superfície exterior por um melado de cor verde clara (Nº31) (Correia, 1991, p.376).

Foi possível identificar cerâmicas decoradas a azul-cobalto sobre um fundo branco, tal como os fragmentos Semb.532.002^(Fig.59) e Semb.35.0343^(Fig.27), num conjunto cerâmico recolhido no Castelo de Silves, datados do século XII. Estas taças hemisféricas de Época Almóada, encontram-se esmaltadas a branco, possuindo pés anelares, os bordos verticais (por vezes, extrovertidos), lábios arredondados ou planos, tal como outra peça da Rua do Sembrano identificada como Semb.35.0331^(Fig.28). Apenas uma taça de Silves revela decoração a azul-cobalto, com motivos fitomórficos (Gomes, 1991, pp.391-392). Também no sítio da Arrochela, foram identificadas peças decoradas a azul-cobalto, Q4/E17/C5-1, uma taça de pasta clara, tal como as do conjunto de Beja (Gomes, 2011, pp.249-294).

No que respeita a peças com decoração pintada ou engobes nas cores branca, vermelha (de tons alaranjados ou não), castanha ou negra, é de referir o fragmento Semb.294.109^(Fig.49), o qual possui paralelos, por exemplo, em Silves, no que respeita à sua decoração. São peças que possuem fundos planos ou achatados e decoração em tons de laranja sobre o bordo. Em Silves foram ainda identificadas outras taças e tijelas bem como jarras, de pastas claras, com tonalidades bege, rosa, acinzentada e amarelada, bem depuradas, com grão que varia entre finíssimo e o fino. Estas encontram-se decoradas com linhas pintadas de cor castanha escura a negra, laranja a vermelha ou com engobes negros, tal com acontece no sítio da Arrochela. Aqui podemos encontrar paralelos para a peça Semb.84.376^(Fig.61), como Q1/E3/C1-71, uma jarra com pasta bastante compacta e homogénea, de cor branca, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo a fino, possuindo na superfície exterior decoração esgrafitada, tal como o fragmento de Beja, sendo que no caso da primeira a cor utilizada é a negra e na segunda a cor é vermelha-acastanhada. Também dois púcaros, Q1/E4/C2-15 e Q1/E4/C2-16 apresentam decoração semelhante. O fragmento Semb.309.014^(Fig.65) encontra neste sítio paralelo com a peça Q5/CO-13/C3-4 identificada como um jarro ou jarra. Ambas apresentam um bordo espessado com lábio

em bisel e uma pasta bastante compacta e homogénea, de cor branca, contendo grão finíssimo. No caso da peça da Arrochela é decorada de cor negra (Gomes, 2011, pp.92-143; pp.143-164; pp.42-54).

No que se refere aos contentores de fogo presentes no conjunto estudado, encontram paralelos um pouco por todo o vasto “Mundo” Islâmico. Rosa Varela Gomes (Gomes, 2011, p.391) apresenta uma breve explicação sobre a evolução tipológica das peças com esta funcionalidade. Começa por referir que os mais antigos possuiriam um bico muito curto e largo, sobretudo na zona onde uniria com o reservatório. Uma outra forma apresentaria um bico mais longo e menos largo, possuindo o reservatório menores dimensões. Terá sido no século X que as últimas transformações ocorreram, tornando-se o bico mais longo e afilado e o reservatório detendo maiores dimensões. Esta forma ter-se-á prolongado pelo século XI, tendo surgido no século XII a candeia. Devido às reduzidas dimensões de alguns fragmentos deste conjunto, não foi possível identificar a que fase evolutiva corresponde cada peça. Em Silves, na zona da Arrochela foram identificados candis datados das várias fazes evolutivas enunciadas. Três dessas peças (Q5/E15/C2-9, Q5/R3/C2-10, Q5/CO. 12/C13 – 3), possuem decoração semelhante a peças da Rua do Sembrano - pingos de vidro na cor verde (Gomes, 2011, pp.110-120). Ainda em Silves, num conjunto cerâmico recuperado em trabalhos arqueológicos no Castelo, se podem observar candis similares aos do conjunto de Beja (Gomes, 1991, p.29). Encontram-se aí candis dos vários Períodos de presença Islâmica no *Garb*, correspondendo algumas das formas à peça que se encontra exposta no Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, Semb.298.051^(Fig.67), datado do século X-XI, encontrando-se assim inserido na última fase evolutiva destas peças. No Cerro da Vila foi recuperado um outro conjunto onde estão presentes peças semelhantes às agora estudadas, sobretudo no que diz respeito à decoração que apresentam (Matos, 1983, p.450). No que se refere às formas, aquelas peças são similares mais uma vez às de Beja (Matos, 1983, p.450).

A lamparina que faz parte do espólio da Rua do Sembrano em Beja, referenciada como Semb.341.398^(Fig.68), pertence à última fase evolutiva dos utensílios de iluminação, datados já do século XII. Estas formas encontram-se em grande maioria nos contextos islâmicos daquele período. Em Silves, no Castelo, foram recolhidas peças daquele tipo, oferecendo vidro em tons castanhos de aspecto melado assemelhando-se mais à peça de Beja, outras revestidas a esmalte branco, mas todas possuindo uma base

circular, em bolacha, um pé alto e um depósito com um bico. Possuem ainda uma asa de perfil vertical ou oblíqua do lado oposto ao bico (Gomes, 1991, 392).

Do conjunto em estudo fazem parte 6 fragmentos de talhas estampilhadas¹⁴ datadas do século XII, os quais não foi possível registar através de desenho, mas que pensamos ser importante mencionar. Aqueles encontram paralelos um pouco por toda a Península Ibérica. Em todos os contextos que a seguir apresentamos a cronologia atribuída a estas peças é a mesma do conjunto em estudo. Em Mértola, Silves, Alcácer do Sal, Noudar, Saltes, Jerez de la Frontera a até Sevilha (provável centro produtor de grande parte destas peças) foram recolhidos ao longo de anos de trabalhos arqueológicos fragmentos de talhas com decoração estampilhada, incisa e por vezes possuindo um vidrado ou engobe de diferentes tonalidades. Em todos os casos, tal como em Beja, as suas pastas surgem pouco compactas e heterogéneas, de cor branca, acinzentada ou avermelhada, contendo elementos não plásticos de média e grande dimensão. A sua decoração pode ser vertical ou horizontal, normalmente nas zonas do colo e/ou na parte superior do bojo, como é o caso de três destas peças de Beja (Khawli, 1993, pp.63-69). Os motivos decorativos utilizados são normalmente arquitectónicos, geométricos, epigráficos ou pseudo-epigráficos, fitomórficos ou zoomórficos (Khawli, 1993, p.67). Nas talhas presentes em Beja, apenas não se encontra decoração arquitectónica e zoomórfica. Normalmente é feita a divisão em matizes que podem ser circulares, rectangulares ou quadradas *“expostas repetidamente na horizontal alternando verticalmente com outras idênticas ou de temas diferentes. Os registos decorativos são delimitados geralmente por frisos preenchidos com decoração rectilínea e curvilínea, incisa ou por sequências de losangos estampilhados através de utensílio rolante”*, (Khawli, 1998, p.67). Para além destes motivos considerados principais, podem surgir motivos menores de forma a preencher os espaços vazios. O facto de estas peças surgirem tão decoradas deverá ser um indicador de que estariam num local de destaque na casa (Khawli, 1994, pp.67-68).

Talhas decoradas com motivos geométricos, como sequências de losangos, formas circulares de seis ou oito pontas (três fragmentos do conjunto em estudo) são comuns em Mértola, Alcácer do Sal, Noudar e Silves. Também em Beja, em 1981 durante as obras na Rua D. Dinis foi recolhido um fragmento de talha com este tipo de decoração. No que respeita a motivos fitomórficos (palmetas, bolbos), como em duas

¹⁴ Ver Inventário, página 172 e 173

peças da Rua do Sembrano, estão presentes em todos os sítios acima mencionados. Relativamente a um fragmento que possui decoração fitomórfica (palmetas) e o que parece ser um motivo epigráfico, encontramos paralelos em Silves, Mértola ou Alcácer do Sal, sendo que em Beja também na Rua D. Dinis já havia surgido um fragmento de talha com a mesma decoração.

Em síntese, trata-se de peças que oferecem lata cronologia que abrange os séculos IX/X a XII e que parecem corresponder a espólio sem qualquer contexto arqueológico, avulso, ou em alguns casos, como os contextos de onde foi recuperado uma parte daquele, tenham sido utilizados para enchimento e preenchimento de espaços (muros medievais e modernos, ou seja, posteriores ao período em estudo).

CONCLUSÃO

Através da informação recolhida ao longo deste trabalho foi possível retirar algumas conclusões. No entanto é necessário ter em conta que são bastantes as questões que se mantêm em aberto. É estritamente necessário, considerar que as conjecturas aqui levantadas não são desde já verdades absolutas, são precisos mais estudos sobre o Período de Ocupação Islâmica em Beja, para compreendê-lo melhor, sobretudo no que diz respeito ao quotidiano daquela cidade e à sua forma de ocupação.

Como já foi referido Beja terá sido sujeita a uma ocupação intensa desde a Pré-História, sendo notório este facto nos revolvimentos de terras não apenas no sítio da Rua do Sembrano mas também em outros arqueossítios no interior da cidade. O sítio sobre o qual se debruçou esta análise encontra-se na Zona Histórica, local onde a presença humana terá sido ainda mais intensa.

Segundo as fontes escritas árabes e os autores que se dedicaram ao Período agora tratado, a grandiosidade da antiga *Pax Julia* ter-se-á mantido nos primeiros tempos de presença árabe na região, até meados do século X, quando se inicia o seu declínio. Naquela cidade ter-se-ão fixado famílias árabes, mas na grande maioria berberes, essencialmente nos séculos VIII e IX. Para além daquelas, existiam ainda na *Baja* Islâmica antigas famílias cristãs agora convertidas em absoluto ao Islamismo e famílias moçárabes, as quais pagavam tributos ao Governo Central de forma a manter os seus antigos poderes, ou pelo menos, parte deles. Todas estas famílias tiveram ao longo daquele período papéis relevantes no governo da *Kura* de Beja, pertencendo na sua grande maioria a clãs abastados. Sabe-se que a zona onde se insere o sítio em estudo corresponderia durante a ocupação Romana a uma área habitacional onde se encontrariam famílias de posses. Os próprios vestígios romanos da Rua do Sembrano comprovam esse facto, correspondendo os arcos de hipocausto a termas privadas, de uma *domus*. Pode colocar-se então a questão, será que nesse espaço permaneceram antigas famílias poderosas da região convertidas ao islamismo (*muladis*)? Terá sido realizada uma apropriação da zona por uma família árabe que aí se tenha fixado? Ter-se-á dado por esta altura a transformação deste área habitacional em pequenas olarias, que se sabe terem aí existido a partir da Reconquista? É possível tentar descortinar algumas destas questões no que se refere ao tipo de família que estaria instalado naquele espaço, através da análise do conjunto cerâmico estudado, efectuada no Capítulo 5.

Foi possível assim compreender a predominância das loiças de mesa, sobretudo das taças e/ou tijelas. Os contentores de fogo, principalmente os candis, são o segundo grupo mais representado seguido dos vasilhames de armazenamento e transporte, onde predominam os potes e das loiças de cozinha, sendo o conjunto menos representado o das peças de uso artesanal, apenas com uma trempe. Os fragmentos de bordos estudados, correspondem na sua grande maioria, quer se tratem de bordos verticais quer sejam bordos extrovertidos e independentemente do seu lábio, a loiças de mesa, com a excepção de um pote e de um cântaro (bordo extrovertido de lábio plano e bordo vertical de lábio afilado, respectivamente). Relativamente aos fundos a prevalência das loiças de mesa mantem-se quer se tratem de fundos planos, em pé anelar ou em ônfalo, apenas não se encontrando identificadas loiças de mesa com fundos convexos ou côncavos.

No que se refere às pastas é possível observar que as consideradas compactas e homogéneas predominam em 51% dos fragmentos, sendo as menos representadas as pastas semi-compactas e homogéneas (3%). Estas pastas encontram-se associadas sobretudo às loiças de mesa assim como as pastas bastante compactas e homogéneas, percebendo-se uma redução do seu número nas pastas mais heterogéneas e/ou semi-compactas. Nestas últimas são mais frequentes os contentores de fogo (candis) e os vasilhames de armazenamento e transporte. Em respeito às cores, é visível que a grande maioria destas peças apresentam pastas de cores claras, tanto no núcleo como nas suas superfícies. Este facto revela que a maior parte do conjunto terá sofrido uma cozedura oxidante. Quanto aos elementos não plásticos, é visível uma forte presença dos micáceos em todo o conjunto, mas sobretudo nas loiças de mesa (taças, tijelas, jarros, jarras, jarrinhas, garrafas e bilhas), principalmente se nos focarmos na sua utilização isolado ou em conjunto com outros enp's. Os contentores de fogo apresentam um maior número de quartzitos em relação às loiças de mesa. Se recuarmos um pouco ao Capítulo 2 deste trabalho onde é feita uma descrição do Concelho de Beja, mais concretamente ao ponto 2.2.2 referente à Geologia, podemos observar que os micáceos não são referidos como presentes na região. Tal facto pode indicar uma importação de grande parte destes materiais a partir de outros pontos do “mundo” islâmico.

Os tratamentos aplicados e as decorações de cada peça varia consoante a sua função. Assim, é possível observar que os vidrados foram aplicados essencialmente em loiças de mesa, principalmente em taças e/ou tijelas, seguidas em menor número pelos

jarros/as e bilhas. São também estas as peças que revelam maior cuidado na sua decoração utilizando técnicas como os melados com cores negras e castanhas, os verdes e negros, a corda seca total e parcial, revelando portanto uma maior preocupação em embelezar estas peças. Não são visíveis peças deste tipo sem decoração e sem tratamento, nesta situação encontram-se os contentores de lume, representados em maior número. O facto de as talhas apresentarem decoração estampilhada revela que estas se encontrariam em lugar de destaque na casa, muito provavelmente num pátio, com a principal função de manter fresca a água. As peças decoradas destas formas são normalmente consideradas peças de luxo, sobretudo a corda seca, adquiridas apenas por quem tinha algum poder económico. Crê-se que as talhas estampilhadas de Mértola, em tudo similares às que foram estudadas neste trabalho, tenham proveniência em Sevilha ou Málaga, centro produtores destes materiais. É provável que as agora estudadas possuam idêntica origem. Desta forma podemos supor que residiria ainda à Época naquele espaço uma família, com esse poder económico para adquirir peças exógenas, não se podendo afirmar se seria uma família árabe (talvez neste caso o conjunto cerâmico deste tipo de peças fosse mais significativo), *muladi* ou moçárabe.

Uma outra informação que nos chegou através das fontes escritas árabes, revela o abandono da cidade por parte de importantes famílias árabes aquando da aproximação das tropas Cristãs, durante o século XII. A cronologia do conjunto estudado situa-se entre os séculos IX/X e XII (há que considerar que nem todos os fragmentos foram datados devido à sua reduzida dimensão), correspondendo o seu período final ao último momento de ocupação por parte daquelas famílias, justificando assim a falta de continuidade de materiais islâmicos luxuosos para além daquele século. Um outro aspecto a ter em consideração é o abandono da cidade por parte de famílias de posses e não por parte dos trabalhadores, do povo que se manteve na região mesmo após a Reconquista Cristã. Todos estes factos poderão servir como confirmação para a questão relativa à presença de importantes e abastadas famílias na área da Rua do Sembrano.

Algumas peças, sobretudo as que apresentam um fabrico mais grosseiro poderão estar relacionadas com fabrico em olarias locais.

Relativamente à proveniência dos fragmentos no sítio da Rua do Sembrano¹⁵ há que referir que espólio islâmico se encontrava entre os materiais romanos, não existindo

¹⁵Para melhor compreensão deste ponto consultar Fig.15 – Planta do Sítio da Rua do Sembrano, divisão por quadrículas, área escavada de 1987 a 1993

uma sequência estratigráfica no sítio, que permitisse uma melhor percepção da ocupação daquele espaço, nem sendo possível definir os níveis de ocupação Islâmica. A dispersão do material pelo local pode observar-se pela análise do material, realizada no Capítulo 5. Aquele corresponderia a peças avulso recuperadas durante os trabalhos, as quais sofreram revolvimentos ao longo dos anos, como já referido. É possível que o material recuperado em contextos (estruturas) resultasse de lixeiras. Os fragmentos cerâmicos deste conjunto encontravam-se um pouco por grande parte das quadrículas, sobretudo na zona central daquele espaço. É possível ainda perceber que foram recuperados não só em trabalhos de superfície mas também em diferentes níveis escavados, bem como de contextos (estruturas romanas mas sobretudo medievais) de onde foi recolhido diverso material aquando do derrube de alguns daqueles. Quanto à relação proveniência/ função não é possível fazer corresponder tipologias específicas a determinadas quadrículas ou contextos, reforçando apenas mais uma vez, o quanto o espólio se encontrava disperso pelo sítio.

Este conjunto possui, como mencionado, paralelos um pouco por todo o *Mundo Islâmico*, principalmente no que respeita ao *Garb al-Andalus*, no que se refere às suas tipologias e decorações, essencialmente (Silves, Mértola, Castro da Cola, Cerro da Vila, Niebla, Sevilha, Lisboa, Palmela, Montinho das Laranjeiras). O comércio no antigo espaço Islâmico era intenso e por mar, chegavam ao actual Sul de Portugal, as mais variadas mercadorias. Seria a partir do porto de Silves e através do Guadiana que chegariam a Mértola e depois a Beja estes produtos. Não esquecer que a primeira serviu ao longo de muitos anos de Porto da segunda. Para além desta possível via dos produtos cerâmicos estudados e que cremos importados, existiam as vias terrestres que ligavam Beja ao interior do *Garb al-Andalus*, a Sevilha, a Niebla, a Mérida, de onde terão chegado, não apenas vastas mercadorias, mas também pessoas e ideias.

O conjunto objecto deste estudo permite em parte confirmar a importância que Beja possuiu principalmente nos primeiros momentos de Presença Islâmica, chegando a ela produtos luxuosos que serviriam para satisfazer as muitas famílias de “classe” elevadas fixadas naquela cidade.

Bibliografia

AL-IDRISI (1901), “Descripción de España”, Delgado Aguilera, Madrid: imp. Y Lit. Del Depósito de la Guerra;

AL-KARDABUS (1993), “Historia de al-Andalus: Kitab al-Lktifã”, 2ª edição de Felipe Salgado, Akal Ediciones, Madrid;

ABRAÇOS, Hélder; DIOGO, João Manuel (1997), “*Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados Para o Seu Estudo*”, Jornadas sobre Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, 3, Tondela, Câmara Municipal de Tondela;

ANTUNES, Miguel Telles (1996), “*Alimentação de Origem Animal em Regime Islâmico – Alcaria Longa e Casa II da Alcáçova de Mértola*” in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola*, nº4, pp.267-276;

BOISSELLIER, Stéphane (1999), “*Naissance d’une Identité Portugaise, La Vie Rural Entre Tage et Guadiana de l’Islam à la Reconquête (X-XIV siècles)*”, Estudos Gerais, Serie Universitária, Imprensa Nacional, Casa da Moeda;

BUGALHÃO, Jacinta; GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana (2005), “*Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo Islâmico*”, in *Muçulmanos e Cristão entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, coordenação: BARROCA, Mário Jorge e FERNANDES, Isabel Cristina F., Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Palmela; CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA (1987), “*Caracterização do Concelho de Beja*”, Beja;

CÂMARA Municipal de Beja; SANTOS, Francisco da Cruz (1944-1975), “*Arquivo de Beja*”, Série 1, vol.1 – 32, Beja; (1982-1995), Série 2, vol.1 – 5, Beja; (1996-2005), Série 3, vol.1 – 16, Beja; (2007), Série 4, nº1, Beja;

CAMPOS, Correia de (1970), “*Monumentos da Antiguidade Árabe em Portugal*”, Lisboa;

CANDÓN, Alicia; GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana; MACIAS, Santiago; RAFAEL, Lúgia (1999), “*Mértola en torno al año mil*”, in *Actas del Vº Congreso de Arqueologia Medieval Española*, Valladolid, págs.558 – 568, Asociacion Española de Arqueologia Medieval, Junta de Castillo y Leon;

CANELAS, Carlos (1967), “*Beja e as suas Fortificações*”, Beja: Minerva Comercial, Beja;

CARDOSO, João Luís (1993), “*A Fauna de Mamíferos da Época Muçulmana das Mesas do Castelinho (Almodôvar), Materiais das Campanhas de 1989 – 1992*” in *Arqueologia Medieval*, Campo Arqueológico de Mértola, nº3, pp.201-220;

CARDOSO, João Luís (1993), “*Contribuição Para o Conhecimento da Alimentação em Contexto Islâmico: Estudos de Restos Mamalógicos e Malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar)*” in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola*, nº2, pp-103-108;

HERNÁNDEZ CARRASQUILLA, F., (1992), “*Los Restos de Aves del Yacimiento Medieval de Mértola*” in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola*, nº2, pp.273-276;

CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos (1993), “*Cerâmicas muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal*”, in *Arqueologia Medieval*, nº3, págs.101 – 111, Porto;

CARVALHO, Luís Manuel Mendonça de (2006), “*Estudos de Etnobotânica e Botânica Económica no Alentejo*”, Dissertação de Doutoramento em Biologia - Sistemática e Morfologia, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Fernandes de Almeida;

CHAVES, Maria José Maciel, concepção e coordenação; BIGOTTE, Maria José, introdução, estudo, transcrição, glossário (2003), “*Foral Manuelino de Beja*”, Porto: Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo, Campo das Letras;

CHEJNE, Anwar (1987), “*História de Espanha Muçulmana*”, Madrid, Cátedra;

CINTRA, Luís Filipe Lindley (1954), “*Crónica Geral de Espanha de 1344*”, edição crítica, Lisboa, Academia Portuguesa de História;

COELHO, António Borges (2008), “*Portugal na Espanha Árabe*”, 3ª edição revista, Editorial Caminho, Lisboa;

CORREIA, Fernando M. R. B. (1991), “*Um Conjunto Cerâmico-Medieval de Beja*”, in *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, págs.374 – 385, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola;

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos, “*Rua do Sembrano, 1987, Relatório*”, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Português do Património Cultural, Serviço Regional de Arqueologia do Sul;

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos, “*Rua do Sembrano, Beja, 1988*”;

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1988), *“Escavação da Rua do Sembrano: Uma Intervenção Arqueológica na Área do Centro Histórico de Beja”*, 1º Encontro Internacional de Municípios com Centro Histórico de Beja;

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1993), *“Rua do Sembrano – Beja, 1989, 1990, 1991”*, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Direcção Regional de Beja;

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1994), *“Intervenção Arqueológica na Rua do Sembrano- área urbana de Beja: Campanhas de 1988 a 1990”* in *V Jornadas Arqueológicas*, vol.1 – Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses;

CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1995), *“Rua do Sembrano – Beja, 1992, 1993”*;

COSTA, António Carvalho (1708), *“Corographia Portugueza e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal”*, Tomo Segundo, Livro Segundo, Lisboa;

COUTINHO, Hélder M. R. (1993), *“Cerâmica Muçulmana do Montinho das Laranjeiras”*, in *Arqueologia Medieval*, nº2, págs.39 – 53, Porto;

CRUZ, Maria das Dores; CORREIA, Virgílio Hipólito (2007), *“Cerâmica Utilitária, Normas de Inventário – Arqueologia”*, Instituto de Museus e Conservação, Lisboa;

DIAS, Gonçalo Afonso; ANTUNES, Daniela Marta; BARATA, Maria Filomena (1992), *“Museu do Sítio Rua do Sembrano, Beja”* in *Boletim Cultural e Informativo*, Tomar, Câmara Municipal de Tomar, nº17, Outubro, Tomar;

DOMINGUES, D. Garcia (1971), *“Aspectos da Cultura Luso-árabe”*, IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos, Coimbra-Lisboa, 1 a 8 de Setembro de 1968, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa;

DOMINGUES, D. Garcia (1961), *“O Garb Extremo do Andaluz e “Bortugal” nos Historiadores e Geógrafos Árabes”*, in *Sep. Bol. Da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 79, pp.327-362, Lisboa;

FEIO, Mariano (1952), *“A Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve: Estudo de Geomorfologia”*, Lisboa;

FERNANDES, Hermenegildo (1991), *“Organização do Espaço e Sistema Social no Alentejo Medieval: o Caso de Beja”*, Tese de Mestrado em História Medieval, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa;

FERNANDES, Isabel Cristina F.; CARVALHO, A. Rafael (1997), “*Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Palmela*”, in *La Céramique Médiévale en Méditerranée. Actes du 6º Congrès, Aix-en-Provence*, págs.327 – 335;

FERREIRA, Nathalie Antunes; RODRIGUES, Ana Filipa de (2003), “*Intervenção Arqueológica no Largo da Ermida de Sto. André (Beja)* ” in *Al-madan*, nº13 – Almada, Centro de Arqueologia de Almada;

GASPAR, Alexandra de Medeiros Lino, co-autor; LACERDA, Manuel Augusto, ed. Lit.; LOPEZ, Ceferino, fotografia; PERDIGÃO, Lurdes, tradução; SERPA, Catarina, tradução (2001), “*Garb: Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Sítios Islâmicos del Sur Peninsular*”, Lisboa, Mistério da Cultura: IPPAR, Mérida: Junta de Extremadura;

GOES, Manuel Lourenço Casteleiro de (1998), “*Beja- XX Seculos de História de uma Cidade*”, Tomo I, Câmara Municipal de Beja;

GONÇALVES, Maria José; PIRES, Alexandra; MENDONÇA, Carolina (2007), “*Evolução Tipológica de um Conjunto de Utensílios de Iluminação de um Antigo Arrabalde Islâmico de Silves*”, in *Vipasca Arqueologia e História*, nº2, 2ªsérie, págs.643 – 653;

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1986), “*Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudéjares do Poço-Cisterna de Silves*”, in *Trabalhos de Arqueologia 03*, págs.126 – 141, I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985), Departamento de Arqueologia, Serviços Regionais de Arqueologia, Lisboa;

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1992), “*Cerâmicas Muçulmanas: quais as metodologias arqueológicas?*”, in *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, págs.41-50, Tondela: Câmara Municipal de Tondela;

GOMES, Rosa Varela (1991), “*Cerâmicas Almoadas do Castelo de Silves*” in *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, págs.387 – 403, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola;

GOMES, Rosa Varela (1992), “*Cerâmicas Muçulmanas, de Silves, dos séculos VIII e IX*”, in *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, págs.19 – 32, Tondela: Câmara Municipal de Tondela;

GOMES, Rosa Varela (2002), “*Silves (Xelb), uma cidade do Gharb-Al-Andalus: Território e Cultura*”, *Trabalhos de Arqueologia 23*, Instituto Português de Arqueologia;

GOMES, Rosa Varela (2003), “*Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova*”, *Trabalhos de Arqueologia 35*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa;

- GOMES, Rosa Varela (2006), “*Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: o núcleo urbano*”, *Trabalhos de Arqueologia*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa;
- GOMES, Rosa Varela (2011), “*Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a zona da Arrochela, espaços e quotidianos*”, *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa: Instituto de Gestão e Património;
- KHAWLI, Abdallah (1993), “*Introdução ao Estudo das Vasilhas de Armazenamento de Mértola Islâmica*”, in *Arqueologia Medieval*, nº2, págs.63-78, Porto: Edições Afrontamento;
- LEÃO, Duarte Nunes de (1610), “*Descrição do Reino de Portugal*”;
- LEVI-PROVENÇAL, E. (1961), “*La Civilisation Arabe en Espagne*”, 3ème éd., E.P. Maisonneuve et Larose, Paris;
- ARANDA LINARES, Carmen (1984), “*Estudio tipológico de los candiles musulmanes de barro del Museo de Cádiz*”, in *Estudios de Historia y de Arqueología Medievales*, volume3/4, págs.153 – 192,
- LOPES, Maria da Conceição (2000), “*A Cidade Romana de Beja*”, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra;
- MACIAS, Juan Aurelio Pérez; BEDIA, Juana (1993), “*Un Lote de Cerámica Islámica de Niebla*”, in *Arqueologia Medieval*, nº2, págs.55 – 62;
- MACIAS, Santiago (1991), “*Um conjunto cerâmico de Mértola – silos 4 e 5*”, in *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, págs.404 – 427, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola;
- MACIAS, Santiago (2005), “*Islamização no Território de Beja – Reflexões para um Debate*” in *Análise Social*, nº173, págs.807 – 826, Lisboa;
- MACIAS, Santiago (2006), “*Mértola, Le Dernier Port de la Méditerranée, Tome I, II, III*”, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola;
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1993), “*Nova História de Portugal – Portugal das Invasões Germânicas à “Reconquista”*”, volume II por Jean-Pierre Leguay, A. H. de Oliveira Marques, Maria Ângela Beirante, Editorial Presença, 1ªed., Lisboa;
- GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana, “*Cerâmica Islâmica de Mértola – época Omíada, Séc. IX-XI*”, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola;
- GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana (1998), “*A cerâmica verde e manganês do Castro da Cola (Ourique)*, in *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, págs.57 – 65, Tondela: Câmara Municipal de Tondela;

- GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana (2002), “*Cerâmica em Corda Seca*”, Museu de Mértola, Ed. Campo Arqueológico de Mértola (Instituto de Arqueologia);
- GOMÉZ MARTÍNEZ, Susana (2007), “*A cerâmica islâmica do Gharb al-Ándalus*”, Seminário “*A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro*”, págs.94 – 116;
- MARTINS, Andreia; NEVES, César; ALDEIAS, Vera (2008), “*Beja Medieval: os Silos da Avenida Miguel Fernandes*” in *Vipasca*, Câmara Municipal de Aljustrel, Unidade de Arqueologia, 2ªSérie, nº2;
- MATOS, José Luís (1991), “*Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila*”, in *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, págs.428 – 456, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola;
- MATOS, José Luís (1983), “*Malgas árabes do Cerro da Vila*”, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1, págs.375 – 390;
- MENDES, José Casimiro (1991) “*Descrição abreviada do clima na região de Beja: Bacia do Rio Cobres*”, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, Lisboa;
- MORALES MOÑIZ, Arturo (1993), “*Estudo Faunístico del Yacimiento Medieval de Mértola: Los Mamíferos*” in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola*, nº2, pp.263-272;
- MONIZ, Carvalho, “*O Foral Afonsino de Beja: 1254*”, Beja, Minerva Comercial, Beja;
- MOLINA, Luís (1983), “*Descripcion (una) Anónima de al-Andalus*”, vol. I e II, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Miguel Asín;
- NOBRE, Álvaro; CORREIA, Susana; SILVA, Victor (2005), “*Beja. Caminhos do Futuro*”, Beja-PÓLIS, Beja;
- PAIS, João (1993), “*Sementes de um Silo Omíada (u.e67) de Mesas do Castelinho (Almodôvar)*” in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola*, nº2, pp.109-110;
- PAIS, João (1996), “*Paleoetnobotânica (finais séc. XI e séc. XIII/XIV) do Sul de Portugal – Setúbal, Mértola e Silves*” in *Arqueologia Medieval: Campo Arqueológico de Mértola*, nº4, pp.277-280;
- PICARD, Christophe (2000), “*Le Portugal Musulman (VIII-XIII siècle), L’Occident d’al-Andalus sous Domination Islamique*”, Maisonneuve et Larose, Paris;
- PINTO, Maria Adelaide (2008), “*Praça da Republica de Beja*”, in *Vipasca – Aljustrel*, Câmara Municipal de Aljustrel, Unidade de Arqueologia, 2ªSérie, nº2, pp.519-530;

RIBEIRO, Orlando (1977) “*Introduções Geográficas à História de Portugal – Estudo Crítico*”, 1ª edição, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa;

RIBEIRO, Orlando; prefácio GOUROU, Pierre (1989), “*Opúsculos Geográficos, Pensamento Geográfico*”, volume II, págs.277-292, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;

RIBEIRO, Orlando; prefácio GOUROU, Pierre (1990) “*Opúsculos Geográficos, Aspectos da Natureza*”, volume III, págs.69-80, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;

RIBEIRO, Orlando; prefácio GOUROU, Pierre (1991) “*Opúsculos Geográficos, O Mundo Rural*”, volume IV, págs.71-79, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;

RIBEIRO, Orlando; HERMANN Lautensach; comentários e actualização DAVEAU, Suzanne (1999) “*Geografia de Portugal, O Ritmo Climático e a Paisagem*”, volume II, 4ª ed., Edições João Sá da Costa, LDA., Lisboa;

TORRES, Cláudio; GOMÉZ MARTINEZ, Susana; FERREIRA, Manuela Barros (2003), “*Os nomes da Cerâmica Medieval: Inventário de Termos*”, in *Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, págs.125 – 134, Tondela: Câmara Municipal de Tondela;

TORRES, Cláudio; CUNHA, António; MINA, Ana; MENESES, Celeste; MADEIRA, Carlos; MARAL, João (1987), “*Catálogo de Cerâmica Islâmica Portuguesa*”, ed. do Campo Arqueológico de Mértola, apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Mértola;

TORRES, Cláudio; PALMA, Manuel Passinhas; REGO, Miguel; MACIAS, Santiago (1991), “*Cerâmica islâmica de Mértola – propostas de cronologia e funcionalidade*”, in *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, págs.497-535, Campo Arqueológico de Mértola;

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1998), “*O legado islâmico em Portugal*”, Fundação Círculo de Leitores;

VIANA, Abel (1944), “*Origem e Evolução Histórica de Beja*”, Beja: Câmara Municipal de Beja;

Foi também efectuada para a realização deste trabalho, alguma pesquisa na Internet, nos seguintes *sites*:

<http://williamcacos.blogspot.com/2008/10/cartas-militares-de-portugal.html>, no dia 10/01/2011;

http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Beja, no dia 14/01/2011;

<http://www.aeportugal.pt/Inicio.asp?Pagina=/Aplicacoes/MOPEEstudos/Beja&Menu=MenuInfoEconomica&Concelho=beja>, no dia 14/01/2011;

<http://www.bejadigital.biz/pt/conteudos/territorial/caracterizacao+do+distrito/Concelho+de+Beja/>, dia 14/01/2011;

<http://www.gov-civil-beja.pt/concelhos.php>, dia 14/01/2011;

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Beja#Clima>, no dia 20/01/2011;

http://www.iambiente.pt/atlas/est/index.jsp?zona=continente&grupo=&tema=c_cuso, no dia 14/01/2011;

http://igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/sitios/?sid_formulario=SITIOS&sid=sitios.resultados&designacao=&cns=&meio=&periodohistorico=&tiposito=&concelho=2162&espolio=, no dia 22/11/2010;

ANEXOS

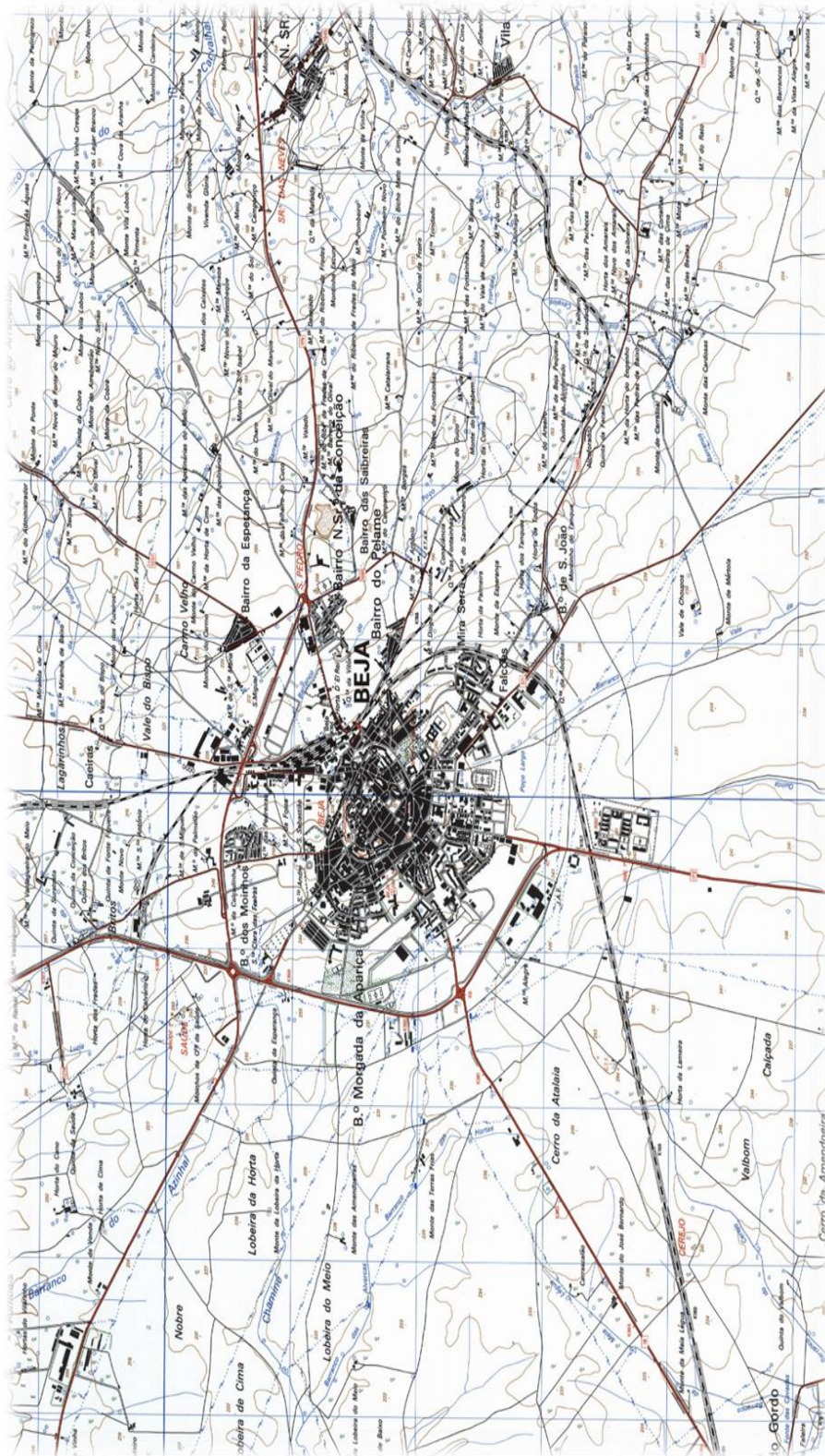


Fig.1 - Excerto da Carta Militar da cidade de Beja, escala 1/25000¹⁶

¹⁶ Fonte <http://williamcos.blogspot.com/2008/10/cartas-militares-de-portugal.html>, a 10/01/2011

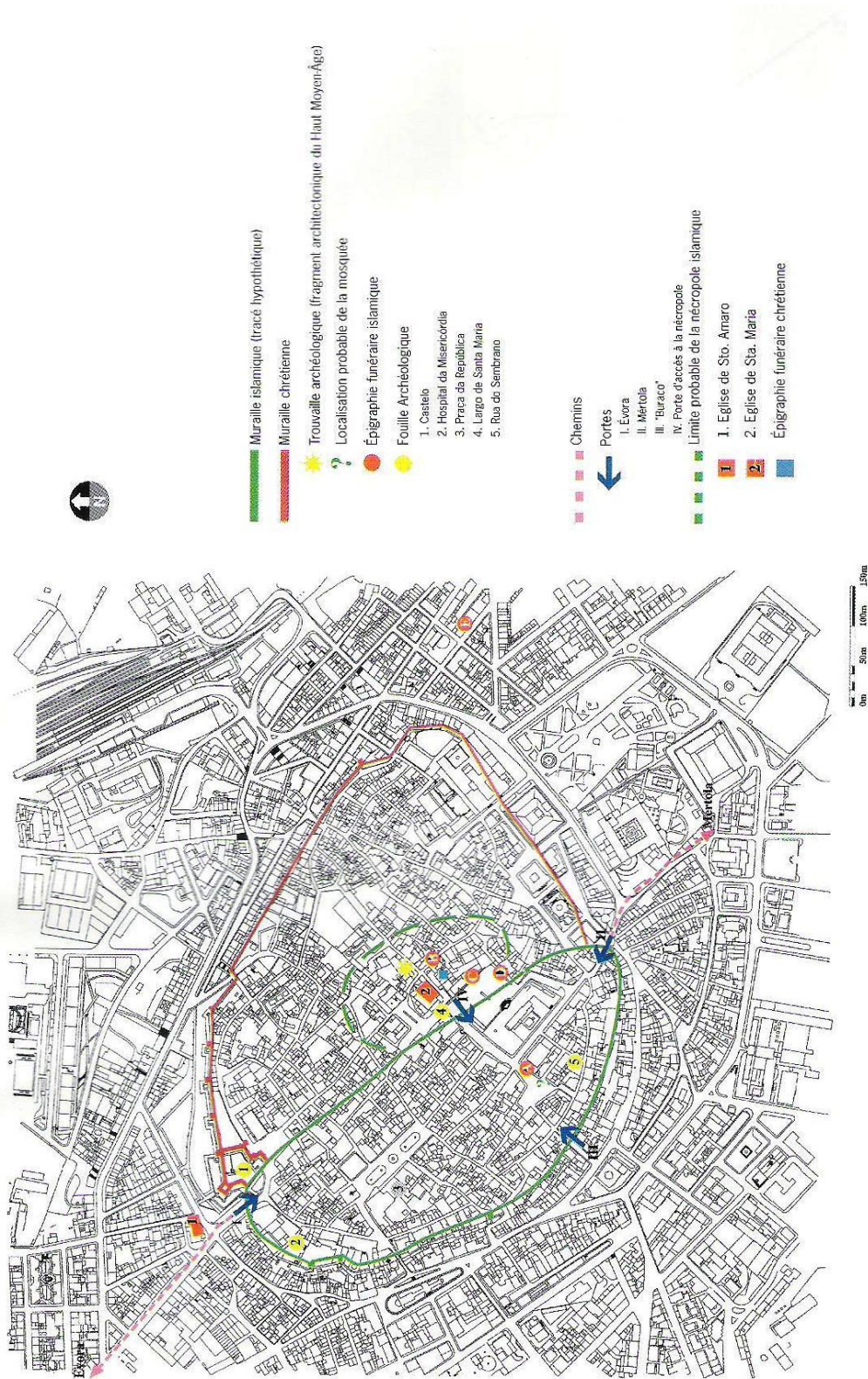


Fig.2 – Topografia do Núcleo Urbano Islâmico de Beja¹⁷

¹⁷ Fonte: MACIAS, Santiago (2006), "Mértola, Le Dernier Port de la Méditerranée", Tome II, p.21, I.6

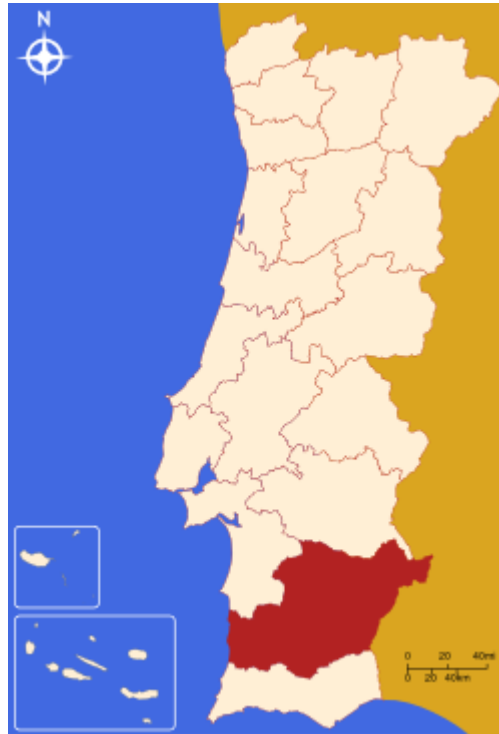


Fig.3 - Mapa de Localização do Distrito de Beja¹⁸

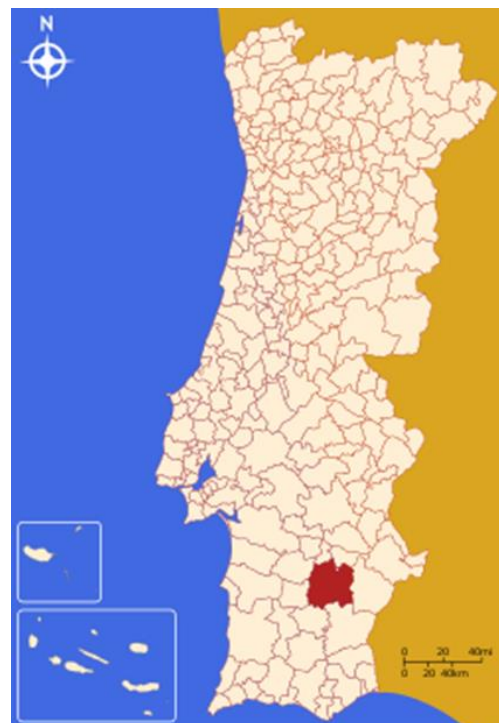


Fig.4 - Localização do Concelho de Beja²²

¹⁸ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Beja a 14/01/2011

²² Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Beja a 14/01/2011



Fig.7 – Carta Geológica de Portugal à escala de 1.1 000 000²¹

CAPACIDADE DE USO DO SOLO

- Classe A - Sem limitações
- Classe B - Limitações moderadas
- Classe C - Condicionada
- Classe D - Limitações moderadas
- Classe E - Limitações severas
- Classes A ou B+C
- Classes A ou B+D ou E
- Classes C+D ou E
- Classe A
- Classe C
- Classe F
- Classes A+C
- Classes A+F
- Classes C+F
- Salinas e Sapais
- Áreas Sociais
- Rios, Lagoas e Albufeiras

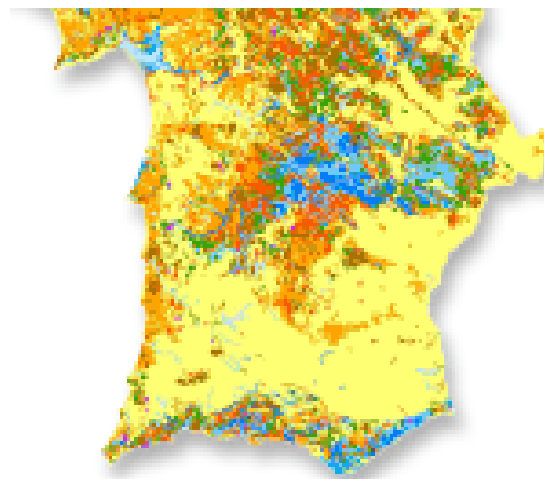


Fig.8 - Excerto da Carta de Capacidade do Uso dos Solos, correspondente ao Sul de Portugal²²

²¹ Fonte: <http://engeoweb.blogspot.pt/search/label/Cartografia> a 5/12/2012

²² Fonte: http://www.iambiente.pt/atlas/est/index.jsp?zona=continente&grupo=&tema=c_cuso, a 14/01/2011

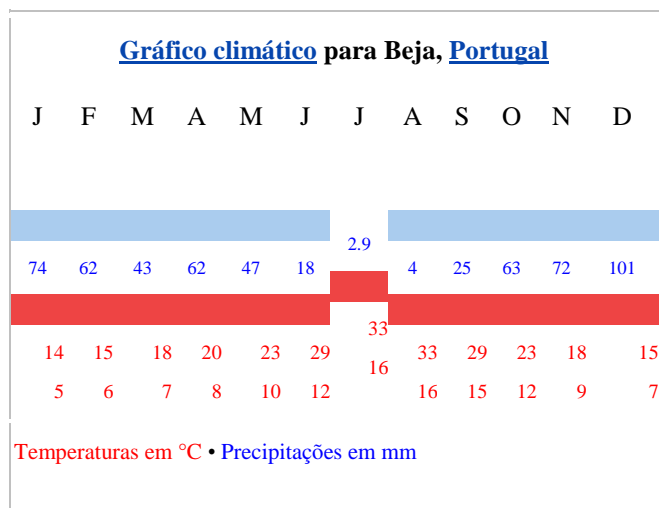


Fig.9 - Gráfico climatérico de Beja: Temperaturas em °C.; Precipitação em mm²³



Fig.10 - Mapa da Península Ibérica, segundo al-Idrisi com transliteração latina dos nomes árabes²⁴

²³ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Beja#Clima>, a 20/01/2011

²⁴ Fonte: <http://www.arauco.org/SAPEREAUDE/cartografia/mapasac/tabularogeriana.html> a 5/12/2012

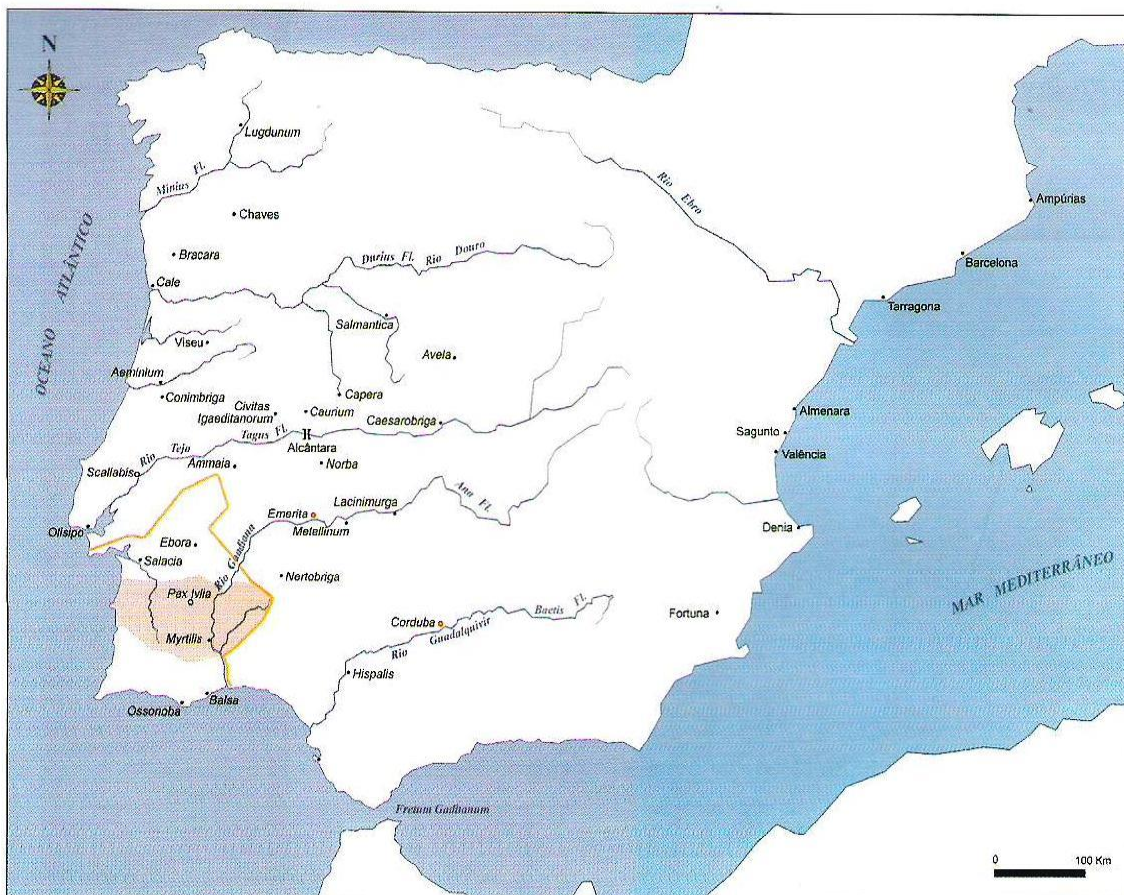


Fig.11 - Limites do antigo *Conventus Pacensis* e da *Kura de Beja* – para termos comparativos apenas, há que ter em atenção o espaço temporal que separa a presença romana na área em estudo da presença islâmica²⁵

²⁵ Fonte: MACIAS, Santiago (2006), “Mértola, Le Dernier Port de la Méditerranée”, Tome II, p.18, I.1

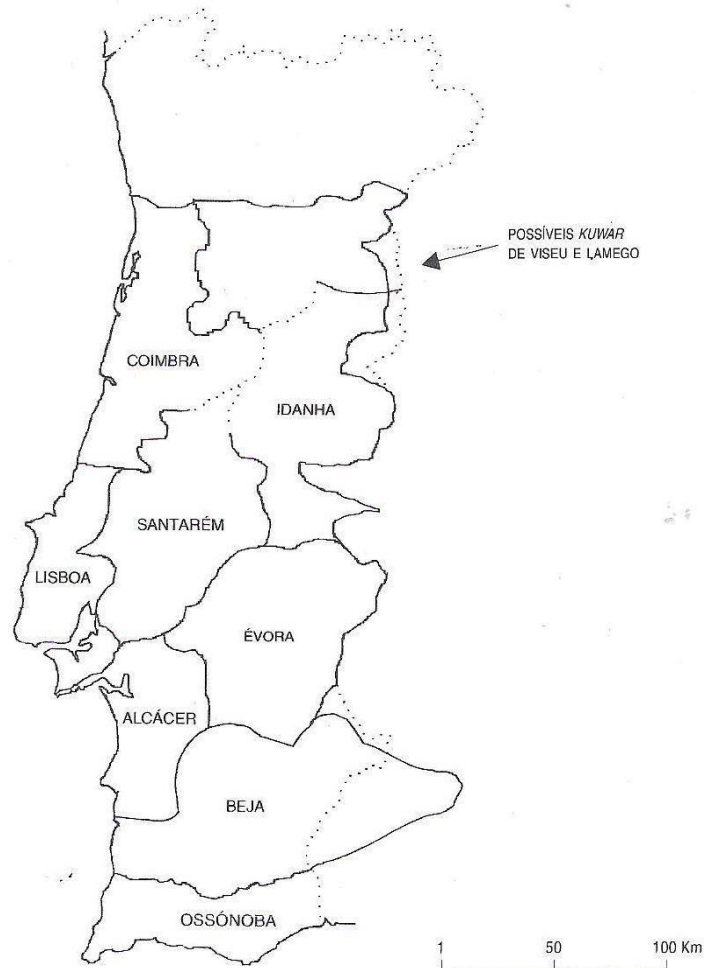


Fig.12 - Divisão administrativa: delimitação conjectural de acordo com a divisão romana²⁶

²⁶ Fonte: MARQUES, A. H. de Oliveira (1993), "Nova História de Portugal-das Invasões Germânicas à "Reconquista"", p.187

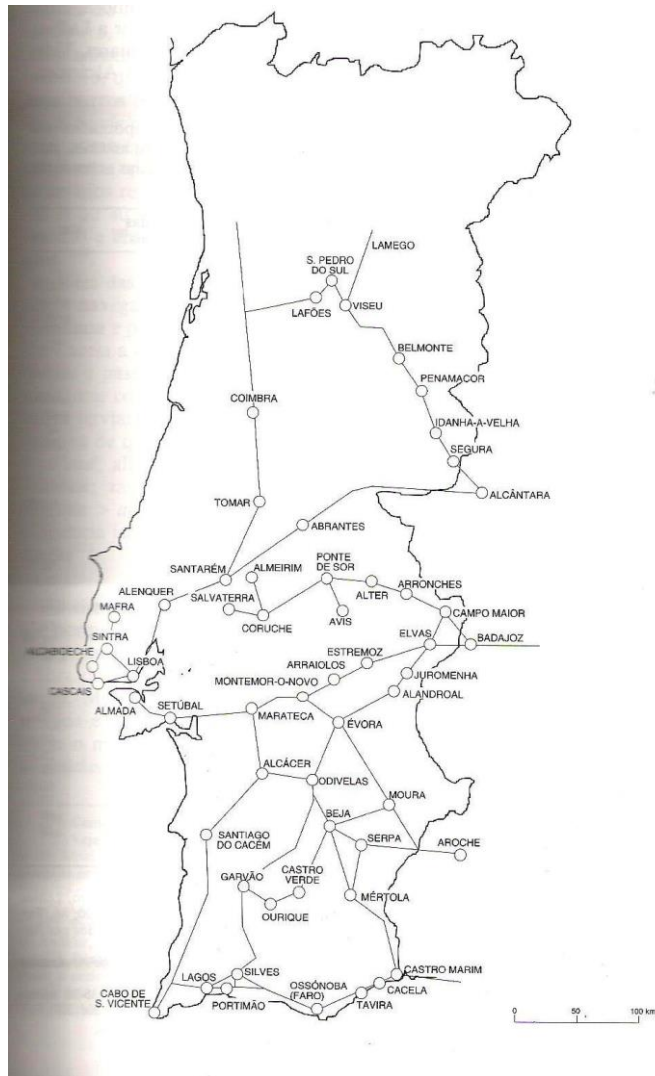


Fig.13 - Rede Viária - Principais Vias a Sul do Douro²⁷

²⁷ Fonte: MARQUES, A. H. de Oliveira (1993), "Nova História de Portugal-das Invasões Germânicas à "Reconquista"", p.169

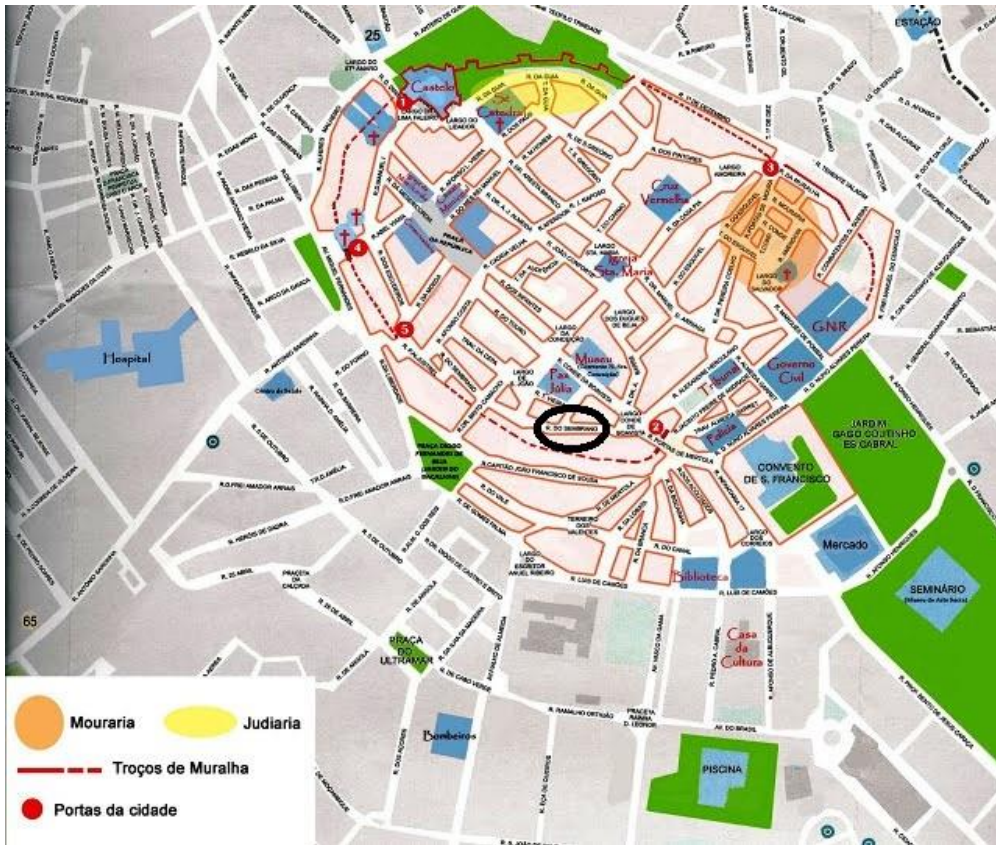


Fig.14 – Centro Histórico do Beja: Localização da Rua do Sembrano²⁸

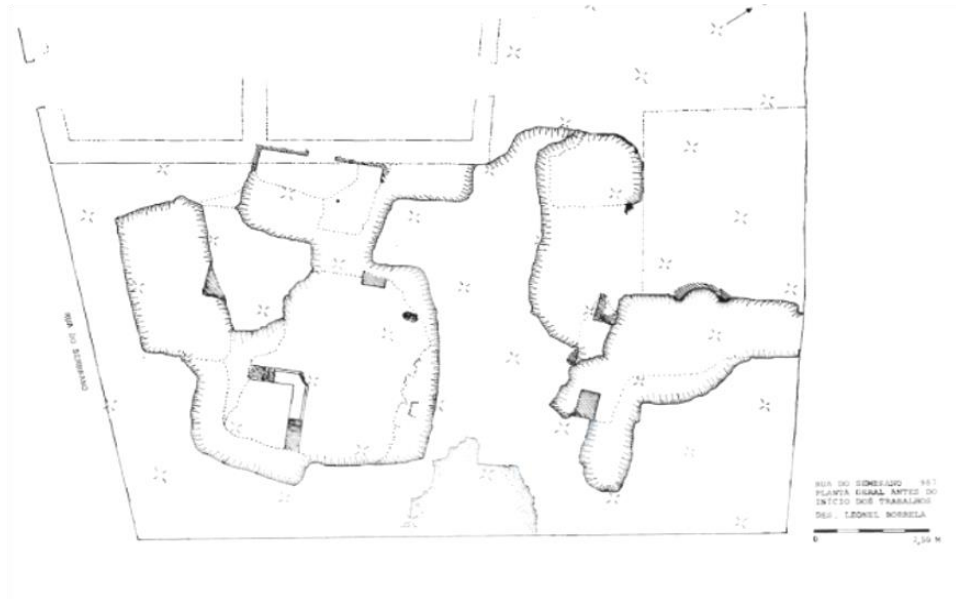
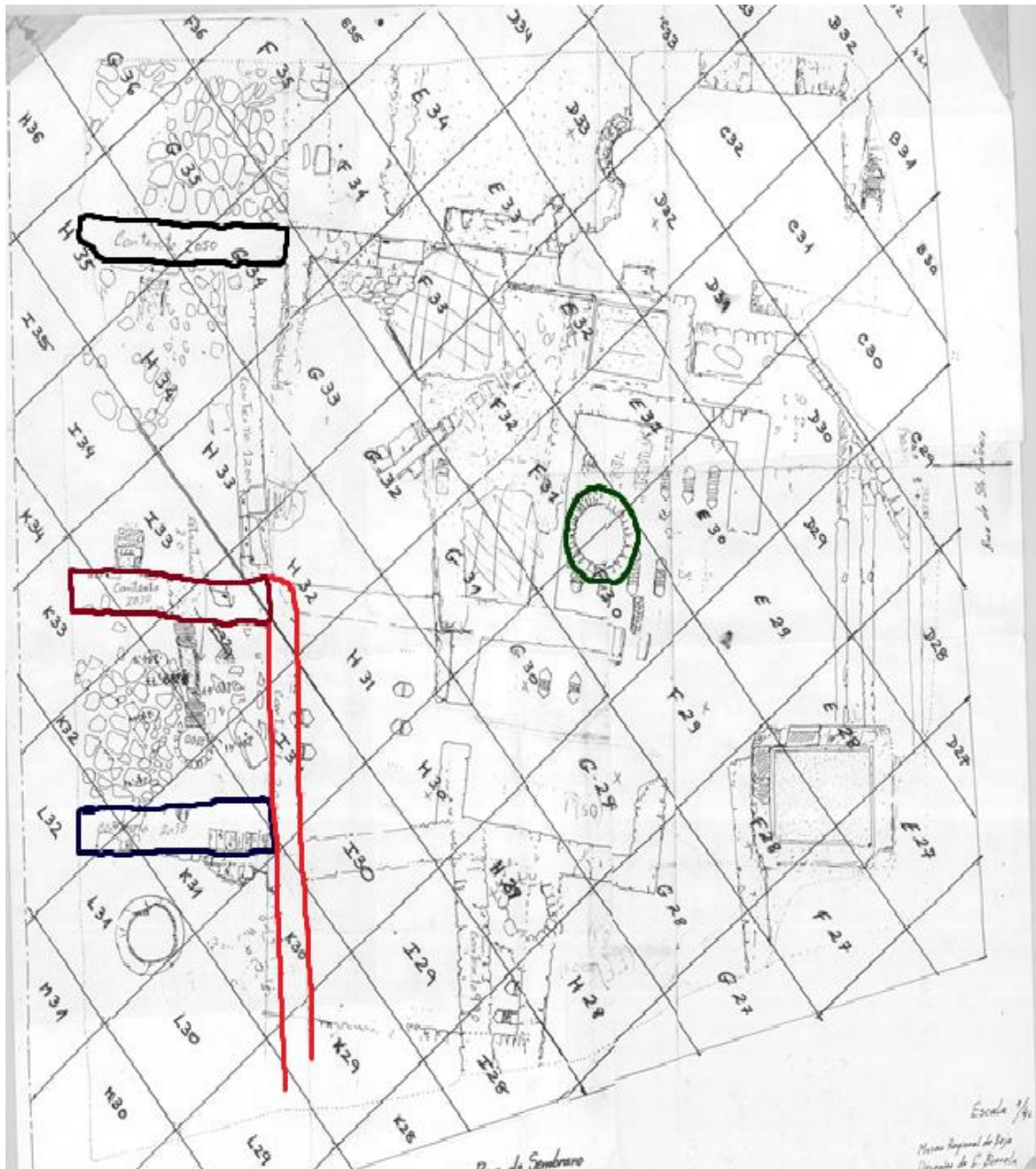


Fig.15 – Planta geral do Sítio anterior ao início dos trabalhos de 1987³²

²⁸ Fonte: <http://bejayrabbaldes.blogspot.pt/p/mapas-de-beja-e-arredores.html> a 05/12/2012

³² Fonte: Correia, Oliveira, 1987



Norte K

- Contexto 400 (poço) -
- Contexto 2001 (muro) -
- Contexto 2010 (muro) -
- Contexto 2030 (muro) -
- Contexto 2050 (muro) -

Fig.16 – Planta do Sítio da Rua do Sembrano, divisão por quadrículas, área escavada de 1987 a 1993 – Contextos de onde foi recuperada maior quantidade de fragmentos (não foi possível assinalar os contextos 3110, 3130 e 3160)²⁹

²⁹ Fonte: Correia, Oliveira, 1987

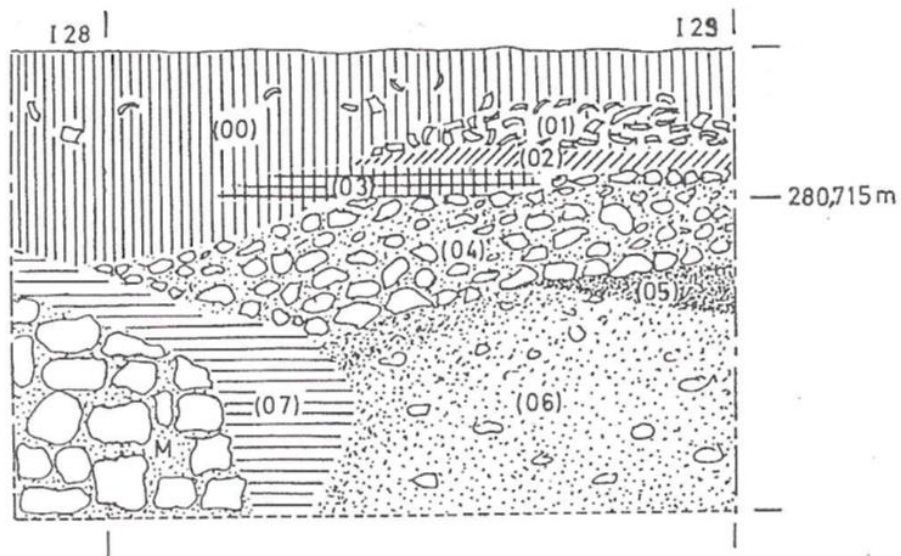


Fig.17 – Perfil Oeste de 128/129 (1989) – espólio islâmico nos níveis superficiais de 128³⁰

³⁰ Fonte: Correia, Oliveira, 1994

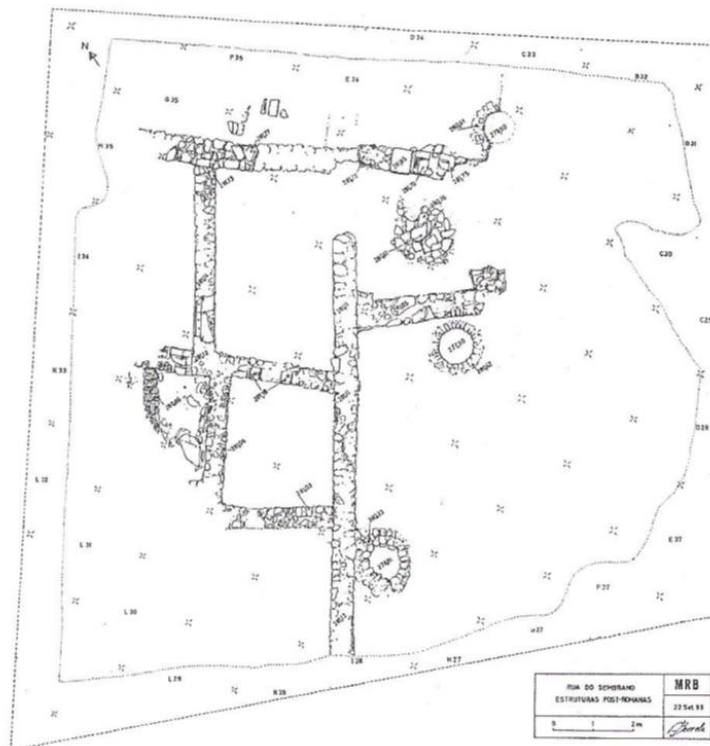
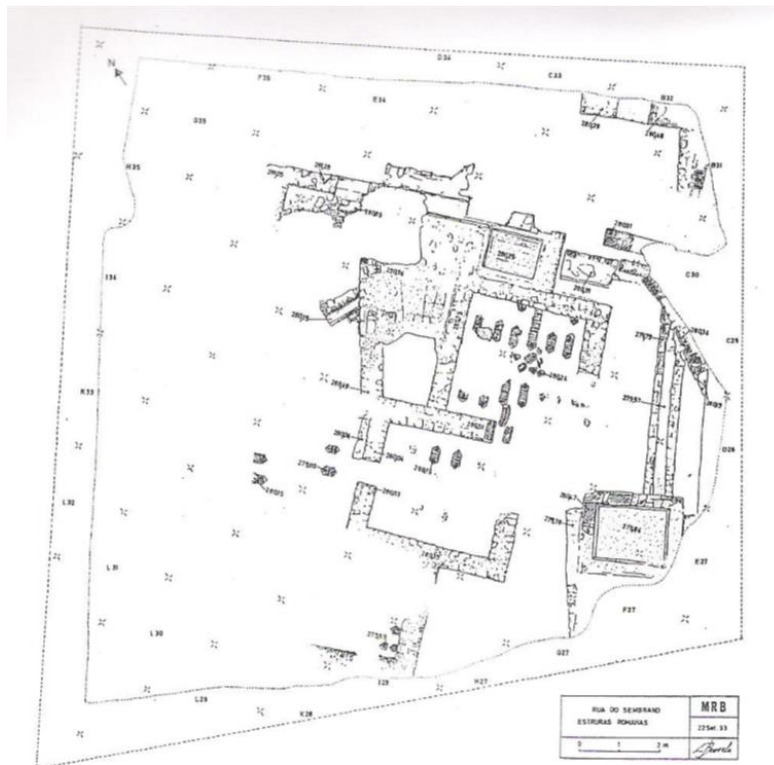


Fig.18 – Estruturas post-romanas e estruturas romanas detectadas entre 1988 e 1990³¹

³¹ Fonte: Correia, Oliveira, 1994

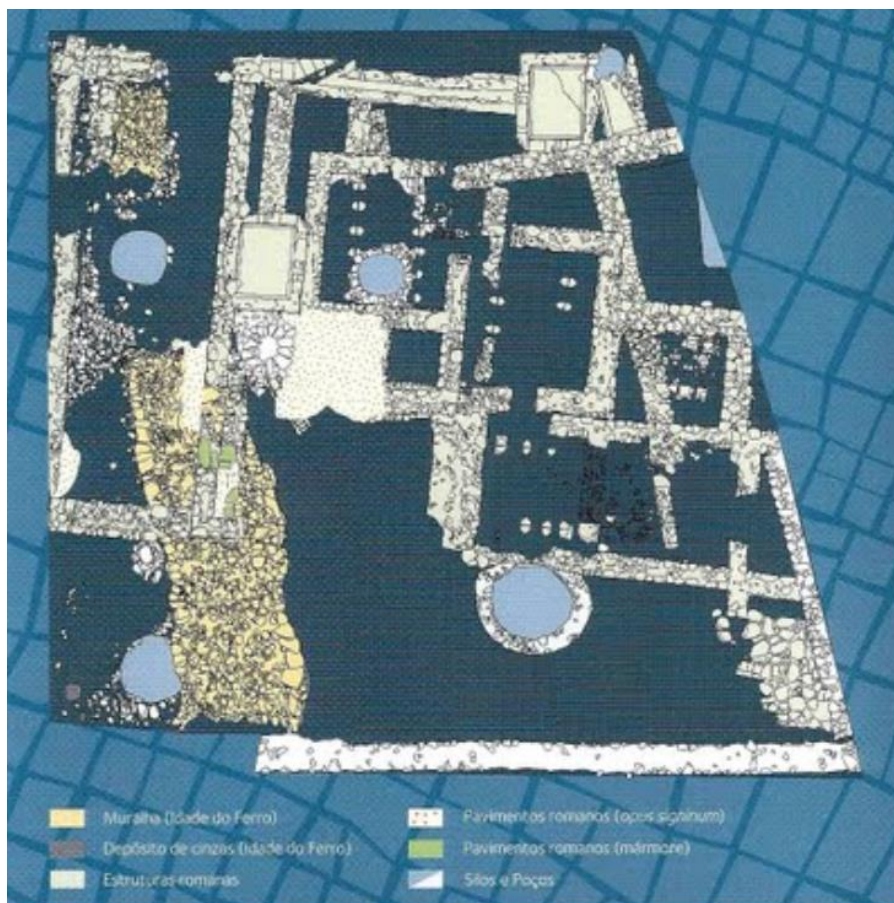


Fig.19 - Planta do actual Núcleo Museológico do Sítio da Rua do Sembrano³²

³² Fonte: "Núcleo Museológico da Rua do Sembrano", desdobrável da Exposição Permanente

Catálogo

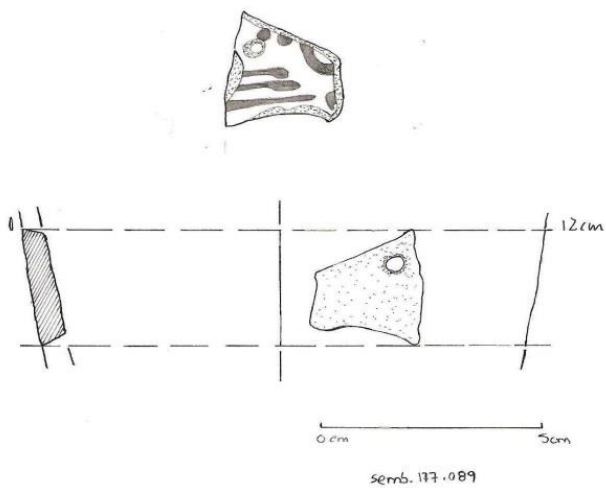


Fig.20 - Semb.177.069

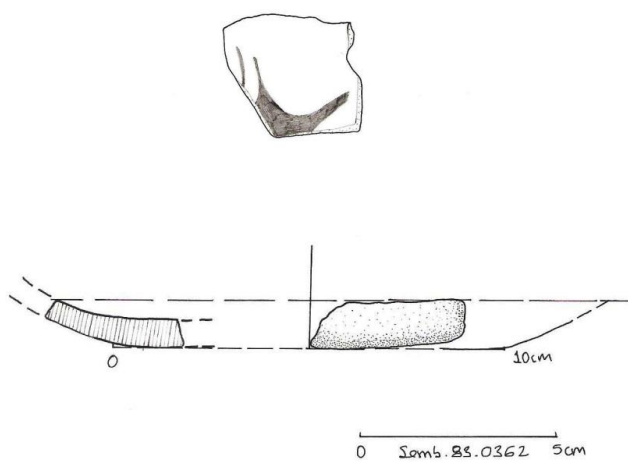
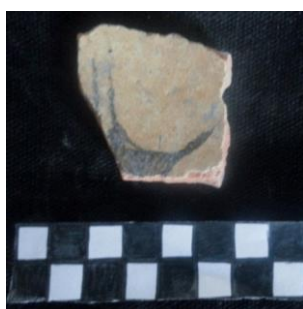
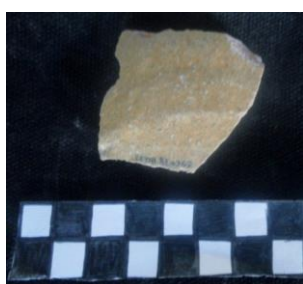


Fig.21 - Semb.83.0362

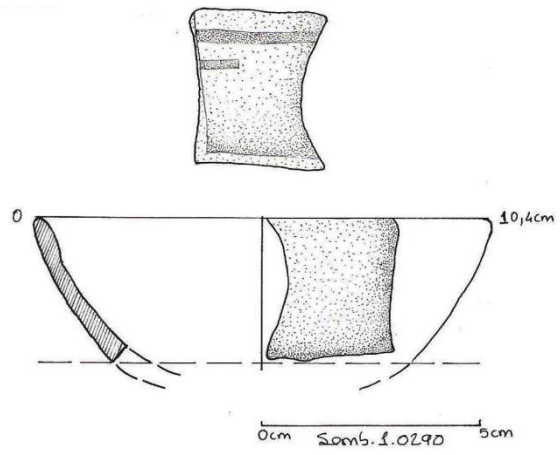


Fig.22 - Semb.1.0290

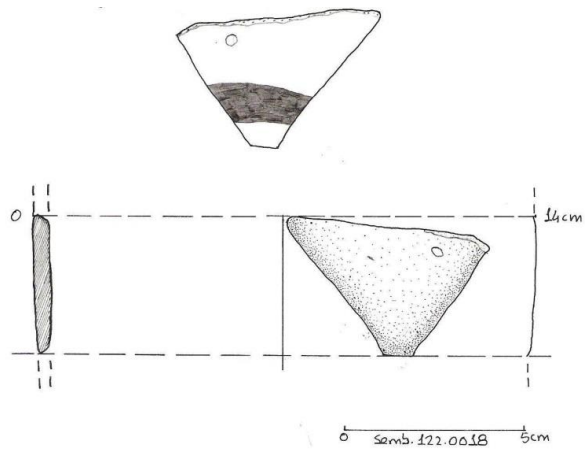


Fig.23 - Semb.122.0018

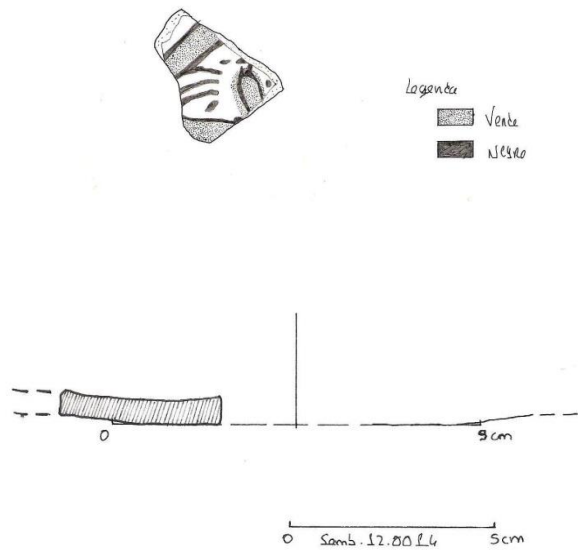
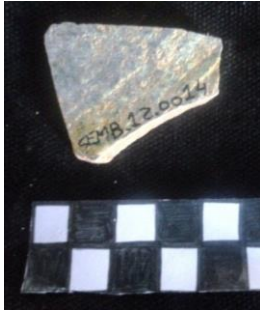
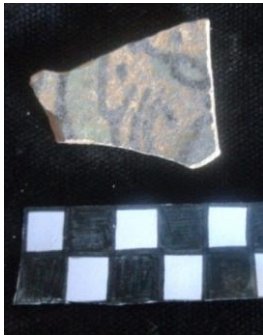


Fig.24 - Semb.12.0014

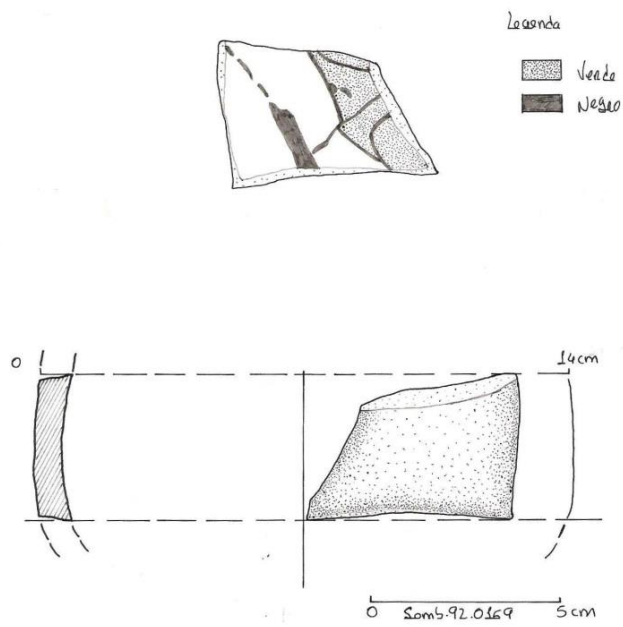
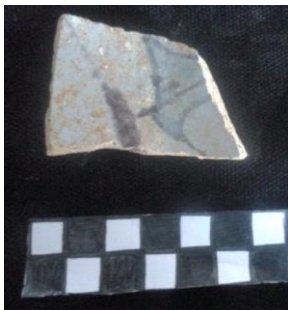


Fig.25 - Semb.92.0169

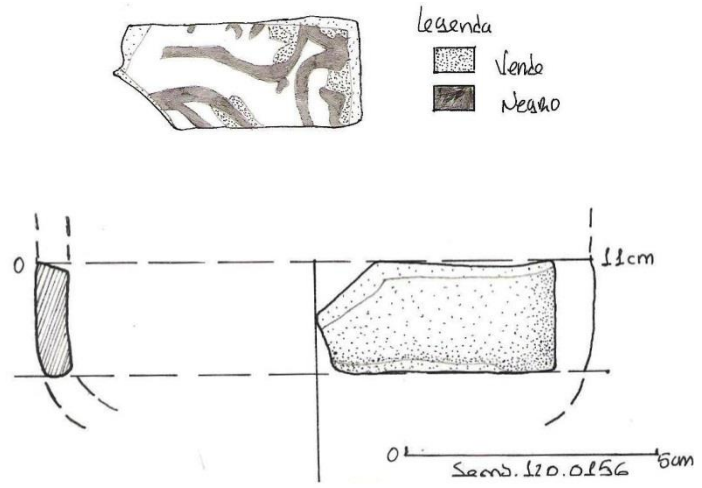


Fig.26 - Semb.120.0156

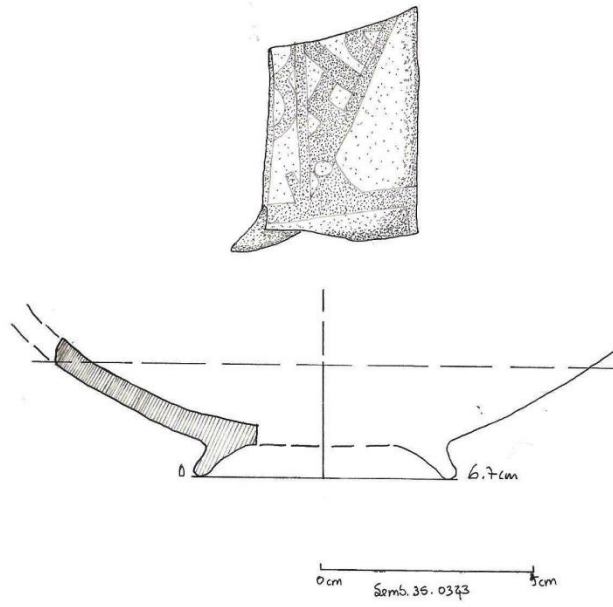
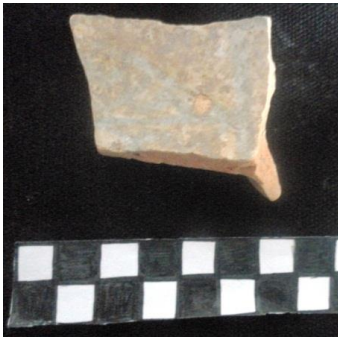


Fig.27 - Semb.35.0343

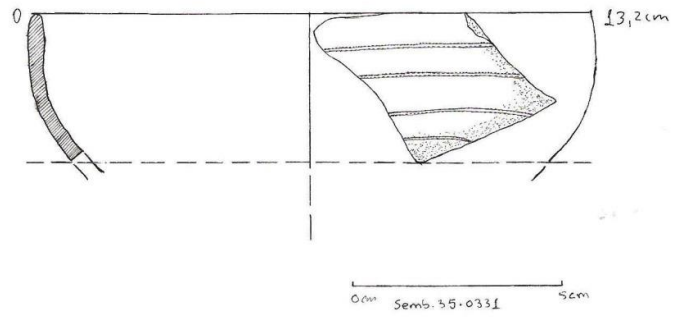
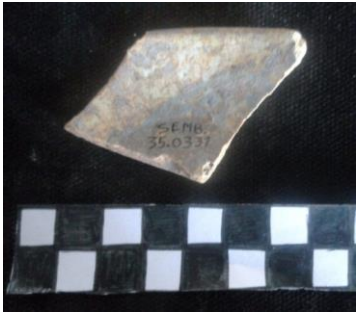


Fig.28 - Semb.35.0331

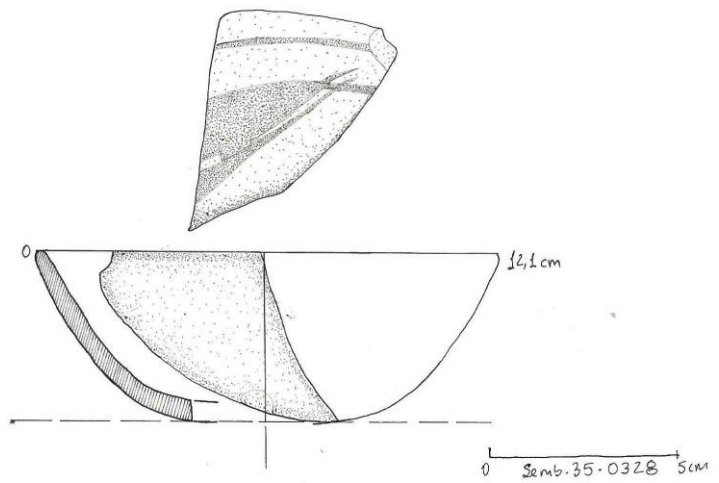


Fig.29 - Semb.35.0328

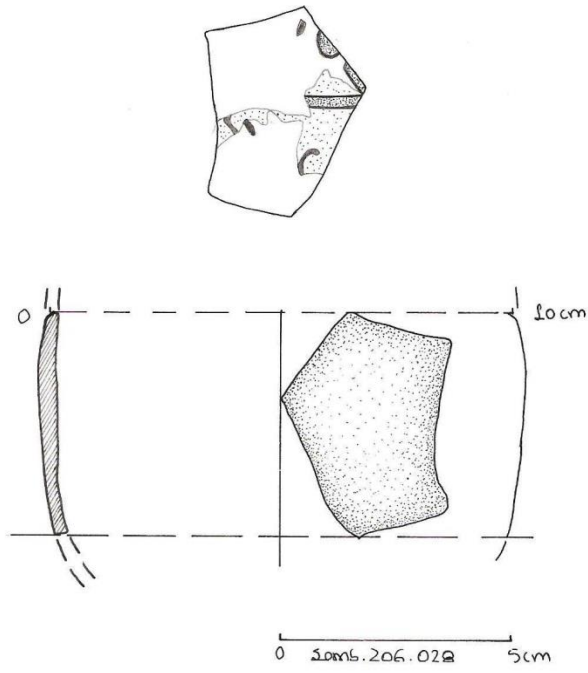


Fig.30 - Semb.206.028

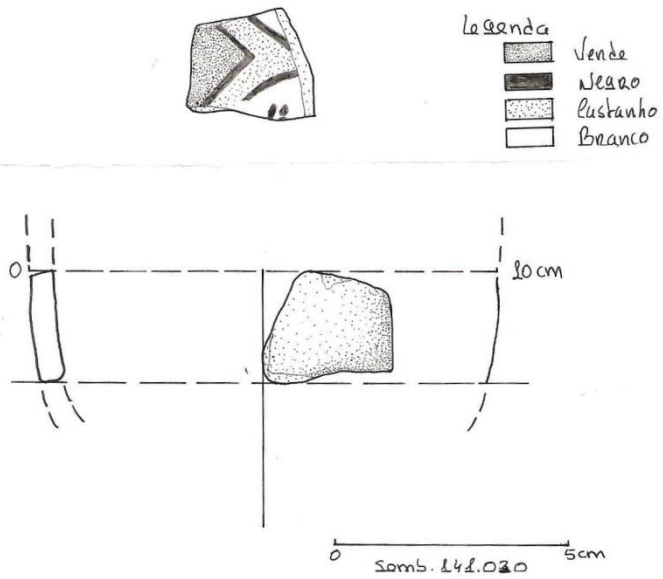


Fig.31 - Semb.141.030

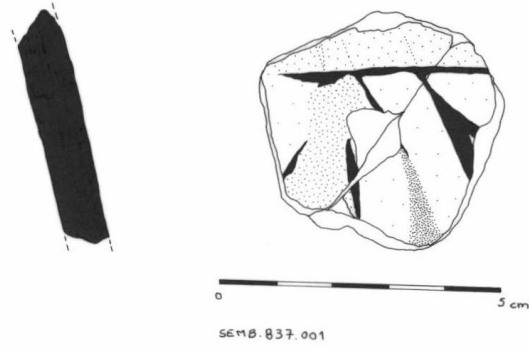


Fig.32 - Semb.171.261

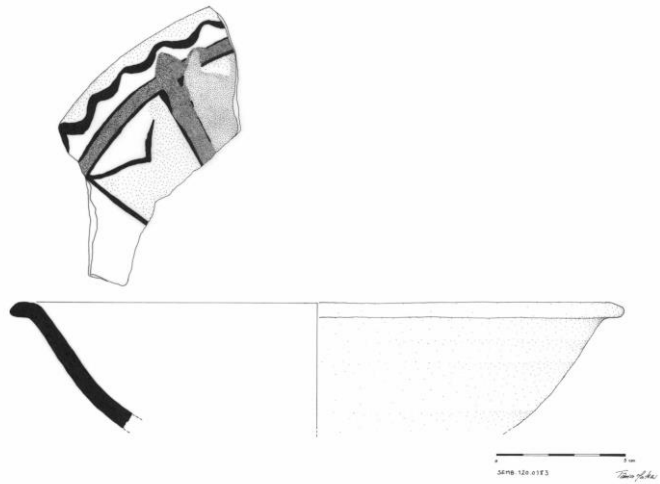


Fig.33 - Semb.120.0183

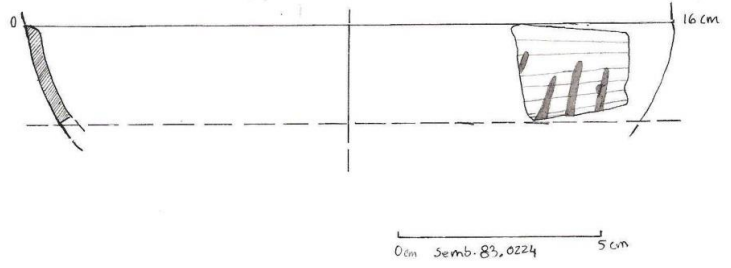


Fig.34 - Semb.83.0224

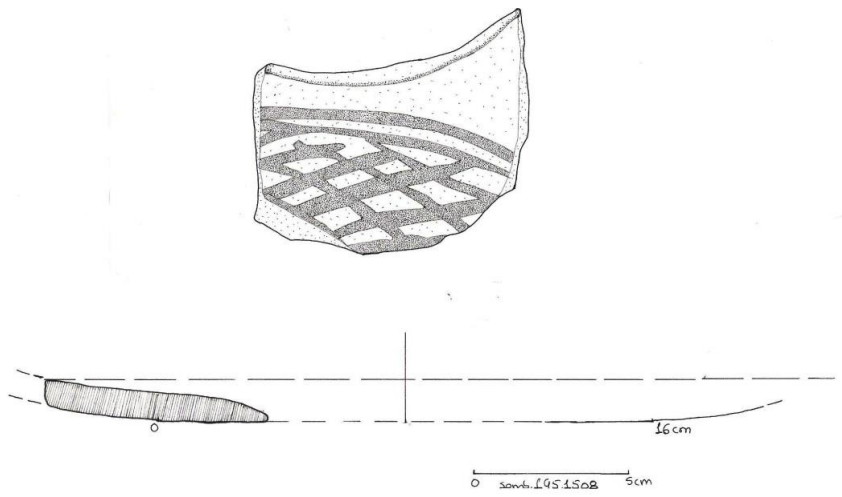


Fig.35 - Semb.195.1508

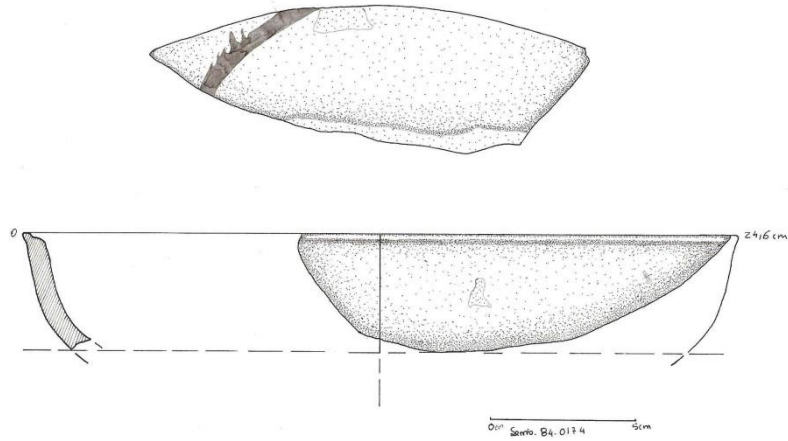
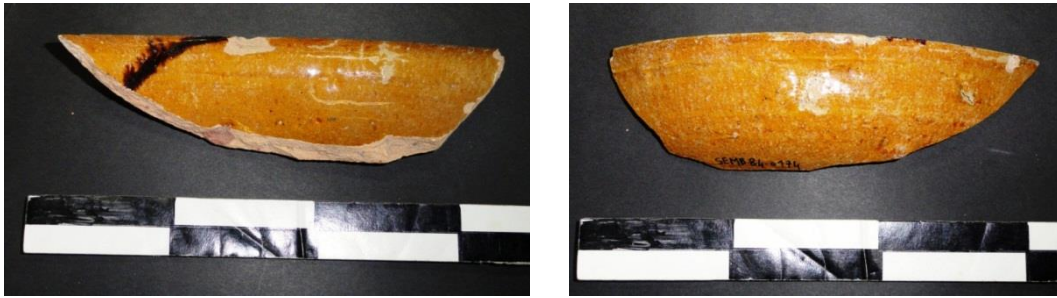
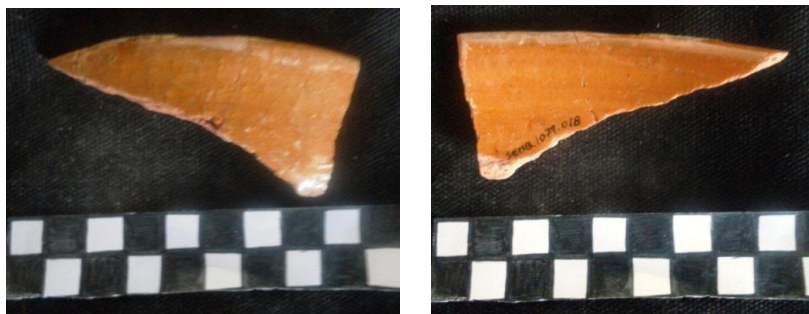


Fig.36 - Semb.84.0174



Semb. 1079.018

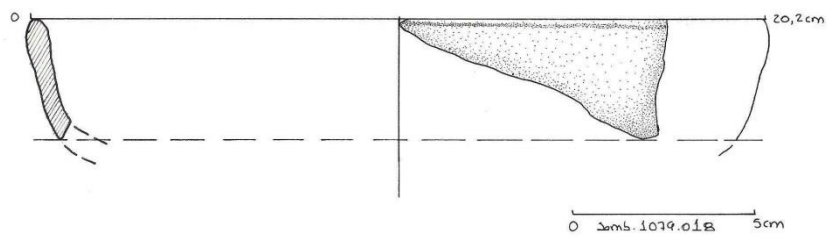


Fig.37 - Semb.1079.018

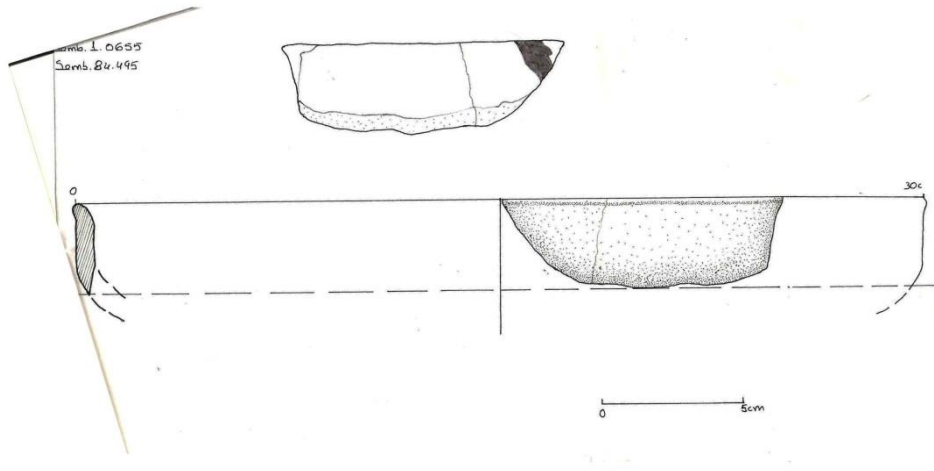


Fig.38 - Semb.1.0655 e Semb.84.495

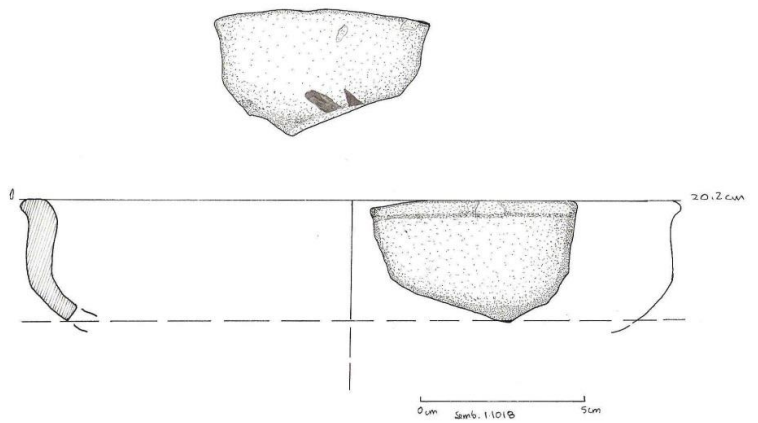


Fig.39 - Semb.1.1018

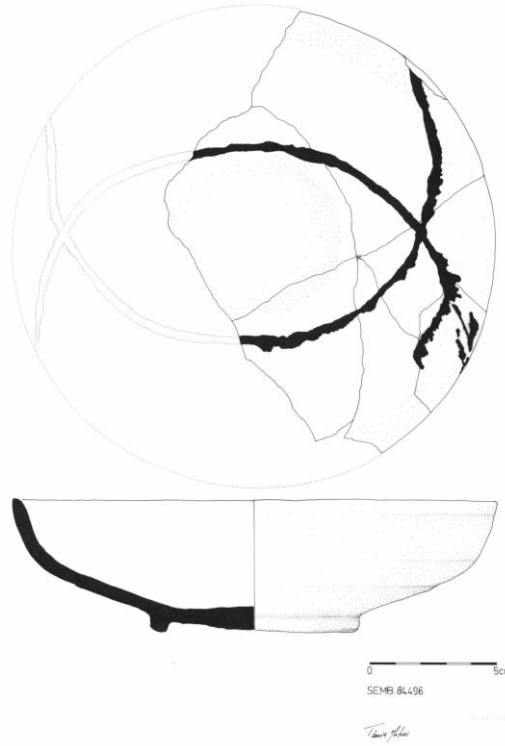


Fig.40 - Semb.84.496

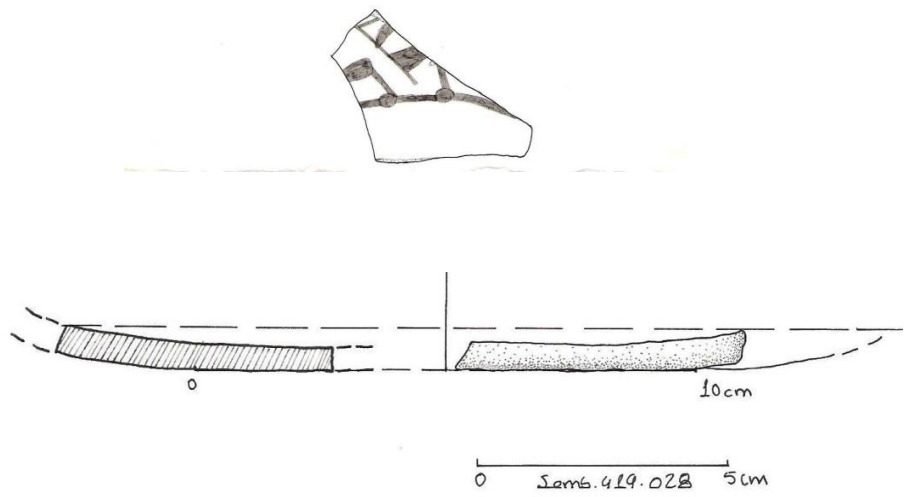
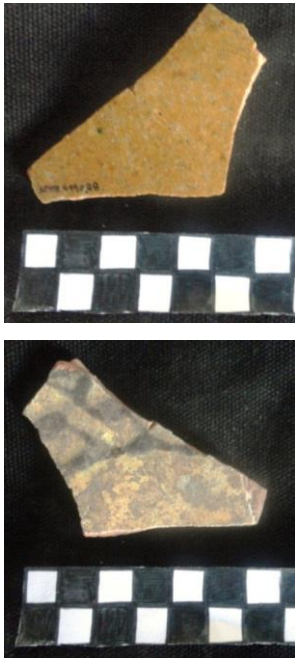


Fig.41 - Semb.419.028

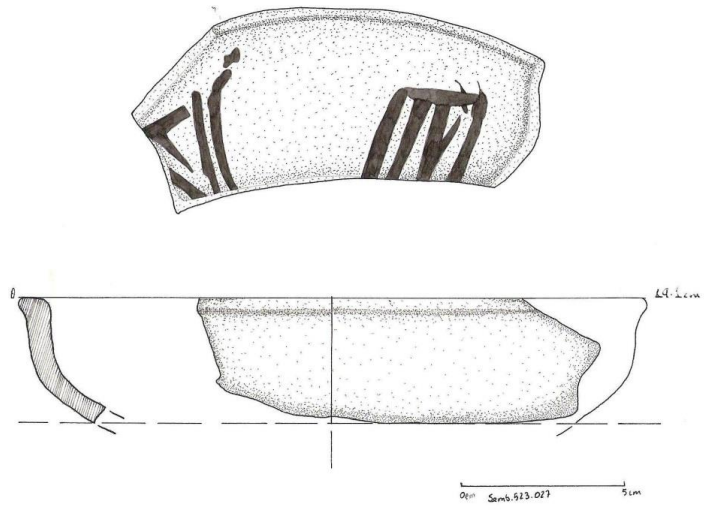


Fig.42 - Semb.523.027

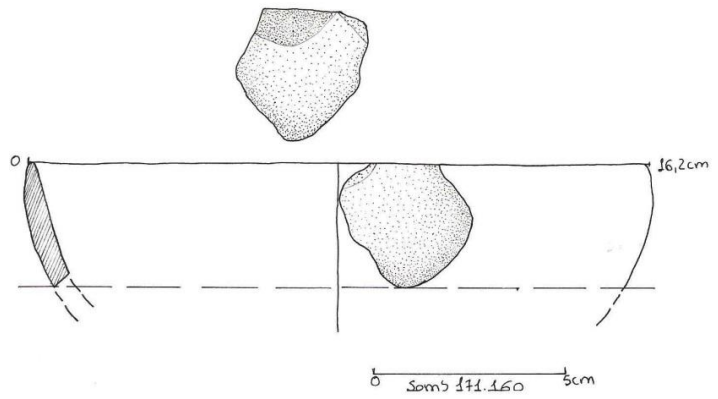


Fig.43 - Semb.171.160

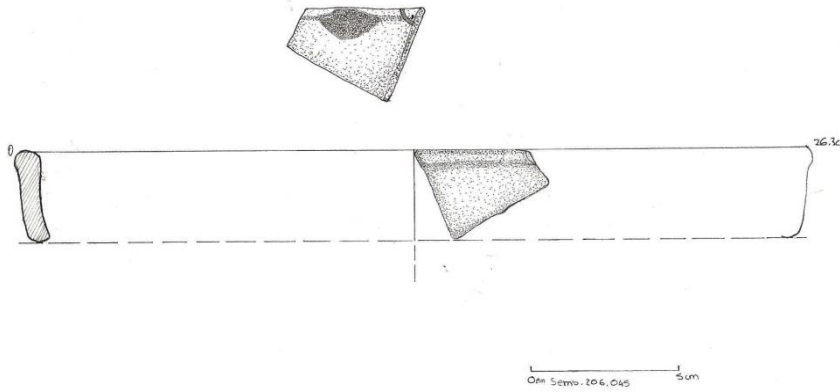
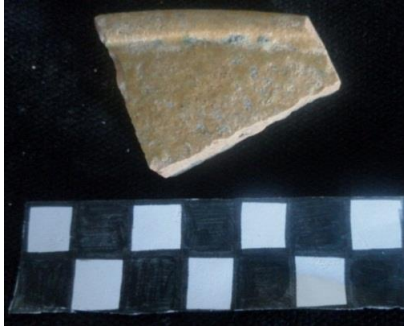
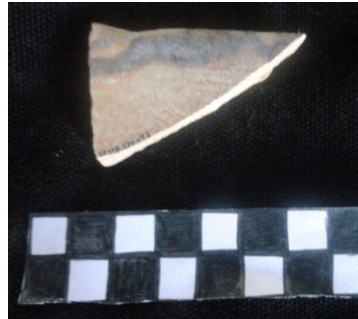


Fig.44 - Semb.206.045



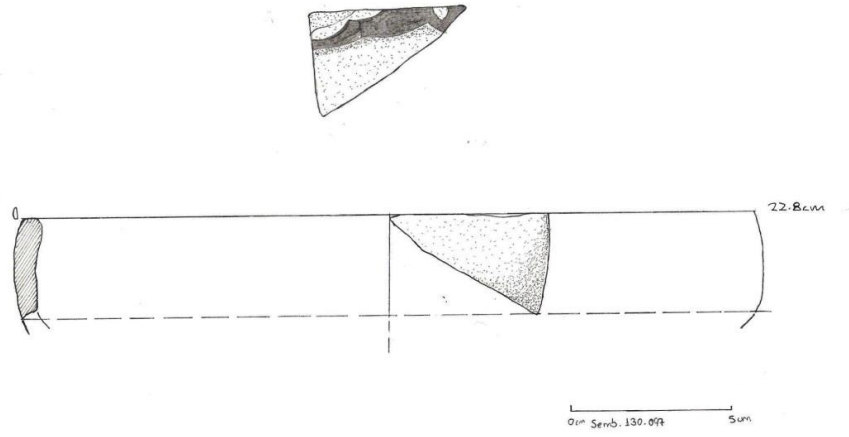


Fig.45 - Semb.130.097

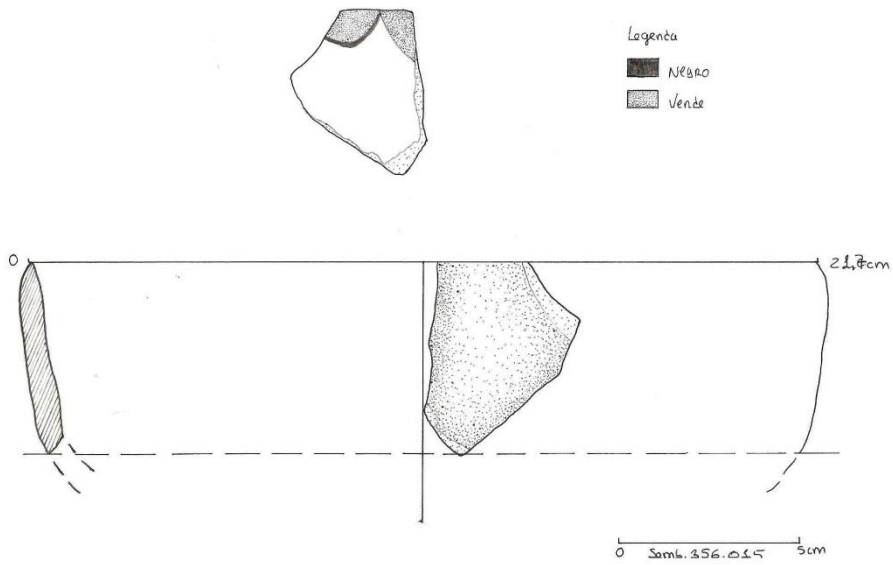
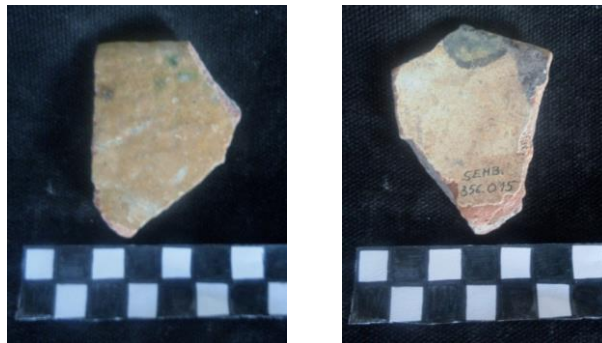


Fig.46 - Semb.356.015

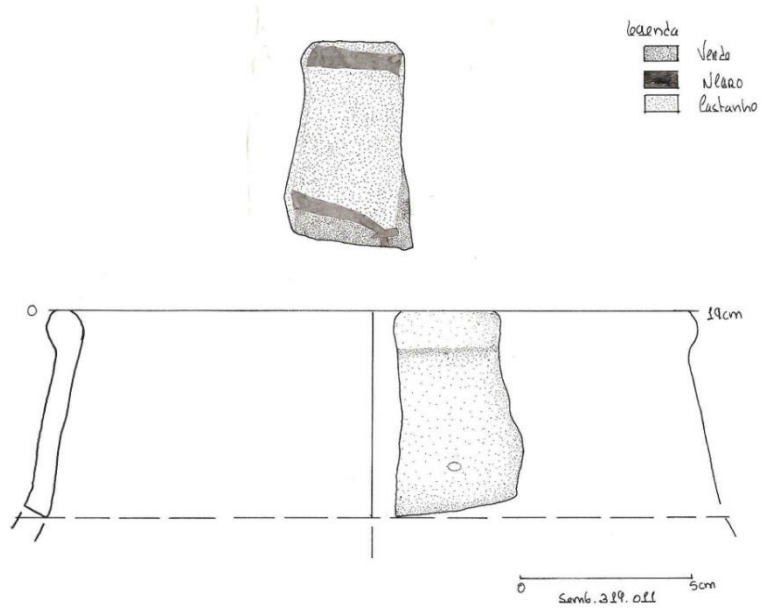
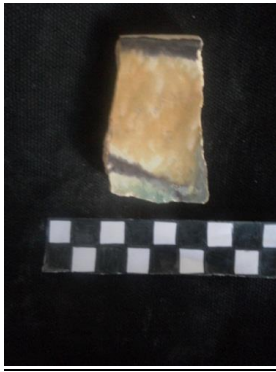


Fig.47 - Semb.319.011

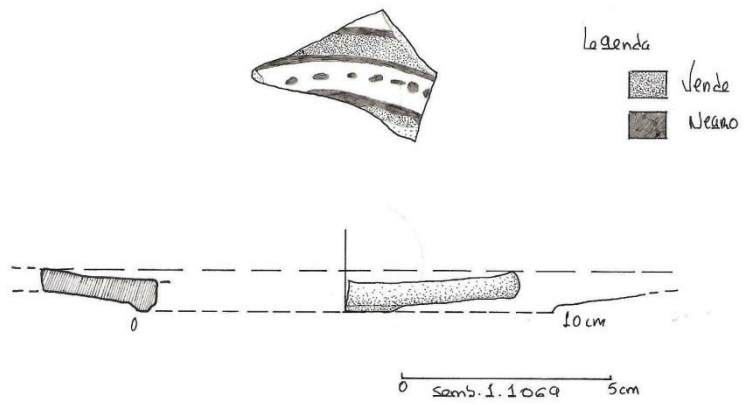
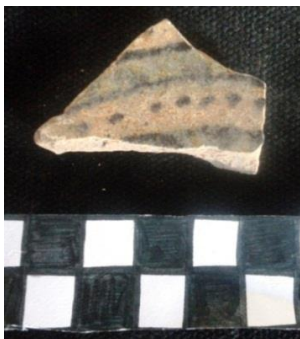


Fig.48 - Semb.1.1069

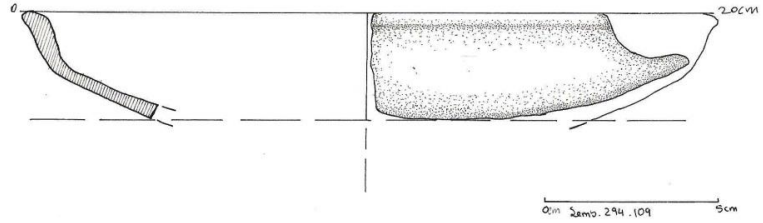
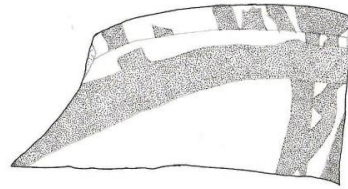


Fig.49 - Semb.294.109

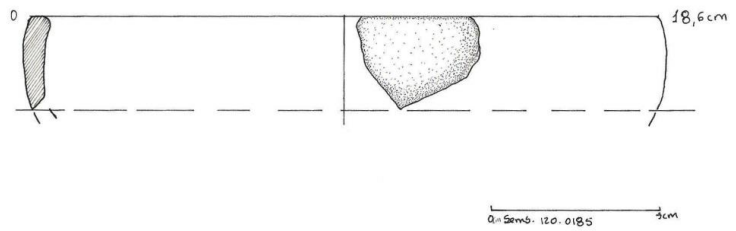
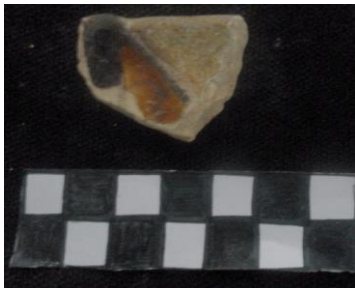


Fig.50 - Semb.120.0185

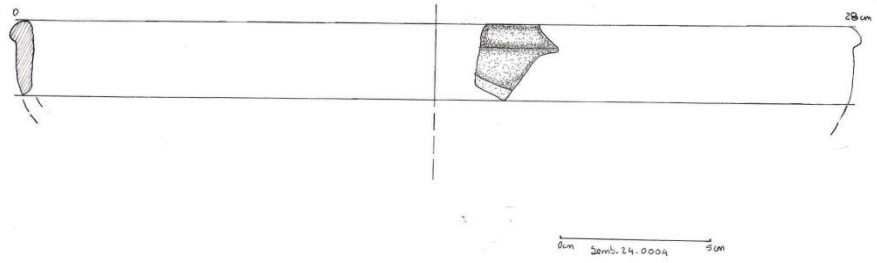


Fig.51 - Semb.24.0004

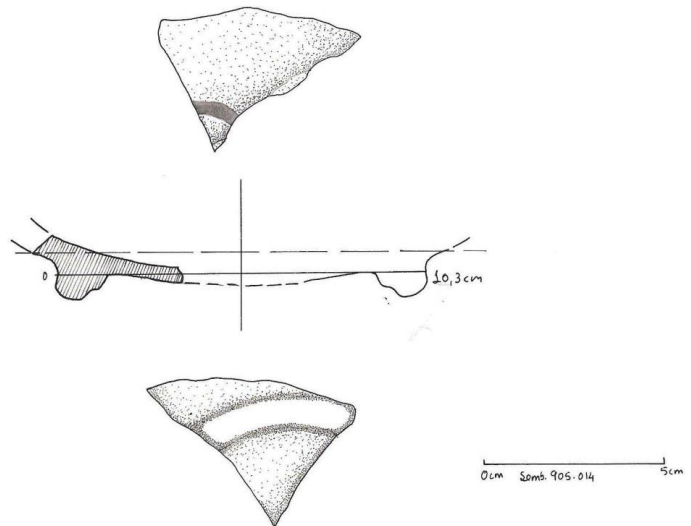
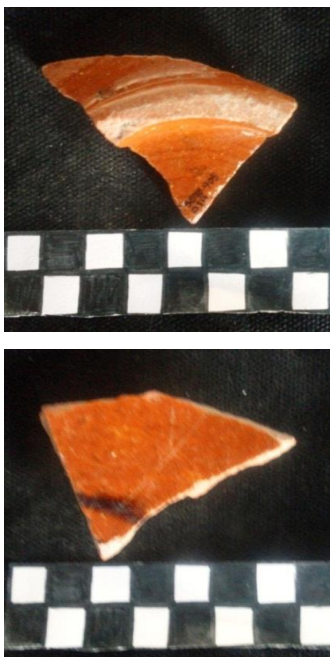


Fig.52 - Semb.905.014

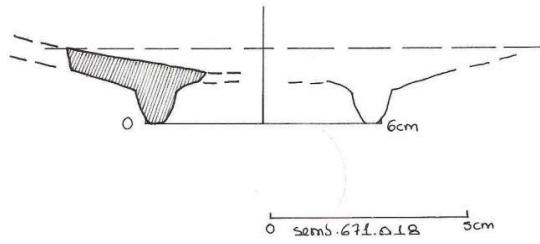


Fig.53 - Semb.671.018

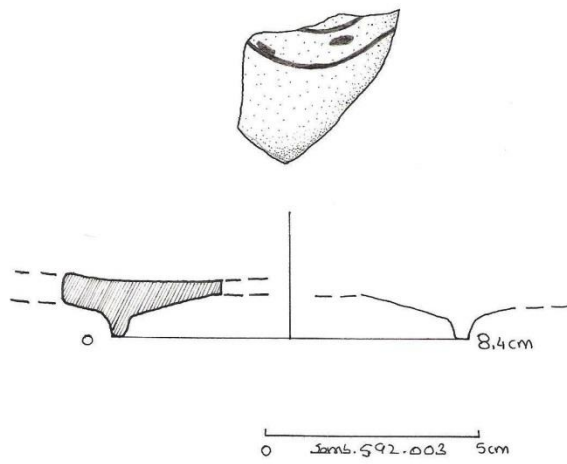


Fig.54 - Semb.592.003

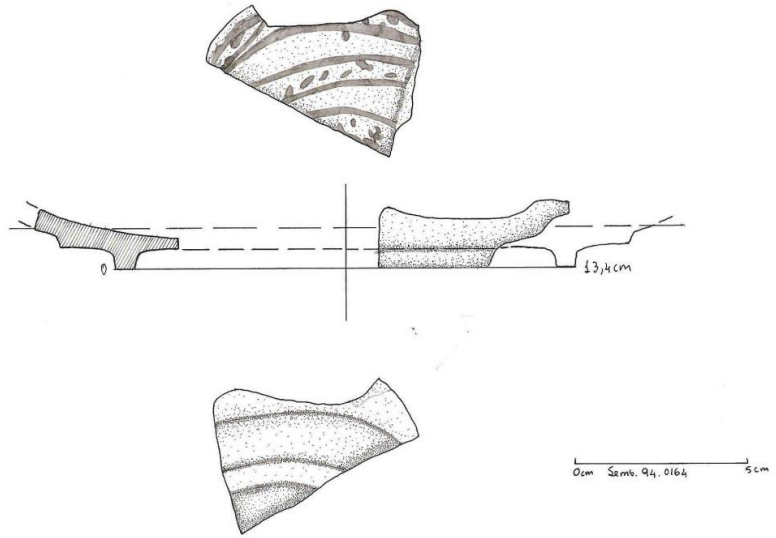
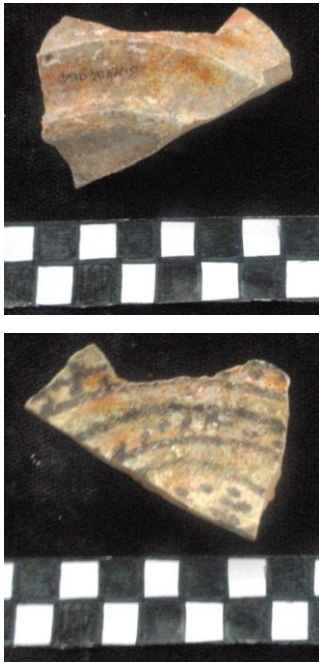


Fig.55 - Semb.94.0164

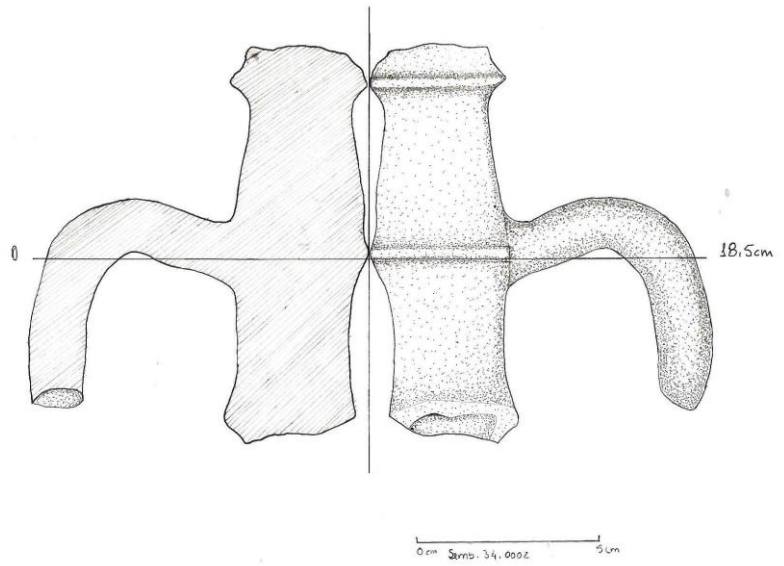


Fig.56 - Semb.34.0002

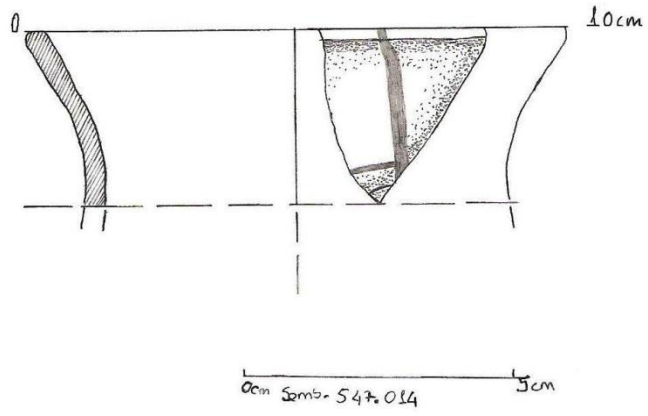


Fig.57 - Semb.547.014

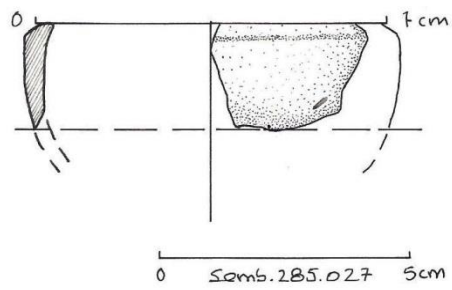


Fig.58 - Semb.285.027

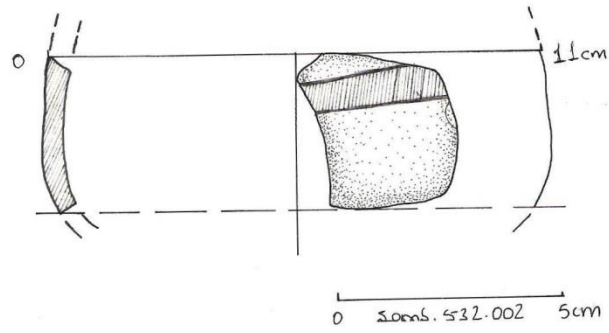


Fig.59 - Semb.532.002

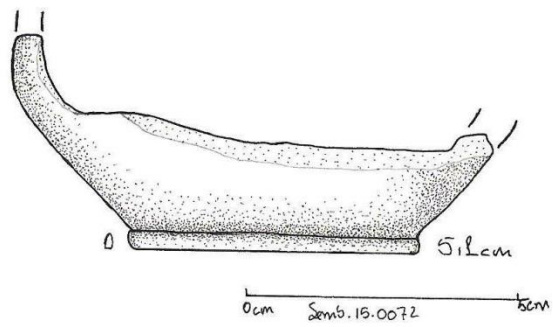


Fig.60 - Semb.15.0072

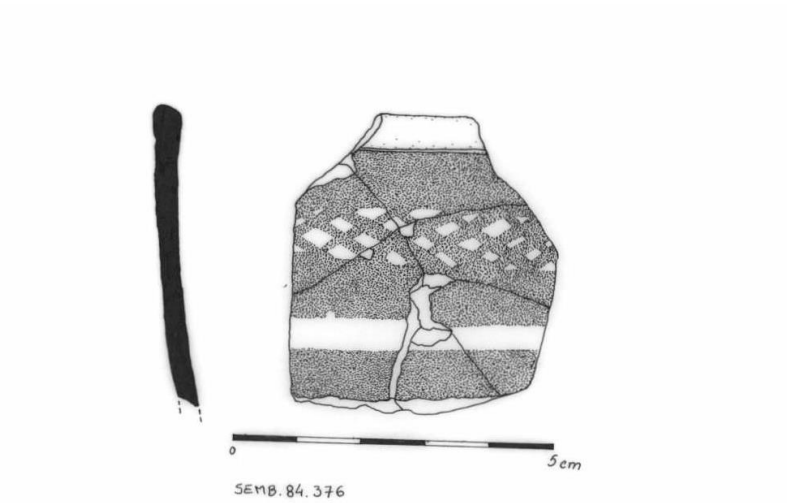


Fig.61 - Semb.84.376

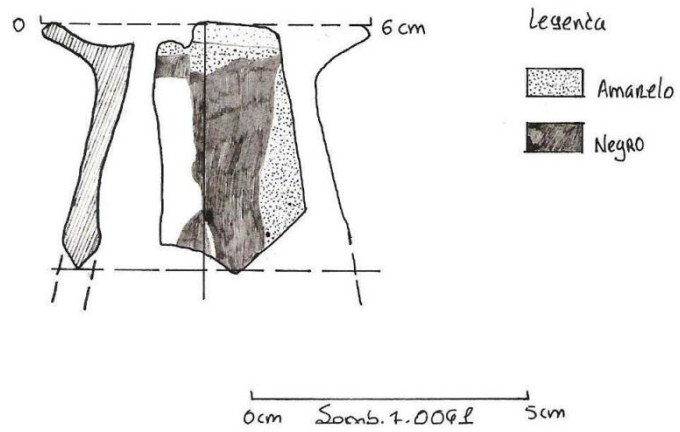
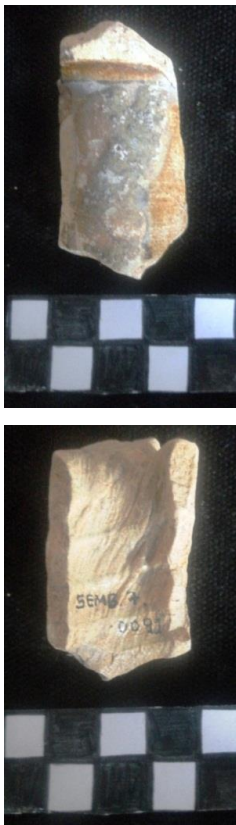


Fig.62 - Semb.7.0091



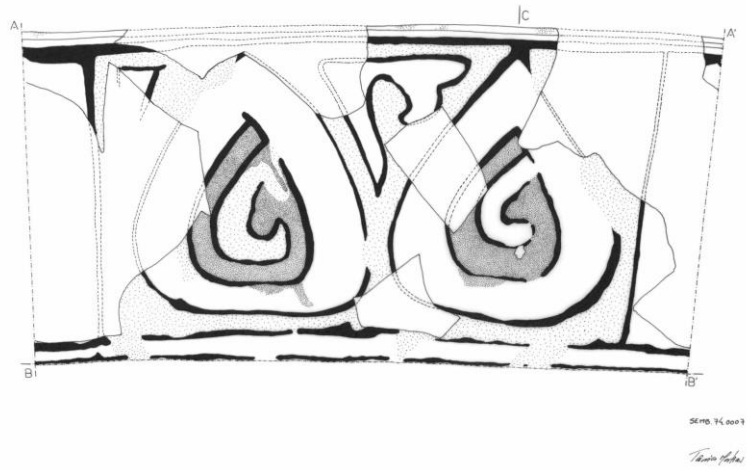


Fig.63 - Semb.74.0007

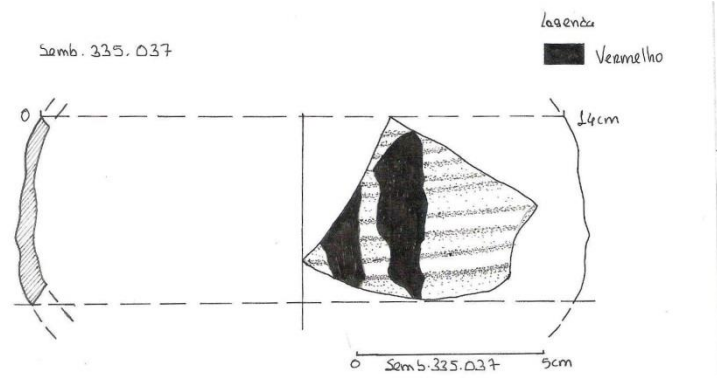


Fig.64 - Semb.335.037

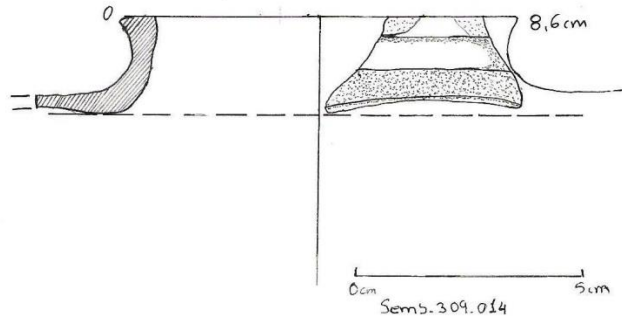


Fig.65 - Semb.309.014

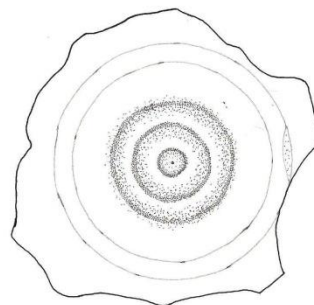
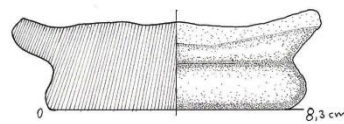
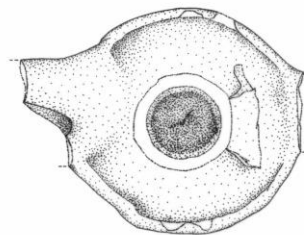
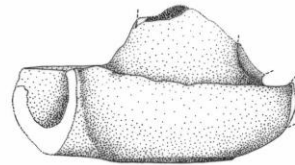


Fig.66 - Semb.195.175



SEMB.298051
Candil - ceramica comun
B.1.1/1999
Thore Arici (Gruze)

Fig.67 - Semb.298. 051



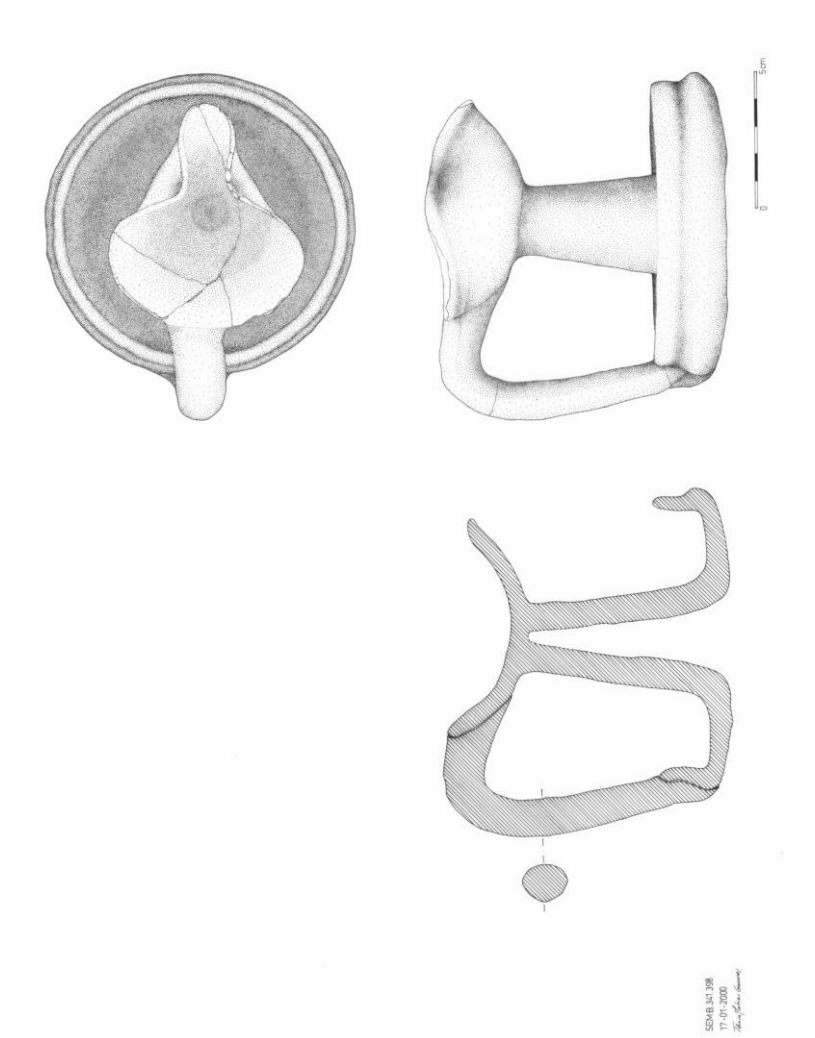


Fig.68 - Semb.341.398

Inventário

Referência	Forma	Tipologia
Semb.7.0083	Fundo	Indeterminada
Semb.298.051	Reservatório	Candil
Semb.551.001	Reservatório	Candil
Semb.16.0110	Reservatório	Candil
Semb.538.018	Reservatório	Candil
Semb.83.0280	Reservatório	Candil
Semb.1.0922	Bico	Candil
Semb.905.014	Fundo	Taça
Semb.671.018	Fundo	Taça
Semb.84.0174	Bordo	Tijela
Semb.1079.018	Bordo	Tijela
Semb.1.0655 e Semb.84.495	Bordo	Tijela
Semb.1.1018	Bordo e fundo	Tijela
Semb.755.003	Bordo	Pote
Semb.84.496	Bordo	Tijela
Semb.15.0072	Fundo	Jarro / Jarra
Semb.7.0090	Gargalo e início de corpo	Bilha
Semb.341.398	Prato, pé alto, pequeno bico	Candeia
Semb.34.0002	Bordo	Jarro
Semb.523.027	Bordo e fundo	Tijela
Semb.195.1508	Fundo	Tijela
Semb.784.064	Bordo e fundo	Tijela
Semb.94.0164	Fundo	Tijela
Semb.35.0343	Fundo	Taça
Semb.35.0331	Bordo	Taça
Semb.35.0328	Bordo	Taça
Semb.44.0075 e Semb.44.0074	Bojo	Taça / Tijela
Semb.319.011	Bordo	Tijela
Semb.1.1069	Bojo	Tijela
Semb.130.097	Bordo	Tijela
Semb.419.028	Bojo	Tijela
Semb.199.089	Bordo	Taça / Tijela
Semb.177.069	Bojo	Taça
Semb.83.0362	Fundo	Taça
Semb.12.0014	Bojo	Taça
Semb.1.0290	Bordo	Taça
Semb.12.0020	Bojo	Bilha
Semb.390.005	Fundo	Taça / Tijela
Semb.92.0169	Bojo	Taça
Semb.592.003	Fundo	Tijela

Semb.206.028	Bojo	Taça
Semb.171.160	Bordo	Tijela
Semb.24.0004	Bordo	Tijela
Semb.206.045	Bordo	Tijela
Semb.356.015	Bordo	Tijela
Semb.402.001	Bojo	Taça / Tijela
Semb.309.014	Bordo	Pote
Semb.353.090	Bordo	Jarro /Jarra
Semb.335.037	Bojo	Pote
Semb.294.109	Bordo e fundo	Tijela
Semb.84.376	Bojo	Jarrinha
Semb.67.129	Bojo	Jarro / Jarra
Semb.429.032	Bordo	Indeterminada
Semb.130.113	Bojo	Jarro / Jarra
Semb.51.0138	Asa	Asa
Semb.439.001	Bordo	Jarro / Jarra
Semb.56.0110	Bojo	Jarro / Jarra
Semb.109.0895	Bojo	Pote?
Semb.158.046	Bojo	Taça
Semb.83.0224	Bojo	Taça
Semb.120.0156	Bojo	Taça
Semb.128.013	Bojo	Pote
Semb.784.047	Peça	Panela
Semb.281.074	Bordo	Indeterminada
Semb.380.280	Bojo e asa	Panela
Semb.1.0304	Peça	Trempe
Semb.88.0003	Reservatório	Candil
Semb.1.3279 e Semb.1.3221	Reservatório	Candil
Semb.122.0018	Bojo	Taça
Semb.12.0009	Fundo	Jarro / Jarra
Semb.356.163	Bordo	Taça
Semb.356.163	Bojo	Taça / Tijela
Semb.141.030	Bojo	Taça
Semb.171.261	Bojo	Taça
Semb.120.0183	Bordo	Taça
Semb.74.0007	Peça	Bilha
Semb.120.0185	Bordo	Tijela
Semb.195.1563	Bojo	Talha
Semb.(a1)	Corpo com pequena porção de gargalo	Talha
Semb.195.1027	Bojo	Pote?
Semb.7.0091	Gargalo e início de corpo	Bilha
Semb.341.397	Peça	Cântaro
Semb.22.0172	Bordo	Taça

Semb.1.0643	Fundo	Indeterminada
Semb.285.027	Bordo	Jarro
Semb.(b)	Bojo	Talha
Semb.(c1)	Bojo e asa	Talha
Semb.(d)	Bojo	Talha
Semb.(e)	Gargalo e início de corpo	Talha
Semb.400.063	Fundo	Alguidar?
Semb.341.407	Bojo	Pote?
Semb.7.0101	Bojo	Alguidar?
Semb.130.033	Reservatório	Candil
Semb.83.0210	Bordo	Taça
Semb.195.182	Fundo	Taça / Tijela
Semb.171.262	Fundo	Taça
Semb.270.021	Bojo	Taça / Tijela
Semb.547.014	Bordo	Jarro
Semb.532.002	Bojo	Jarro / Jarra
Semb.462.008	Bojo	Indeterminada
Semb.593.124	Bojo e asa	Pote?
Semb.125.0318	Fundo	Alguidar?
Semb.296.013	Fundo	Jarro / Jarra
Semb.195.175	Fundo	Pote
Semb.135.128	Bordo	Taça
Semb.87.0140	Bojo	Indeterminada
Semb.83.0334	Bojo	Taça?
Semb.92.0170	Bojo	Taça?
Semb.1.3603	Bojo	Indeterminada
Semb.399.268	Bojo	Indeterminada
Semb.255.060	Bojo	Indeterminada
Semb.92.0165	Bojo	Indeterminada
Semb.67.083	Bojo	Taça
Semb.156.0045	Bojo	Indeterminada
Semb.104.0101	Bordo	Indeterminada
Semb.488.001	Fundo	Indeterminada
Semb.118.0092	Fundo	Indeterminada
Semb.399.348	Reservatório	Candil
Semb.593.273	Fundo	Indeterminada
Semb.84.0105	Bojo	Indeterminada
Semb.130.105	Bojo	Indeterminada
Semb.350.086	Bojo	Indeterminada
Semb.339.374	Reservatório	Candil
Semb.126.150	Reservatório	Candil
Semb.30.007	Reservatório	Candil
Semb.1.2669	Bico	Candil
Semb.130.089	Reservatório	Candil

Semb.84.557	Bico	Candil
Semb.83.0200	Reservatório	Candil
Semb.21.050	Reservatório	Candil
Semb.1.0298	Bico	Candil
Semb.62.0221	Bico	Candil
Semb.1.2668	Bico	Candil
Semb.1.0877	Bico	Candil
Semb.177.114	Reservatório	Candil
Semb.12.0017	Bojo	Indeterminada
Semb.1.0667	Bojo	Indeterminada
Semb.104.0102	Bojo	Taça
Semb.7.0088	Gargalo	Garrafa
Semb.245.069	Reservatório	Candil
Semb.391.001	Bordo	Indeterminada
Semb.22.0023	Fundo	Taça?
Semb.361.036	Fundo	Taça / Tijela
Semb.14.0100	Fundo	Taça?
Semb.116.0077	Bojo	Indeterminada
Semb.1.2688	Bojo	Indeterminada
Semb.156.0048	Bojo	Taça?
Semb.392.050	Bojo	Indeterminada
Semb.24.0169	Bordo	Indeterminada
Semb.63.0062	Bordo	Taça / Tijela
Semb.186.182	Bordo	Taça / Tijela
Semb.341.527	Fundo	Indeterminada
Semb.23.0080	Bojo	Indeterminada
Semb.397.292	Fundo	Indeterminada
Semb.522.025	Fundo	Indeterminada
Semb.324.007	Bojo	Indeterminada
Semb.386.258	Fundo	Pote?
Semb.397.287	Pega	Pega
Semb.74.0079	Bojo	Indeterminada
Semb.1.0295	Bojo	Taça
Semb.12.0016	Bojo	Indeterminada
Semb.109.0500	Bojo	Indeterminada
Semb.148.004	Fundo	Indeterminada
Semb.128.9641	Fundo	Tijela
Semb.122.0019	Bojo	Indeterminada
Semb.150.011	Bico	Candil
Semb.592.076	Bico	Candil
Semb.134.043	Bojo	Indeterminada
Semb.1.0884	Bojo	Indeterminada
Semb.195.013	Bojo	Indeterminada
Semb.236.179	Bojo	Pote?
Semb.195.1469	Bico	Candil

Semb.339.155	Bojo	Indeterminada
Semb.521.009	Bojo	Indeterminada
Semb.521.015	Bojo	Pote
Semb.294.107	Bojo	Indeterminada
Semb.333.151	Bojo	Pote?
Semb.1.1128	Bojo	Pote?
Semb.195.002	Bojo	Indeterminada
Semb.94.0096	Bojo	Taça?
Semb.5.0031	Bojo	Indeterminada
Semb.439.315	Bojo	Indeterminada
Semb.393.021	Bojo	Pote?
Semb.439.023	Bojo	Indeterminada
Semb.521.020	Bojo	Taça
Semb.367.023	Bojo	Pote?
Semb.769.076	Bojo	Taça / Tijela
Semb.970.028	Fundo	Taça / Tijela
Semb.800.139	Bojo	Indeterminada
Semb.633.456	Bordo	Indeterminada
Semb.692.008	Bojo	Indeterminada
Semb.800.145	Bojo	Taça / Tijela
Semb.195.862	Bojo	Indeterminada
Semb.88.0112	Bojo	Taça
Semb.444.004	Bojo	Indeterminada
Semb.522.009	Fundo	Indeterminada
Semb.16.0116	Fundo	Indeterminada
Semb.103.025	Bojo	Indeterminada
Semb.521.010	Bojo	Jarro / Jarra
Semb.053.072	Bico	Candil
Semb.92.0002	Bojo	Taça / Tijela
Semb.1.1032 e Semb.1.4032	Bojo	Indeterminada
Semb.769.004	Bojo	Tijela
Semb.703.066	Bojo	Indeterminada
Semb.760.037	Fundo	Taça / Tijela
Semb.521.016	Bordo	Taça
Semb.120.0165	Bojo	Indeterminada
Semb.120.0169	Bojo	Indeterminada
Semb.12.0018	Bojo	Taça
Semb.184.002	Bico	Candil
Semb.12.0015	Bojo	Indeterminada
Semb.341.525	Bico	Candil
Semb.250.008	Bico	Candil
Semb.530.039	Fundo	Taça / Tijela
Semb.630.038	Bojo	Taça / Tijela
Semb.16.0104	Bordo	Tijela
Semb.42.0167	Bojo	Indeterminada

